Rev. V.
119
RES 30

ATLANTIDA

LA MISSIONE DELLA DONNA — Por Gina LOMBROSO FERRERO.

O INTERCAMBIO MUSICAL — Por ANTONIO ARROYO.

CORRESPONDENCE ARTISTIQUE — Por LOUIS VAUXCELLES.

DIVIDA A COBRAR (sobre D. Francisco M. de Mello) — Por AFRANIO PEIXOTO.

TROIS GENERATIONS — Trois écrivains — Por FRANCIS DE MIOMANDRE.

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

COLLABORAÇÃO DE:

João Saraiva, Bento Carqueja, Tristão de Athayde, Faure-Biguet, Teixeira de Carvalho, Olavo Bilac, Magalhães de Azeredo, Mario Beirão, Aquilino Ribeiro, Lebre e Lima, João de Barros, etc.

ANO IV

N.º 41

ATLANTIDA

DIRECTORES: Para o Brasil: JOÃO DO RIO
Para a França: GRAÇA ARANHA
Para Portugal: JOÃO DE BARROS

Director gerente: NUNO SIMÕES — Secretario de Redacção: VERGILIO CORREIA

Ano IV — SUMÁRIO — **N.º 41**

O intercambio musical entre Portugal e o Brazil. Antonio Arroio.
La Missione della Donna ..... Gina Lombroso Ferrero.
Correspondence artistique ..... Louis Vauxcelles.
Versos a minha neta ..... João Saraiva.
Divida a cobrar (Sobre D. Francisco Manuel de Melo) ..... Afranio Peixoto.
Nomadismo dos civilisados ..... Bento Carqueja.
Crónica Literaria do Brazil ..... Tristão de Athayde.
La Vie à Paris ..... I. N. Faure-Biguet.
O pintor Sequeira em Italia ..... Teixeira de Carvalho.
Trois generations — Trois écrivains ..... Francis de Miomandre.
Camilo, autografo de ..... Olavo Bilac.
Afinidades e Dissonancias ..... Magalhães de Azeredo.
Evocação ..... Mario Beirão.
O moleiro, o fidalgo e o diabo ..... Aquilino Ribeiro.
Serenidade ..... João de Lebre e Lima.

REVISTA DO MÊS

João do Rio.
Reflexões — A Espanha, o Brazil e Portugal .... João de Barros.

O MÊS LITERARIO

NOTICIAS & COMENTARIOS

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 números) ..... 6$00

PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

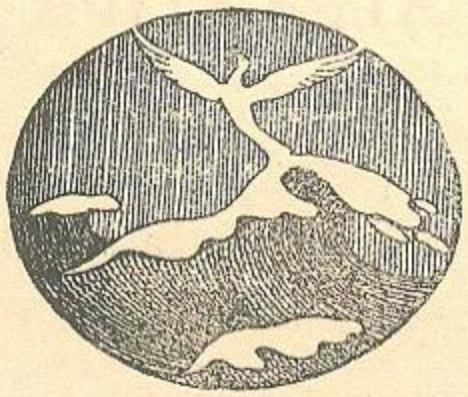
Um ano (12 números) ..... Frs. 25

Número avulso em Portugal $60

REDACÇÃO: Conde Barão, 49
ADMINISTRAÇÃO: Rua Nova do Carmo, 35, 2.º — LISBOA

ATLANTIDA

ORGÃO DO PENSAMENTO LATINO NO BRAZIL E EM PORTUGAL



VOLUME XI

ANO IV N.º 41

ATLANTIDA

DIRECTORES:

PARA O BRASIL: João do Rio

PARA FRANÇA: Graça Aranha

PARA PORTUGAL: João de Barros

DIRECTOR GERENTE:

Nuno Simões

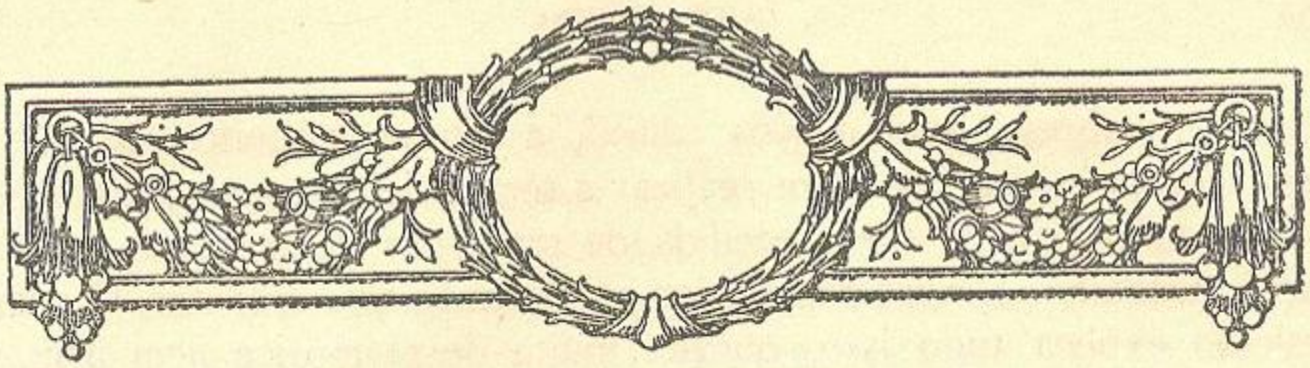
EDITOR: Sebastião Mesquita

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL, Praça dos Restauradores, 24 — LISBOA



O intercambio musical entre Portugal e o Brazil

Antonio Arroyo, o critico d'arte admirado e estimado, acaba de nos enviar as paginas interessantissimas escriptas para apresentação da missão musical portugueza ao Brazil. Vivamente lhe agradecemos a sua valiosa colaboração.

A consciencia que, dia a dia, se vai radicando entre nós da valiosa influencia do Brazil na nossa vida como nação, sob qualquer aspecto por que ela se considere — economico, moral, intelectual, artistico — tem a pouco e pouco acordado energias latentes e preguiçosas com bom proveito para os dois paises, numa comunidade iniludivel de interesses que muitos desejariam vêr, tanto quanto possivel, convertida numa completa unificação. Varias causas concorreram para a retardar e, entre elas, afigura-se-me preponderante a nossa ingenita indolencia nacional, o desleixo português, o abandono a que nos entregamos, numa confiante atmosfera de fatalismo e vaidade.

Indubitavelmente os interesses mentais dos brasileiros e dos portugueses divergem, sendo que por vezes o prato da balança pende a favor dos primeiros, com flagrante evidencia que muitos persistem em não querer vêr, ou admitir. Mas ainda bem que nem todos assim pensam; e já não são poucos os que trabalham, cá no velho ocidente, para realizar essa obra de unificação a que me referi. E, como de ha muito pertenço a este grupo de obreiros da obra nova, causa-me sempre grande prazer o aparecimento de mais um que vem comungar nessa crença e confirmar a justiça das minhas aspirações.

Neste momento é um grupo de artistas que procura patentear á observação dos brasileiros a produção musical portuguesa dos ultimos cento e cincoenta anos, a musica de opera que os portugueses

fizeram; empresa, sem duvida, dificil, a muitos respeitos, porque o exercicio da critica que deve realizar a séria seleccionação dos trechos a apresentar tem de ser precedida de trabalhos de pesquiza e excavação, trabalhos sempre demorados e soberanamente ingratos. O nosso desleixo explica tudo isso, porque muita dessa musica nem bem se sabe onde está, onde pára, e sempre que o português ouve as palavras — arquivo, coleccionação, sistematisação, classificação — todo se confrange e arrepia; porque essas são formulas contrarias á doce anarquia mental em que tem vivido.

Quanto esforço perdido, quanta beleza ignorada!

Mas naturalmente surgem imperativas as tremendas perguntas: «E que vale essa musica? Será de facto bela? Valerá o trabalho da sua excavação e estudo?»

Os italianos haviam creado a *opera-concerto*, a *opera europea*, que durante seculos serviu de modelo aos compositores de todo o mundo, e que deu variantes — a *opera bufa italiana*, a *opera comica francesa* e aquela outra a que M. Kufferath deu o nome de *opera panoramica*, um verdadeiro achado. Todos os compositores seguiram esses tipos e seus moldes e, entre eles, não podiam deixar de se contar os portugueses. A nossa musica culta foi, por isso mesmo, até ha poucos anos, quasi sempre musica italiana, raras vezes francesa, feita em Portugal. Ora evidentemente os italianos, mais do que qualquer outros, achavam-se num tal á vontade dentro desse organismo creado inicialmente por eles, que os outros eram ao pé deles palidos por via de regra. Aquela vestimenta não lhes assentava tão bem como aos creadores do tipo formal; e por isso tambem só os italianos ficavam e iam afastando e fazendo esquecer os outros.

E', entretanto, fóra de duvida que, na obra desses portugueses italianisantes, se encontram paginas de superior beleza a emparelhar com as melhores do estrangeiro. Refiro-me aos compositores hoje mortos, mas que eu ainda conheci e cujas composições ouvi no teatro: — O Arneiro, o Miguel Angelo Pereira e o Alfredo Keill. Incontestavelmente havia nessas composições muitos trechos de real beleza: — na *Derelitta*, no *Dom Bibas*, no *Eurico*, na *Ode a Camões* e nas operas do malogrado musico-pintor, que hoje vai sendo melhor apreciado do que o foi em vida. E não falo de alguns outros, nem dos mestres actuaes, porque só pretendo fazer historia e não critica, e tambem porque razões de ordem pessoal mo impõem. Além disso, temos as obras de Marcos Portugal, algumas das quais gosavam de verdadeira celebridade europeia no seu tempo, e hoje ninguem co-

nhece, nem bem sabe o que valem; e as de outros musicos que se lhe seguiram e foram representadas no teatro de S. Carlos.

Não seria, pois, da maior vantagem, por todos os motivos, que se procedesse a um estudo comparativo dessas composições, donde resultasse uma selecção de peças que aproveitassem aos nossos cantores e servissem de têma nas aulas do *bel canto*, como noutros paises se tem feito, relativamente á obra dos respectivos musicos?

Porque eu penso que a arte do *bel canto*, tal qual os italianos a organizaram e quasi de todo se perdeu, mas que fazia a admiração dos maiores artistas, de Chopin e de Wagner (1), entre outros, que é eterna e tem de ser reconstruida por toda a parte, se a humanidade não quizer privar-se de um dos mais intensos prazeres esteticos que soube inventar. A musica actual, que eu já não intendo, e estou muito velho para ter tempo de a intender, desprezou o valor da voz humana no *lied*, na romança (2); o trabalho da composição reduz a voz a um papel secundario e que *nada nos diz*. Entre essas obras e a musica de Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann e dos que lhes seguiram as pisadas, ha um abismo que a falta de poder creador dos modernos compositores não consegue encher, substituindo-a por forte sciencia e novos processos muito complicados. E' uma evolução natural da arte em todos os tempos, a *virtuosidade* tecnica e sabia a ocupar o logar da fantasia inventiva, quando esta se esgota. E, como já Goethe dizia que «o grande escolho da arte é a *virtuosidade*», pergunta-se muito naturalmente o que ficará de todo esse mo-

---

(1) E' sabido que Chopin aconselhava os seus discipulos, sempre que se tratava de estudos de estilisação, a que fossem ouvir os celebres cantores italianos que, na primeira metade do seculo XIX, ou melhor no segundo quartel desse seculo, se faziam ouvir em Paris. E egualmente que Wagner, na constituição de um conservatorio de canto, sobre que publicou um extenso relatorio dirigido ao seu protector, o rei Luiz, advogou a ideia de restauração da antiga escola de canto italiano. Em Bayrhut tem-se trabalhado nesse sentido, para formar uma escola de cantores que reuna as qualidades indispensaveis para a interpretação e boa execução do drama wagneriano.

(2) São dignas de ler-se as paginaa que consagra a este assunto o distincto escritor francês M. Camille Manelair, num dos seus livros, *La réligion de la musique*, 1909. E é tanto mais para notar este caso de ser um francês que advoga uma tal ideia quanto é indiscutivel que, no seu país, o publico atende geralmente muito mais aos versos do que ao canto. Quer-me parecer, porém, que mais cedo ou mais tarde ha-de dar-se uma franca reacção contra a maneira actualmente usada.

vimento; e os que já assistiram a analogos factos artisticos responderão que só ficará o que se contiver na justa e seguida evolução que houver partido das antigas formas (1). E' de crer ainda que, ao presente exagero do processo artististico e superabundancia de motivos de ordem decorativa, suceda, por uma reacção inevitavel e tantas vezes repetida (2), um periodo de arte simplista, em que a *divina melodia*, porventura, numa nova forma, mas sempre divina, venha a tornar-se mais uma vez preponderante, e mais uma vez vá buscar aquele instrúmento que maior plasticidade, brilho, profundeza e encanto reune para a sua revelação, a voz humana, devidamente preparada para esse fim, para esse novo *bel canto*. Mas a tradição da boa arte, da arte simples e nobremente humana de outras eras tem necessariamente de manter-se, de se reatar a essa nova arte, se ela quizer perdurar na nossa admiração.

Estas ideas, já em parte expostas por outros, levam-me, pois, a enaltecer a tentativa dos artistas a que me referi no principio deste artigo, e que pretendem tornar conhecidas no Brasil as paginas mais brilhantes dos nossos compositores de opera, colaborando assim no intercambio que para desejar é, como disse, se estabeleça entre essa grande Republica e a nossa, em todas as formas da actividade productora.

Mas essa iniciativa de poucos não póde, evidentemente, resolver na integra o problema nela compreendido. Aos nossos teatros, e porventura tambem aos nossos conservatorios, compete dar representações seriamente organizadas dessas obras, ou de parte delas, hoje caidas no olvido geral, realizando um movimento de justiça e gratidão para com esses artistas que não tiveram a ventura de nascer nos grandes centros musicais, que aqui nasceram, humildemente viveram e de todo se anularam. Nenhum exemplo mais frisante da influencia nefasta dos pequenos meios do que o sucedido com Verdi e Frondoni,

---

(1) E' o que se deu com a chamada *Arte nova*, que explodiu em 1900 e teve uma existencia efemera, deixando bem pouco do que foi inventado, aliás com grande esforço e entusiasmo.

(2) Basta lembrar-nos das reacções produzidas na Renascença, após o complexo e flamejante ultimo periodo do gotico, e no fim do seculo XVIII, com o aparecimento do estilo Luiz XVI, seguido do estilo Imperio, em contraposição com os exageros e tormentos das varias *rócailles*. E não é para nos fazer reflectir a inclusão das obras de Mozart nos actuais programas dos concertos sinonicos e de musica de camara?

quando este ultimo foi preferido ao primeiro para vir ocupar em Lisboa um logar proeminente. Verdi, julgado então inferior a Frondoni, só ganhou em não ter vindo para Portugal; se assim não fosse, nunca teria escrito o seu *Falstaf*.

Para realizar um tal programa de justiça e rehabilitação faz-se, porém, precisa ainda uma outra obra preparatoria, qual é a creação de uma verdadeira *Escola de canto*, de que seja sistematicamente afastado o pantomimeiro que costuma anunciar-se como professor de *bel canto* e que, por via de regra, só consegue estragar as boas vozes que, confiada e entusiasticamente, não poucas vezes, lhes caem nas mãos.

Penso ainda que o nosso subsidio, em materia de intercambio musical, não deve limitar-se a essa secção da arte de canto — o *canto individual*; tem ainda de abranger o *canto colectivo*, o *canto coral*, que vá tornar conhecida dos brasileiros e recordar aos nossos compatriotas que vivem nessas maravilhosas terras de Santa Cruz, a *Canção portuguesa*, o nosso riquissimo *Folk-lore* musical, a mais bela influrescencia do seu país, das suas serras admiraveis, dos campos e das aldeias de onde partiram em busca de uma ventura maior. Nesse terreno não é menos importante o trabalho de preparação a realizar; porque, ao coleccionamento, escolha e tratamento das canções, vem ajuntar-se a necessidade de crear entre nós o canto coral, que de todo não existe.

E será ele realizavel?

Tecnicamente tem sido levado a efeito nas varias nações em que existe o *Orféon:* na Espanha, na Inglaterra, na Alemanha, nos três reinos escandinavos, na Russia e em alguns dos paises danubianos. E devemos começar por notar que tal facto se dá em nacionalidades fortemente acentuadas, superiormente organizadas, ou onde um grande espirito de civismo e notaveis movimentos colectivos se revelam energicamente. O canto aparece aí para transmitir os sentimentos dessas colectividades e exerce uma função social de inegavel valor.

Careceremos nós de um tal instrumento de expressão, de exteriorização de factos de ordem moral e social?...

Por emquanto achamo-nos no inicio de um movimento que, porventura, levará a tornar conhecidas as obras portuguesas dessa arte que nasceu nas côrtes principescas da Italia da Renascença, e até nós veiu num prolongamento da vida do paço, como sucedeu em todas as nações que viveram no regime monarquico; arte do passado, que nem

sempre conseguiu elevar-se a superior altura, mas que correspondia a muitas necessidades da alma humana; arte, entretanto, de deleite e de indiscutivel encanto.

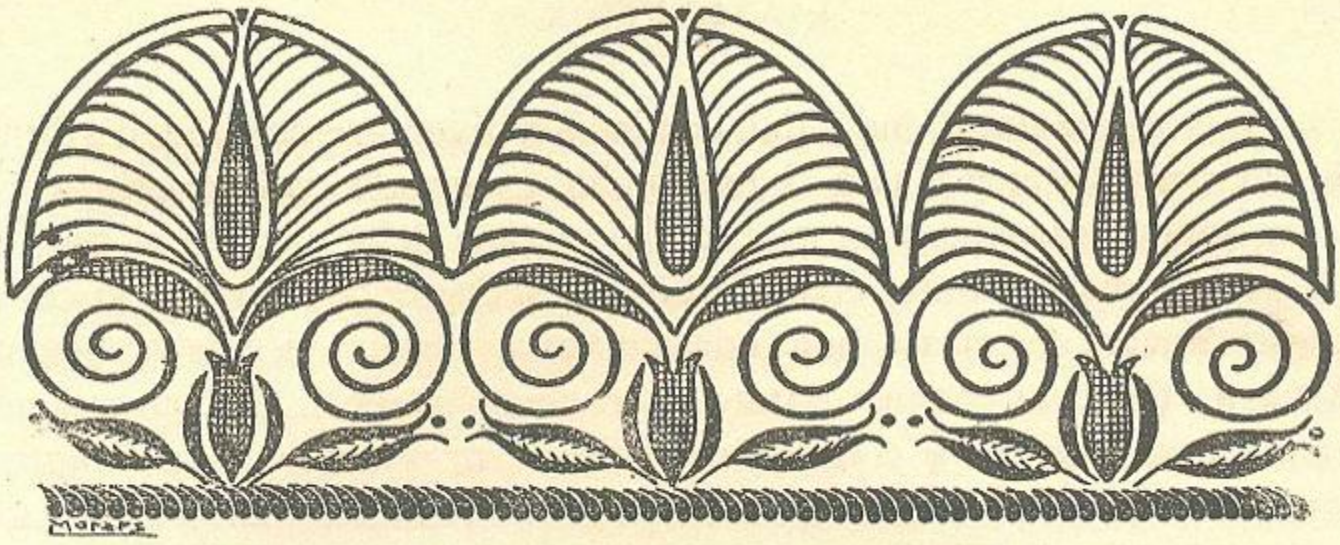
Vieram depois os reformadores e tomaram o teatro popular. O *drama musical*, quasi no principio do seculo XVII, em proveito da *opera concerto*, renascia sob uma fórma intensa e profunda. O genio de Beethoven glorificára a humanidade nas suas acções capitais, e os herois e a obra palatina ficaram ofuscados; e Wagner, seguindo então o impulso do Homem de Bonn, creava finalmente o seu drama musical, o *drama wagneriano*.

De aí o fim da arte palaciana, que vai recolher aos seus museus privativos, o conservatorio e o teatro de côrte, para nêles ser conservada e ouvida, assim como sucede com os quadros dos grandes pintores, que tambem não foram feitos para os Conservatorios chamados Museus, e sim para ornamentar os templos e os palácios. E desta fórma se constituem os nossos tesouros de arte.

Bem hajam, pois, todos quantos concorrem para levar a efeito tão interessante obra de vulgarização.

Lisboa, julho de 1919.

ANTONIO ARROYO.



La Missione della Donna

Dar della gioia, evitar del dolore! Lieve funzione e immensa che dall'umile sorveglianza di un neonato, può assurgere a quella grandiosa e sacra della preminenza di una nazione.

Qual'è la missione della donna? Quale quella dell'uomo? Nelle classi medie e inferiori non c'è bisogno di chiarirla. Le necessità stesse la delimitano e la determinano.

Nessuna contadina dubita che la sua missione sia quella di generar figliuoli, di allevarli, di tenere una casa, e di aiutare il marito nel campo. Nessun operaio dubita che la sua missione sia quella di guadagnare per vivere il meglio possibile, per potersi formare, presto, una famiglia obbediente ai suoi cenni, per estinguere la modesta sete di bisogni materiali e morali che l'istinto gli pone. Ma nelle alte classi, nelle classi dirigenti, che formano i quadri della compagine sociale a cui apparteniamo, e la cui importanza perciò è enorme, perchè sono il modello su cui si foggia la morale corrente, il problema si pone in modo assai differente.

E uomini e donne nascono quivi con ricchezze sufficienti a soddisfare le primordiali necessità della vita, esonerati da molti dei carichi della famiglia. Ad essi spetta un altro compito, individualmente superfluo, ma socialmente necessario alla compagine — nazione, casta, a cui appartengono: Dirigere questa compagine, inquadrarla, esserne gli esempi, tracciarle nuove vie nell'arte, nella scienza, nelle industrie, nei comuni, curare che siano seguite le tradizioni intellettuali migliori foggiatesi nei tempi passati, conquistarle e mantenerle il prestigio.

Un'accozzaglia di individui, comincia a diventare nazione, il giorno in cui fra essi una classe si forma che, esonerata dalle urgenti cure della vita personale, alla vita della casta o della nazione si dedica. La società più brillante, come la Greca, si disgrega il giorno in cui a questi doveri le classi non consentivano. Ebrei, viceversa Boemi, Armeni, Polacchi, hanno potuto attraverso a secoli di oppressione, mantenersi nazione e conservare il diritto di risorgere come compagine, perchè attraverso i secoli non erano mancati mai fra loro gli individui che tale missione volessero e sapessero compiere.

Per quanto nobile ed alta, questa missione vaga, indefinita, poco proficua individualmente, non è molto ambita, perchè essa richiede sforzi e sacrifici spesso dolorosi, senza dar quel compenso dell'istinto soddisfatto che è premio comune a tutti coloro delle classi inferiori che perseguono e assolvono la propria missione. Molti sono pertanto nelle classi superiori uomini e donne che del proprio compito cercano e cercherebbero di esimersi, sia occupandonsi soltanto dei beni egoistici procurabili colle proprie ricchezze, sia assumendo le norme delle classi inferiori, di cui non si differenziano che per una inutile ricchezza a cui non hanno alcun uso.

La tradizione, gli esempi, la educazione, gli ideali morali, servono di stimolo a mantenere uomini e donne nella loro missione necessaria — ma negli uomini soprattutto la celebrità che i contemporanei e i posteri concedono a chi arriva alla perfezione — e la donna — la quale fa pallio dul suo amore a chi gli ideali più alti e nobili persegue — la donna che estende a tutti i degni che la società amareggia e che la celebrità non irradia quel consolo morale ed intellettuale che la madre porge ai suoi nati — la donna che molte volte è arbitra anche della celebrità.

Sono le donne che così li volevano che han fatto gli eroi del Medioevo — i santi delle prime età cristiane — come sono gli ideali corrotti delle donne della decadenza che han fatto gli uomini corrotti del loro tempo.

Involontariamente l'uomo delle alte classi cui la ricchezza non è meta o miraggio si dirige verso quelle carriere che possono procacciargli celebrità, prestigio e amore. Duplice è quindi il compito della donna superiore e delle classi superiori, quello di dirigere e inquadrare anch'essa la compagine femminile a cui appartiene e acquistarle prestigio come gli uomini e quella di esser la mèta — il giudice, il premio degli uomini superiori — di ritenerli nella via aspra dell'ideale, di consolarli, di compensarli col suo amore dalla disillusioni sofferte.

Come a noi tutte spetta in natura di creare e conservare la vita umana attraverso alla specie, così a noi donne delle alte classi, cui i doveri materni sono più lievi, spetta di suscitare e mantenere la vita intellettuale, morale e sociale del paese in cui viviamo e di conservarla. A noi spetta di soffiar e mantenere in tutti quelli che sono attorno a noi, quelle fiamme di idealismo e di amore, che avvampano nel nostro cuore; a noi spetta di suscitare le grandi imprese; a noi spetta di mantenere le idealità di coloro che sono nella nostra sfera di azione, incoraggiarle colla nostra fede, compensare le sofferenze che provocano col nostro amore; a noi spetta di far trionfare tutto quelle che è buono e bello nel mondo; a noi spetta il compito di tenere accesi i fuochi sacri del nostro focolare, del nostro villaggio e del nostro paese.

«Oh se le donne intendessero tutte, cosi come alcune intendono, «la loro missione» dice Giuseppe Mazzini. «Se intendessero la loro «potenza e la volgessero al bene! Se volessero anzichè pascersi di «ozio e di corrutella, consacrarsi con un apostolato sublime di libertà «e costituirsi, colla gioventù che le circonda, ispiratrici di magnanimi «fatti, e di forte sentire! Certo l'angiolo dei forti pensieri non avrebbe «assunto mai forse forme più care e aspetto più seducente. Certo la «carezza e il bacio, che oggi è profanato da chi non ne intende tutto il «mistero, diverrebbe sacro, ed elemento potente di rigenerazione a «tutto il creato dove, invece di distribuirsi a capriccio di un giorno, «fosse premio alle virtù cittadine, felicità sovrumana al giovane ignoto, «e irrorata la terra come deserto, di gioie e affetti corrisposti».

«E certo se la creatura privilegiata intendesse a esercitar per la «causa santa l'influenza della bellezza, se essa si assumesse di fondare «le religioni di patria e umanitá, se l'angiolo decaduto volesse rialzarsi «al nobile intento che il cielo donde egli è sceso gli affidava tra gli «uomini, noi non avremo a piangere così sovente un istinto, vittima «del dovere o della tirannide».

Si è gettato molto discredito in questi ultimi anni sulla missione di ispiratrice e suscitatrice che la natura affida a noi donne delle classi superiori — rivendicando per noi il diritto a *esser così comme gli uomini* — grandi unicamente per nostro conto — Questo diritto è alcune volte in contrasto stridente con ciò che vuole da noi la natura, con ciò che essa ci trascina ineluttabilmente a fare e ad essere. Si, noi potremo essere grandi per nostro conto — ma non è questa la nostra missione.

Che noi siamo dottori, professori, artiste o letterate, ciò non ci

esime da tutto quel complicato ed accorato studio di prendersi cura della vita degli altri, dei loro piaceri, dei loro dolori, che nato dalla maternità, si estende poi a tutte le creature vive che sono nella nostra sfera d'azione. Umili o alte, professioniste o madri, a noi spetta egualmente di mantenere e suscitare alta la vita intorno a noi, di dar della gioia, di evitar del dolore a tutti quelli che sono nella nostra sfera d'azione. Dar della gioia, evitar del dolore! Divisa istintiva ed inconscia di tutte le madri, problema affannoso della mente di tutte le donne, che perseguono assieme l'umile nutrice e la donna sublime, attraverso ai dolori più acuti, alle gioie più recondite e all'indifferenza ignara di chi è loro attorno.

Dar della gioia, evitar del dolore, compito lieve ed immane, che comprende tutta la gamma della morale umana, dalla carezza al lavoro affannoso, dall immolazione più completa di sè alle organizzazioni più meravigliose; dall'ammirazione umile e prona, all'entusiasmo e alla fede più fattiva e ardente! Breve mira e infinita, a raggiungere la quale può concorrere tutta la gamma della intelligenza umana, dalla semplice intuizione al più complicato ragionamento! Lieve funzione e immensa che dall'umile sorveglianza di un neonato, può assurgere a quella grandiosa e sacra della preminenza di una nazione, di un ideale, della conservazione di un patrimonio intellettuale e morale.

Vivere non è possibile ad un neonato se non trova accanto a sè chi di lui si occupa e si preoccupa, chi pende dal suo soffio, chi gli evita le prime difficoltà della vita, chi gli porge le prime cure di cui non ha neppure coscienza. Identicamente una nazione non vive intellettualmente e moralmente, e peggio non sopravvive, se non trova qualcuno che si dedichi ad alleviarne i mali materiali e morali, a diminuirne le ingiustizie, a far trionfare la verità, a incorraggiare chi per lei si affanna, se non trova qualcuno che alle sue opere intellettuali e morali si interessi, chi ad esse dia generosamente e tacitamente il suo soffio, il suo sangue, chi le propaghi e chi le faccia conoscere, chi le esalti, chi le trasmuti in tradizioni immutabili, e questo qualcuno non é non può essere che la donna.

Ispirare a noi spetta le grandi e le piccole cose belle e buone, utili e confortanti, a noi spetta di far trionfare il vero, tender la mente a mantener elevati i sentimenti di coloro che s'agitano attorno a noi, a noi spetta curare che vivano e soppravvivano le idealitá, le tradizioni, le azioni, i capolavori migliori del tempo nostro.

La grande popolarità che la Francia ha nel mondo, la molteplicità dei suoi ideali, la sua forza di espansione, sta appunto nel fatto che

la donna francese compie ammirevolmente questa funzione, che essa ha delle tradizioni all'uopo, e che ogni idealitá trova facilmente in Francia chi l'aiuta a farsi strada.

Chi può mai disconoscere l'enorme importanza che hanno avuta alla perfezione e alla diffusione delle opere di D'Alembert, di Rousseau, di Chateaubriand, di La Rochefoucauld e Pascal e Racine e Balzac e Mazzini e Michelangiolo e Foscolo e Musset e Shelley, le donne umile o illustri che le hanno suscitate o diffuse, La Scudery, la Tencin, la Deffand, la Stael, la Sand, la Remusat?

Il grande amor patrio che c'è in Francia in tutte le classi, è basato su un'universale conoscenza delle proprie glorie, che la dona inculca nei propri figli, sul culto dei grandi morti, dei grandi ideali, che essa a loro tramanda.

La inferioritá invece in cui si trovano molti paesi rispetto ad altri, la difficoltà che ha in essi ogni idealità a farsi strada, e una volta riconosciuta a restare, depende dal fatto che non in tutti i paesi le donne hanno saputo compire questa funzione, che non si è foggiata una tradizione in proposito e che non si è trovato fra gli uomini chi volesse o chi potesse vicariarle. La enorme fatica con cui malgrado la incontestabile altezza dei nostri geni il nostro primato nella storia stenta tanto a fermarsi è dovuto al fatto che, non occupandosi la donna di fare eccellere i migliori, tutto resta da noi in balia del caso. Leggete le vite dei grandi uomini italiani e stranieri e sarete colpiti da questa differenza. Dalla importanza cioè che hanno avuto nel trionfo dei grandi uumini francesi o inglesi le donne. Quante grandi imprese maschili sono state condotte a termine per la energia delle donne; quanti grandi capolavori sono stati salvati, diffusi dalle donne?

Se voi leggete le scarse biografie che noi abbiamo dei nostri grandi, voi vedrete che terribile fatica abbiano dovuto compiere perchè questo aiuto è a loro mancato.

Perchè tanto travaglio assilla chi vive nel mondo moderno, perchè il cattivo, il disonesto vi trionfa quasi sempre. Perchè non vi ha alcuna reazione contro il disonesto. Perchè tanto scoramento ne attanaglia tutti quando vogliamo fare qualcosa di interesse generale, perchè in questo momento cosi basso è il livello intellettuale e morale? Perché la donna piú non si scaglia colla sua indignazione contro il male, perché con la sua attività non collabora a organizzare il bene, perchè non lenisce i dolori, non aumenta il piacere che di quei pochissimi che le sono attorno, perchè non vuole più fare la parte di donna perché vuol copiare l'uomo.

Il genio che vuol seminare nuove teorie, il politico, l'idealista che vogliono scagliarsi contro i mali che ne fomentano, che vogliono aumentare la giustizia — tale e quale come l'artista che vuol completare l'opera sua, non trovano ora un trampolino dove lanciarsi, non trovano alcun modo di far presa attorno a sè, non trovano il collaboratore che si sacrifichi a perfezionare e diffondere il suo capolavoro; nessuno gli impedisce di lavorare, ma nessuno lo incoraggia lo aiuta a continuare, nessuno gli porge la forza delle sue osservazioni, l'indifferenza lo attornia e lo affoga. Circoli partiti, societá, scuole e teatri, università, parlamento: tutto è nelle mani di uomini inerti preoccupati solo dei propri interessi immediati. Il genio non c'è perchè non esiste alcuna organizzazione che lo sappia far prevalere, e nessuna organizzazione esiste perchè la donna delle alte classi manca alla sua funzione precipua, perchè lei pure non si occupa che dei propri particolari interessi.

Chi ha un poco studiato la storia del mondo ha dovuto constatare che non è e non è stato sempre così. Questo grande vuoto che scava nel momento attuale la mancanza dell'idealismo femminile è in altri tempi sostituito da una passione viva che tutti ne esalta.

Questo fatto che a donna moderna compia meno bene che una volta la sua funzione intellettuale, ha avuto ripercussioni inaspettate e sociali non solo ma individuali.

Se voi leggete i romanzi o i poemi moderne voi siete colpiti dallo scarso numero di grandi e nobili eroine, di donne moralmente e intellettualmente superiori.

«Non si descrive che la donna che appassiona!» mi ha detto un gran romanziere a cui mi era rivolta per sapere la ragione.

Ma perchè la donna elevata non appassiona i romanzieri, letterati moderne, mentre appassionava quelli antichi. Perchè i romanzieri moderne non si appassionano che per la donna sensuale essenzialmente? Perchè non hanno trovato sulla loro strada la donna che s'interessava alle loro opere letteraria, politica, artistica e che li ispipasse per la passione intellettuale che aveva di lui.

Questa mancanza nella letteratura moderna della descrizione della donna elevata, credo sia stata a sua volta una delle non ultime cause del maggiore cinismo e scetticismo dell'uomo moderno, cinismo che ha reso difficile all'uomo di scoprire la donna elevata.

L'adolescente che non conosce la vita coi propri occhi comincia a conoscerla sui libri, e si appassiona, e cerca affannosamente nella vita quello che lo ha colpito. Leggendo unicamente descrizioni di donne

sensuali e volgari, e sotto i più smaglianti colori, naturalmente egli è indotto a vedere e cercare quelle soltanto.

Non cercandole, anche se è un genio poetico, non le vede; se le vede non lo interessano, non penetra nel loro profondo.

Questo fatto d'altra parte che gli uomini non vedano e non si interessano alle donne moralmente superiori, a quelle che sarebbero chiamate a moderare i suoi egoismi ed indirizzarlo ed istradarlo alla propria intuizione, agli studi e nell'arte, fa sì che il mondo femminino sta staccandosi da quello mascolino, che l'uomo perda quella forza di idealismo che nella donna soverchia, che la donna delle alte classi perda ogni sua missione.

Molte donne delle alte classi che hanno una famiglia credono esaurito il loro compito quando hanno ben vestito i loro figliuoli e li hanno garantiti da ogni causa esterna che potrebbe ammalarli. Molte donne delle alte classi non avendo alcun stimolo di miglioramento materiale, esitano a legare la loro vita il loro avvenire, por fondare una famiglia. Che cosa esse fanno allora dell'oro, delle ricchezze, del tempo e della loro vita? Esse mettono tutto il loro orgoglio nel guadagnarsi la vita come un uomo, o come una donna delle classi meno agiate, con una qualunque professione, dedicando la loro idealità se mai «al Voto alle donne» o alla protezione degli animali.

Ma per guadagnarvi la vita, fate getto almeno delle vostre ricchezze, come indicava il cristianesimo; e datele a quelli che ne hanno bisogno. No, non è a guadagnarsi la vita che devon dirigere le forze le donne delle alte classi, che non ne hanno bisogno, ma ad educare virilmente i figliuoli quando li hanno, a dare prestigio al paese e aiutare gli altri che hanno ingegno a poterlo mettere in mostra, a finanziare materialmente e moralmente le imprese migliori e più feconde nel campo dell'arte, della scienza e della politica, La società esige da noi donne delle alte classi non che brilliamo non che guadagniamo la vita ma che facciamo brillare tutto ciò che è attorno a noi, che aiutiamo gli altri a guadagnarla perchè se il nostro discreto e umile sostegno viene a mancare, tutto ricade nell'ombra. La natura d'altronde ci ha fornito di un genere speciale di intelligenza che ci fa eccellere in questo compito, ci ha dotate di una speciale concezione dell'amore che in questo compito ci fa trovare le più grandi gioie. L'amore infatti così strettamente unito nella donna alla stima, così altruisticamente portato a vedere ammirato e ben giudicato l'obietto della nostra passione, ne spinge inelluttabili a cercare di rendere sempre più perfetti e stimabili coloro che amiamo, a ritenerli e istradarli nella via che crediamo migliore.

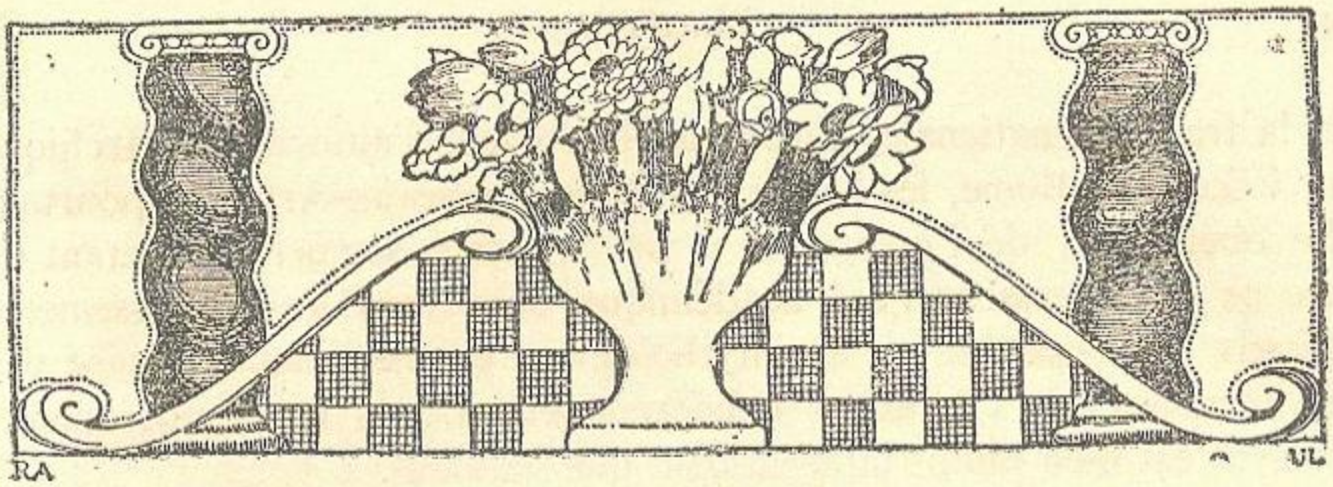
L'intelligenza nostra fatta tutta di passione e di intuizione, procedente a sbalzi, senza regole, al di là e al di quà dei freddi calcoli della ragione, è mirabile appunto nell'intuire la verità nascosta, nello scoprir nuove vie, nel toglier pesantezza e riattaccare alla vita viva le astrazioni maschili, e mirabile ed ottima per completare la vita astratta dell'uomo; nell aiutarlo, nella vita pratica, nel trasformarne li lavoro in capolavoro.

E certo le madri di Mazzini, dei Ruffini, dei Cairoli, le fide compagne di Pisacane, e di Confalonieri e di Garibaldi, di Shelley, le dolci figlie di Foscolo, di Byron, di Galileo; le sorelle di Renan, di Pascoli, di Balzac hanno fatto più per l'arte, per la scienza restando devote al fianco dei figli, dei mariti, dei fratelli, dei padri, a dirigerli col loro fiuto, a sorreggerli col loro spirito pratico, a ispirarli colla loro fede, a consolarli col loro amore, più che se non avesse congiurato guerreggiato e poetato essa stessa.

I secoli brillanti nell'arte, nella scienza, nella politica, Roma Repubblicana, la Francia del 700, l'Italia del 300, sono quelli appunto in cui la donna ha brillato come sorella, come compagna dell'uomo, in cui si è consacrata soprattutto a ispirarlo, a consolarlo, a completarlo, invece che a scimiottarlo.

I secoli invece in cui la donna ha voluto copiare l'uomo, in cui sdegnando di ispirarlo o completarlo, ha voluto far emergere la propria personalità ed individualità, in cui ha voluto eccellere in quelle arti e in quei modi in cui eccelleva l'uomo: i secoli in cui il femminismo ha trionfato, come in Roma Imperiale o nell'Italia del 600, sono stati contrassegnati sempre da debolezza e intellettitudine generale.

GINA LOMBROSO FERRERO.



Correspondence artistique

PAR

LOUIS VAUXCELLES

Mon éminent ami M. José de Figueiredo, avec qui j'ai eu depuis trois mois de si charmants entretiens à Paris sur notre art et sur le vôtre, m'a demandé de rédiger une chronique en cette revue. Sachant les liens d'affection séculaire qui unissent le Portugal et la France (ces liens, renforcés par la guerre, sont désormais indéchirables) je me propose d'etudier, pour les artistes et les amateurs portugais, les meilleurs de nos artistes, et d'indiquer synthétiquement les courants et les tendances de l'esthétique française contemporaine. Jamais peut-être notre école ne fut plus féconde, plus riche de promesses et d'œuvres. Une renaissance est prête à éclore.

Sur les ruines de l'académisme, le grand mouvement impressioniste s'établit vers 1872. L'académie lutta contre lui avec la violence du désespoir. On accusait nos novateurs de folie, d'insincérité. On les chassait des Salons, on leur refusait les sanctions officielles, on les écartait de la décoration de nos édifices, on les traquait, on les empêchait de vendre, — soit de vivre. Lorsque, sur l'initiative courageuse de quelques hommes clairvoyants, le legs Caillebotte entra de force au musée du Luxembourg, ce fut une levée de boucliers, une tempête d'indignation chez les officiels. «L'Academie, a dit justement un historien de cette période et de ces combats, continuant la propagation d'un idéal de beauté fondée sur des dogmes immuables, issu de l'art greco-latin et de la Renaissance, tenant peu de compte du roman, du gothique et des réalistes primitifs, se considérait comme la gardienne

de la tradition nationale, parce qu'elle posséde l'autorité hiérarchique sur l'Ecole de Rome, les Salons et l'Ecole des Beaux-Arts.» Et pourtant elle obéit à un idéal composite et peu français, ses principes étant de eux ce qui régissent l'art académique dans tous les établissements officiels d'Europe; et cet art mythologique et allégorique, inspiré par des formules qui s'imposent indifféremment à tous les tempéraments d'élèves est bien plutôt international que national.

L'impressionisme rompit en vissière avec ces errements. Le mouvement peut être ainsi défini: une réaction contre l'esprit gréco-romain et l'organisation scolastique de la peinture telle que l'avait imposée, après la seconde Renaissance et l'école italo-française de Fontanebleau, le siècle de Louis XIV, l'Ecole de Rome et le goût consulaire. A cette réaction s'en superpose une autre: la réaction de l'impressionnisme non plus seulement contre les sujets classiques, mais contre la peinture noire des dégénérés du romantisme.

C'est à cette double et formidable tâche que s'attelèrent les maitres qui se nomment Eugène Manet, Claude Monet, Camille Pissarro, Alfred Sisley, Paul Cézanne, Auguste Renoir, Berthe Morisot, Armand Guillaumin. Le meilleur de leur effort porta sur une rénovation complète de la technique picturale. Ils pratiquèrent la division des tonalités par des touches de couleurs juxtaposées, reconstituant ainsi à distance sur l'œil du spectateur la coloration véritable des objects peints, avec une variété, une fraicheur et une délicatesse d'analyse que ne pouvait donner un seul ton composé et mélangé sur la palette.

La révolution impressioniste fut donc d'abord e surtout d'ordre technique. Monet et ses amis décrassèrent les palettes, dessilèrent les yeux. Tous les peintres indèpendants d'Europe et d'Amérique subirent leur influence et leur ascendant. En Allemagne, Max Lieberman et Felix Borchardt s'insurgèrent contre le romantisme symbolique de Böcklin, de Stück, et de l'école de Dusseldorff; en Norvège, Uaulow, Carl Larsson, Skredsviga et Diriks; au Danemark, Kroyer; en Belgique, Emile Claus, Uéo van Rysselberghe, Verheyden, Verstraete, Baertsœn, Lemmen; en Espagne, Zuloaga, qui doit à Manet et à Degas autant qu'aux maitres de sa race, Dario de Regoyes, Sorolla y Bastida; en Italie, Segantini et les divisionistes; en Angleterre et en Amérique, John Lewis-Brown, émule de Degas; Dannal, Alexander, Sargent, toute la jeunesse de Glasgow, de Baltimore et de Londres, Richard Miller, Walter Morrice, Frieseke. Ce fut une libération universelle.

Mais, trop soucieux de traduire directement les spectacles oubliés

du plein air, trop uniquement préoccupés de transcrire les phénomènes lumineux et atmosphériques — les impressionistes, (et à leur suite les pointillistes qui exagérèrent leur mélhode de division en la poussant à ses extrêmes consequences) se bornèrent parfois à peindre des «morceaux» et négligèrent la composition. Les pointillites, avec Seurat, Signac etLuce, prirent, vers 1880, la succession et recueillirent l'héritage de leurs glorieux aînés. Ce fut le triomphe de l'analyse et de la dissociation.

Seuls, — et c'est leur haute vertu — Paul Cézanne, Arman Guillaumin et Gauguin — visèrent, en pleine période impressionniste, à *ordonner* un tableau, à ne considérer l'écriture de Monet que comme un mode d'expression, et s'élèverent à l'arabesque décorative et à la cadence. C'est pourquois (l'impressionnisme étant aujourdhui entré dans l'histoire et ayant conquis sa place au musée) toute la jenne generation de coloristes français revendique comme chefs Paul Cézanne et Gauguin. Le premier voult faire de l'impressionnisme «quelque chose de durable comme la peinture des musées» et s'attacha à retrouver, comme il le disait, «Poussin sur nature» quant à Gauguin, en ses vastes ouvrages cançus à Taïti, il eut, lui aussi, à l'instar de Cézanne, la volonté d'architecturer et de construire, au lieu de morceler ses impressions.

Par réaction contre la peinture des reflets» une école singulière (sur les efforts delaquelle je m'expliquerai un de ces jours) le cubisme, entreprit de ramener l'art pictural à la construction des «volumes». Mais les cubisme, hanté par le démon de l'abstrait, négligea la nature, cet éternel substrat, ce dictionnaire, ce répertoire inépuisable de formes, de masses et de plans. A l'heure présente, après toutes les oscillations, les expériences de laboratoire, les erreurs et les outrances de l'esprit de système, l'equilibre semble enfin rétabli. Et tandis que les caudatoires attardés de l'impressionnisme rééditent servilement ses formules, (neuves et utiles il ya quarente ans, aujourdhui périmées et vulgarisées), une ardente pléiade de jeunes, dont les ainés se nomment Manguin, Jean Luy, Albert Marques, Raoul Dufy, et les cadets Luc-Albert Moreau, Dunoyer de Segonzac, André Favory, Corneau, Zarraga, Gabriel Fournier, se prepare à nous doter de cette renaissance dont j'indiquais plus haut la prochaine et heureuse èclosion.

Elles sont, brièvement résumées, les grandes lignes de notre évolution picturale. C'est donc, appuyé sur ces principes que je tàcherai, pour le lecteur portugais, d'apprécier les efforts et les réussites de nos modernes.

*
* *

Aujourdhui, je vais, mû par un sentiment de juste déférence envers nos chers alliées, nous entretenir succinctement d'un artiste portugais, encore peu connu en France, et dont j'ai récemment, à Paris, visité l'atelier. C'est M. de Sousa Lopes.

Adriano de Sousa Lopes est ce que les anglais nomment un «self made man». C'est à l'observation scrupuleuse et émue de la nature non moins qu'à la réflexion personnelle, plus qu'aux leçons des professeurs qu'il doit son talent. Il se forma á l'Académie des Beaux-Arts de Lisbonne où il out la bonne fortune de recevoir l'enseignement de Luciano Freire et de Salgado. Cet enseignement, — de l'aveu même de l'artiste — n'avait rien de révolutionnaire et s'affirmait même des plus conservateurs. C'est donc à Paris, au contact de nos luministes, que Sousa Lopes recut la bienfaisante secousse. Après ses cinq années d'études au Portugal (et il ne frequentait l'école qu'assez irrégulièrement, étant contraint, ainsi que tant de débutants, à gagner sa vie en professant le dessin au dehors), il obtint le «prix de Paris» et arriva en France vers 1904. Il dut suive la filière traditionnelle et s'inscrire aux cours de l'Ecole des Beaux-Arts et de l'Académie Jullian. Mais, en dépit de son naturel doux et docile en apparence, l'atmosphère de ces geöles ne le séduisit point. Il n'eut avec les maitres patentés que des rapports extérieurs de cordialité et M. Cormon n'exerça aucune emprise sur ce tempérament foncièrement original. Il travailla dans un isolement hautain, exposant à diverses reprise à nos Salons. Vers 1907 il exécuta l'«*Episode du Siège de Lisbonne*» ouvrage d'une facture encore timide, mais où l'arrangement des masses décèle déja un souci très particulier de synthèse. Puis, il essaya de transposer sur la toile la pensée magnifique des sonnets d'Anthero de Quental. Il n'aboutit qu'à de fièvreuses et confuses pochades ; il ne parvenait pas à «réaliser» ; la richesse des descriptions poétiques le génait plutot qu'elle ne le guidait, et l'abstrait de cette philophie pessimiste, nihiliste, se pretant malaisément à la transcription plastique.

Il partiu à Venise, pour y pénètrer les secretes de la forme, de la lumiere, des harmonies colereès, et non uniquement dans les museés, mais sur nature. C'est de ce sé jour la cité des Doges que date la série remarquablement lyrique de ses «nocturnes» qui lui ont valu la notoriété.

Rares en effet sont les peintres d'aujourdhui qui ont su rendre le

mystère et la *couleur* de la nuit. De l'américain Whistler au français Simon Bussy, on compte ceux qui ont extrait de l'ombre épaisse ces modulations mordorèes, ces gammes de bleu-noir, de violet foncè, si subtiles, qu'elles en paraissent souvent incommunicables. Ces nocturnes vénitiens on les admira à Paris d'abord, puis à San Francisco, à Lisbonne enfin. L'exposition de San Francisco comprenait, outre ces «nocturnes», d'importantes compositions, telle le *Pèlerinage,* scène rurale, la benediction d'un troupeaux, très montée de ton, où l'influence de l'impressionisme français apparait a la fois méditée et fort sensible.

Survient la guerre. Le jeune artiste part dans les Flandres. Adjoint au service de géographie militaire, il se voit heureusement chargé d'une commande officielle de décorations destinèes au musée portugais de la guerre qui lui permet, au prix de mille difficultés et de périls quotidiens, de poursuivre dans des conditions prècaires d'ailleurs, l'effort continu de sa carrière. Participant à la rude vie des soldats, il prend ses croquis au front, multiplie les notations de types, de gestes, de costumes, de sites; il par court les cantonnements avoisinant Hazebrouck, les batteries et les parcs. Il est prématuré d'indiquer ce que seront les quatre grandes panneaux dont j'ai entrevu les essais. Il m'est toutefois permis de dire la confiance qu'inspirent les prémisses d'une œuvre qui s'annonce bien. L'esquisse de cette scène vècue, «un soldat portugais» dètruisant à coups de pioche un canon lourd afin de l'inutiliser, cependant que les Boches tentent de s'emparer de la pièce, est conçue avec un sobre et puissant réalisme, dans une sévere tonalité de gris et d'ocre, de tons de fumée et de rouille.

J'ai egalement regardé avec interet deux projets de frises la *Relève de l'infanterie* et le *Revitaillement en munitions de l'artillerie* par *convois mulets* qui s'annoncent à merveille. Mais la composition capitale où s'exprimeront la pensée et le patriotisme de M. Adriano de Sousa Lopes, sera sans nul doute le *Soldat portugais*, dressé sur le parapet, et jurant de venger la mort de ses camarades dont les cadavres sont ramenés des tranchées. D'innombrables etudes de ciel silonné des fusées entrecroisées des projecteurs, de masures eventrées, de réseaux de fils de fer enchevêtrés, d'eglises démantelées, de blesssés, et de combattants, attestent la conscience et la sûrété du dessinateur. Et, das un autre ordre, il est de mon devoir de mentionner un expressif portrait du ministre de la guerre, M. Norton de Matos, l'organisateur illustre du corps expéditionnaire portugais.

Cet examen sommaire des travaux de l'artiste serait incom-

plet si je ne disais deux mots du remarquable auqafortiste qu'il est aussi.

Adriano de Sousa Lopes a pénétre les lois de l'eau-forte. Il en sait les ressources. Esprit méditatif, et non point uniquement praticien, il pourrait faire siennes ces paroles de Seymour Haden, le fameux graveur britannique: «L'art étant une puissance intellectuelle et non pas seulement une faculté imitative, peu importe le procédé dont nous nous servons. La pointe vaut le crayon, comme la brosse vaut le ciseau, mais il faut en faire usage en peintre, non en graveur; en poète, non en artisan. Il faut ètre poète et peintre, l'un el l'autre, maniant la pointe parce que c'est celle-là qui par hasard se trouve sous nos mains. Ainsi dirigées, la pointe devient un interprète vivant et le simple trait une expression intelligente. Les eaux-fortes des maitres sont empreintes d'une individualité aussi forte que leurs tableaux... Il faut ètre membre d'une académie, ajoute humouristiquement Seymour Haden, pour nier que l'eau-forte soit un art véritable, à l'égal de la peinture, et déclarer: «Au diable l'eau-forte! Elle n'est qu'un enfant bàtard de la peinture et de la gravure».

Cet art étonnant de l'eau-forte, energique comme l'acide qui ronge le cuivre, y creuse ses sillons et ses ravins. Vues au microscope, les failles sont pareilles à des gorges ravagées, labourées par un torrent. Là est la magie et le charme, l'alchimie toute-puissante; le graveur procède avec l'acide comme le peintre avec la couleur. Tempérant sa force par des mélanges, surveillant la durée des morsures, il obtient à son gré tous les gris et tous les noirs, dispose d'une palette complète, plus riche encore en valeurs que celle du peintre. L'aquafortiste peut tout traduire, apaiser le soleil sur un paysage, exprimer la chaleur et la transparence de l'ombre, amener à la lumière par des transitions, à peine effleurées les plans délicats d'un visage, donner à la chair sa molesse éclatante, promener la caresse de l'air sur les feuillages et les fruits. Il sait glacer et empàter, use de subtilités dangereuses et compliquées. A côté d'une eau-forte, une estampe au burin parait froide, une lithographie parait molle, un bois parait gris. Sous le dessin pittoresque et précis du graveur, la morsure forme une espèce de basse, variée et appropriée, qui confère à tous les éléments leur valeur et leur plénitude.

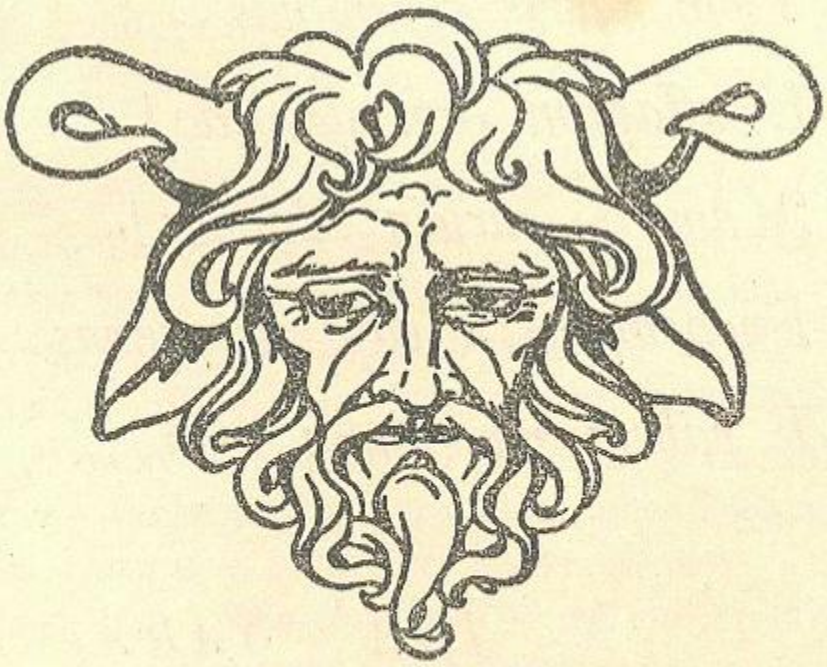
Sousa Lopes, en ses eaux-fortes monochròmes, bistre, soufre, verdâtres, safranées, use d'une technique large à la fois et simple. Et il a pu s'adonner avec un rare bonheur à son amour des effets crépusculaires et nocturnes. Je ne doute pas que des planches de la

qualité de «La Patronille rampante» n'aient un jour leur place dans les cartons d'estampes des amateurs les plus difficiles.

*
* *

Telle est l'impression que m'a laissée un artiste et une œuvre que jé n'ai pu étudièr que fort imparfaitement, n'ayant pu fonder mon jugement que sur une partie restreinte de sa productios. M. de Sousa Lopes n'appartient à aucune école, et n'entend s'infeóder à aucune coterie. Interessé pas toutes les tendances, son but essentiel est d'équilibrer des volumes et des rapports, c'est à dire de parler d'abord un langage de peintre, sans aucune littérature. Soucieux de progrès, il souhaíte allier au sérieux de sa formation première toutes les hardiesses logiques que l'école de la lumiére est en droit de lui suggerer. Et c'est de ce dosage rationnel que seront constitués le talent et le métièr d'un des coloristes les plus représentatifs de la jeune école de peinture et de gravure portugaise contemporaine.

LOUIS VAUXCELLES.

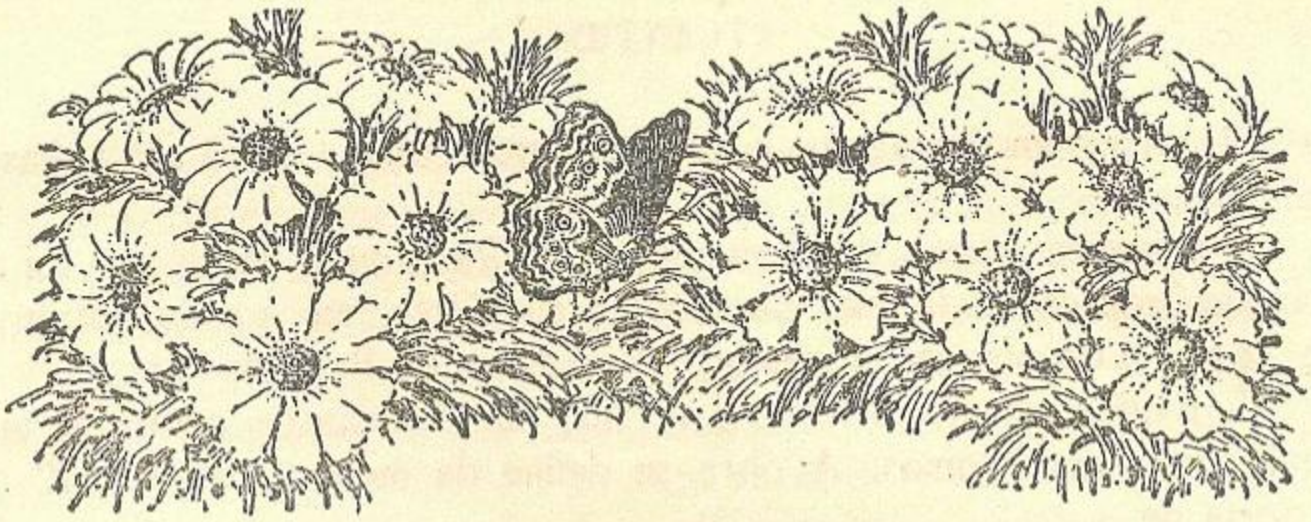


Versos a minha neta

Agora a minha paixão
São duas mãos pequeninas
Que cabem na minha mão...

Mimosas como boninas,
De pequeninas que são,
Travessas, ageis, franzinas,
Põem tudo em confusão!
Teem furias repentinas
E affagam com devoção!...
Mãos de caricias divinas!
Enchem-me a casa de ruínas
E cabem na minha mão...

JOÃ SARAIVA.



Divida a cobrar

(SOBRE D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO)

Carta aberta ao sr. Prof. Mendes dos Remedios, da Universidade de Coimbra.

Ex.mo Senhor: Quando V. Ex.ª me fez a honra de oferecer um exemplar do *Auto do Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manoel de Mello, da 2.ª edição revista e publicada por V. Ex.ª nos seus preciosos *Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*, quís, com a palavra de agradecimento, dirigir-lhe esta carta. Não o fiz, andando a outras obrigações, e, já agora, me falta motivo pessoal para o fazer directamente; só por isso recorro á inconfidencia da publicidade.

Por vergonha minha, confesso que pela primeira vez li essa obra do meu já admirado D. Francisco Manoel na edição de V. Ex.ª, e então me assaltou a duvida desta confissão, a qual nem nos escriptores francêses, nem nos lusitanos teve até agora, ao que eu saiba, qualquer debate. Ela é tão simples de ser levantada, que me espanta seja eu o primeiro a suscitá-la. Recorro, pois, a V. Ex.ª, critico e historiador de tanto saber, para mais uma lição, daquelas com que honra a sua gloriosa e veneravel Universidade.

Não terá esse «Auto do Fidalgo aprendiz» inspirado a comedia de Molière, «Le Bourgeois Gentilhomme»?

Parece-me incontestavel, e pelas seguintes razões; para ser breve me permitirá V. Ex.ª que as enumere:

I. A primeira edição do *Auto do Fidalgo aprendiz* é de *1665*, quando saiu impresso nas *Obras Metricas* de D. Francisco Manoel,

na 2.ª parte, em português, e que se dispõe entre a 1.ª e a 3.ª, castelhanas.

A primeira edição do *Bourgeois Gentilhomme* é de *1671*: foi a comedia representada em Chambord, na Côrte, em 14 de outubro de 1670, e depois, em Novembro, no Teatro do Rei, em Paris.

II. Evidentemente, o titulo é vertido para o francês, conforme ao genio dos dois idiomas. A obra se define da mesma maneira. E' a historia de

um Escudeiro
enfronhado em Cavalleiro
que de andar posto em ser Conde
se não conde, he Condadeiro.
. . . . . .
se numa sandice encalha
dou-o ó demo, que é testudo;
presume de homem sizudo,
de nada sabe migalha,
e anda enxovalhando tudo.
Morto por ser namorado,
Contrabaixo e trovador,
Cavalleiro e dançador
enfim, fidalgo acabado,
Valentão e caçador,

a quem um esperto aio, de comparsaria com sócio e comadre, procura e consegue enliçar, valendo-se do engodo de uma aventura amorosa.

Monsieur Jourdain, o «*bourgeois gentilhomme*» tem tambem «visions de noblesse et de galanterie qu'il est allé se mettre en tête.» «Un homme à la verité dont les lumieres sont petites, qui parle à tort et à travers de toutes choses et n'applaudit qu'à contre sens», dizem dele seus mestres, e a propria mulher: «Vous êtes fou, mon mari, avec toutes vos fantaisies et cela vous est venu depuis que vous vous mêlez de hanter la noblesse».

Para maior concordancia, como o Aio Afonso Mendez no Auto português, Dorante, pobre que vive de expedientes, explora o burguês com o namoro de uma marquêsa, pretendida pelo pobre homem. Nos dois casos, o mesmo engano, que apenas termina por bordoada na Lusitania, emquanto em França, como é dos usos, «par des chansons».

III. São personagens da farça os mestres que dão polimento ou qualidade ao fuão. O «bourgeois gentilhomme», que se podia revelar

por outras acções, é bem o «fidalgo aprendiz» que recorre a professores para se fazer cortês e cortesão, e essa aprendizagem é metade das duas comedias. «Hum mestre de esgrima» corresponde ao «maître d'armes»; hum mestre de dança» ao «maître à danser»; «hum poeta», chamado tambem «mestre de trovas» ou «professor de estudo critico» ao «maître de philosophie», que ensina lingoagem, prosa, verso e outras prendas, ao aluno. Alude-se no auto ao «mestre de solfa», que é o «maître de musique», de modo que nada falta para a instrucção do educando a homem de prol ou de bôa companhia.

IV. Na Scena 7.ª da Primeira jornada do Auto diz o «Poeta» que remenda obra feita; é remendão, portanto, como quer o discipulo:

ás vezes sou de obra prima
calçado velho outra vez.
Chegá um fidalgo cortês...
— destes nem prosa nem rima, —
que tem seus geitos no Paço
. . . . . .
pede-me um mote, e lh'o faço...

não parece que esta alternativa *nem prosa nem rima,* como quem diria «nem prosa nem verso», inspirou a famosa scena que deu a Mr. Jourdain fóros de celebridade universal?

MR. JOURDAIN. — Non, je ne veux ni prose, ni vers.
MAITRE DE PHILOSOPHIE, — Il faut bien que ce soit l'un ou l'autre,
. . . . . .
MR. JOURDAIN. — Il n'y a que la prose ou le vers?

Para, afinal, vir a saber que fala em prosa, sem que o saiba:

MR. JOURDAIN. — Par ma foi! il y plus de quarante ans que je dis de la prose sans que j'en susse rien...

Não chego a afirmar que isso esteja incluido naquilo, mas certamente que era mais proprio o assunto para ser tratado por poeta que por mestre de filosofia. Molière modificou o titulo de professor, mas lhe deixou o objecto do ensino. Certamente que uma anedocta contemporanea completaria a sugestão de D. Francisco Manoel, para o desenvolvimento ou variação da idéa recebida. Lê-se, com efeito, numa das cartas de Madame de Sevigné a M.me de Grignan, a 12 de junho de 1680: «Comment, ma fille? j'ai donc fait un sermon

sans y penser? J'en suis aussi étonnée que M. le Comte de Soissons, quand on lui decouvrit qu'il faisait de la prose» (*Lettres*, t. IV p. 449). A passagem celebre é principalmente devida a esse Conde de Soissons: ela se adaptou bem á moldura que Molière recolhera no *Fidalgo aprendiz*.

V. O Dom Gil Cogominho, que aprende para fidalgo, é victima do seu proprio aio, que concerta com «chapado velhacão» a armar-lhe a esparrela de uns amores á filha d'uma comadre. Acaba bastonado, depois de susto e extorsão de dinheiro, havido por ladrão, sem logro na aventura amorosa e até na decepção final de ser «victima» verdadeira, menos de uma traição, que de uma ridicula comedia.

Mr. Jourdain tambem é escarnecido pela criada, uma serigaita que, depois de o espionar, a mando da mulher, com o seu namoro dela e mais o da patrôa-moça, fingindo ambos de grão turco e seu ministro, tudo conseguem do pobre diabo, acolhido o consentimento aos dois matrimonios. Não falta ao heroe de Molière nem esta parecença com o de D. Francisco Manoel: a dama que ele requesta, a Marquesa pela qual se mete a tanto ridiculo, casa-se-lhe nas barbas com o fidalgo que lhe explorou a sandice. Tambem o socio do aio traiçoeiro é pretendente á Brites, pela qual apanha o desgraçado D. Gil Cogominho, o pobre aprendiz.

VI. Segundo o seu habito, e costume das comedias do tempo, não esqueceram a Molière no *Bourgeois Gentilhomme* as «cerimonias», intermedios musicaes, de canto e dansa, que tanto divertiam a assistencia. Mr. Jourdain dá ceia alegre á Marquesa, e, ao fim da peça o divertimento da «cerimonia turca» aos espectadores. No *Fidalgo aprendiz*, D. Francisco Manoel lh'o lembrara, poddo no caminho do seu heroe «hum moço de cavallos», «huma comadre», «hum homem das almas» que nos distraem de modo que aperta o coração do pobre fidalgo amoroso, posto em tal rascada.

VII. Outras, menores aproximações poderia tentar, se já não foram bastantes as que trouxe, para a minha tése. Necessariamente o tom geral das duas comedias é diverso, como o é o desenvolvimento delas. Não é que o genio fosse menor em D. Francisco Manoel que em Molière; teria sim este mais experiencía em coisas de teatro, para o qual escrevia, no qual representava e até vivia a tragica comedia da sua vida. O que, porem, mudava de todo o ponto nos dois era o meio ao qual destinaram as suas farças. A gente rude e devota da Lisboa de João IV não padeceria confronto com a côrte brilhante,

polida, festeira de Luís XIV, nem com o Paris mesureiro e refinado desse seculo XVII.

VIII. A acusação de plagio é indigna. O homem de genio tem o direito de se apropriar das imagêns e das idéas alheias e lhes dar colorido, harmonia, seducção, vida, que as farão imortaes e nos darão a nós outros, seus admiradores através dos seculos, eterno embevecimento. Molière, como tantos, Shakespeare, Rocine, Goethe... não tinha moral nem cerimonia com o bem alheio. Naturalmente dizer: «je prends mon bien où je le trouve «será desfaçatez, transcrevendo scenas inteiras, palavra por palavra, do *Pedant joué* de Cyrano de Bergerac, ou da *Belle plaideuse* de Boisrobert. E' Gustavo Lanson quem o diz. Mas, afora esses roubos descarados, ha emprestimos sem conta, a Plauto, Terencio, Bocacio, Straparola, Lorel, Acarron, Larivey, Desmarets... Para o proprio «*Bourgeois Gentilhomme*», Brumoy achou parecença de algumas tolices de Jourdain com as de Strepsiade, nas *Nuvens*, de Aristofanes. Cailhara aproximou frases de Sancho e da mulher, no Dom Quichote, de Cervantes, sobre o casamento da filha, das que identica situação inspira a Mr. e M.me Jourdain (OUVRES de MOLIÈRE, t. VIII, p. 33, éd. de Despois e Mesnard.) No seu livro, de tanto fôlego e optima erudição, o Sr. Edgar Prestage teve uma iluminação quando disse, em nota á pagina 213, que o *Fidalgo aprendiz* «se antecipou ao *Bourgeois Gentilhomme* de Molière» (E. PRESTAGE — *D. Francisco Manoel de Mello — Esboço biografico* — Coimbra 1914). Sobre o assunto apenas esta frase. «Antecipou»... não cotejou sem duvida, apenas talvez lhe tocasse similitude dos titulos, senão diria — inspirou e deu substancia. E' o que vimos de ver.

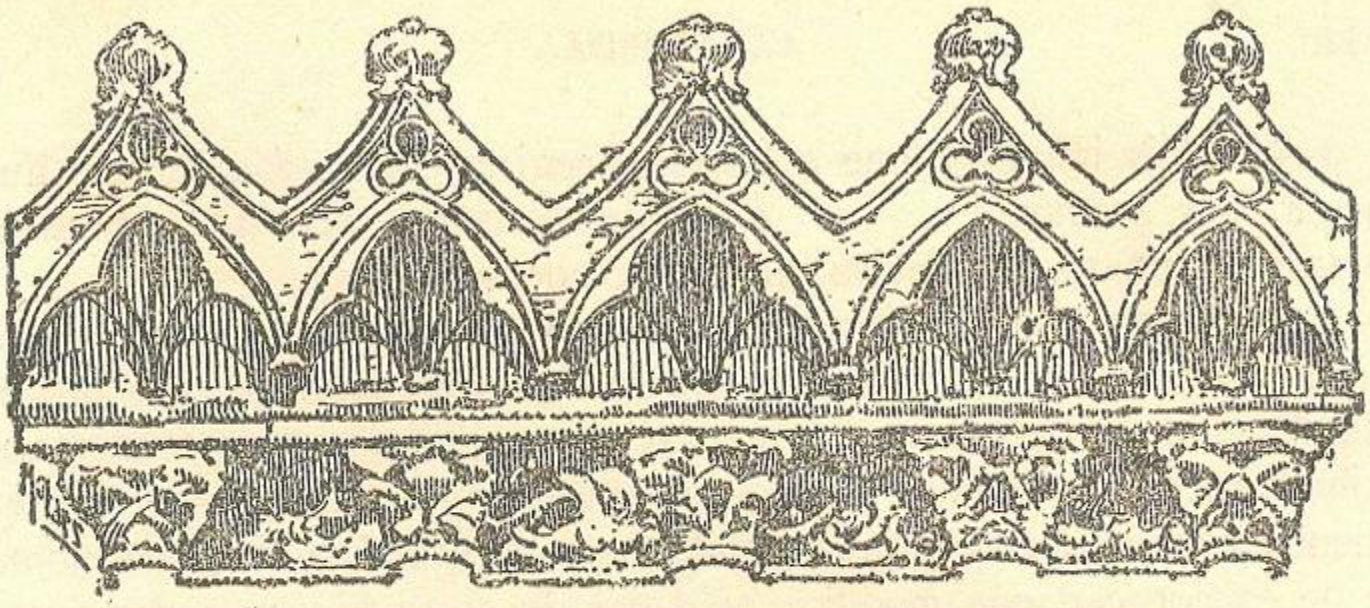
Gregos, Romanos, Francêses, Italianos e Espanhoes... Porque D. Francisco Manoel, cuja desgraça foi conhecida e apiedada em França, tanto que lhe valeu a intercessão da rainha Anna d'Austria ou de Luis XIV junto do governo lusitano, autor culto e celebrado nos dois idiomas, castelhano e português, o maior engenho do seu tempo na Peninsula, teria escapado? Nos volumes das suas *Obras Metricas*, impressas em 1665, teria Molière, que já sabia tomar emprestimos em Espanha, um tomo em português, a 2.ª parte, ao lado da 1.ª e 3.ª em castelhano. Só me convenceria do contrario se me mostrassem, no teatro francêz ou espanhol, antecedente legitimo dos dois; então o *Fidalgo aprendiz* e o *Bourgeois Gentilhomme* seriam irmãos, um mais velho e ainda rude, o outro melhor educado e já gracioso.

IX. Naturalmente, me podem perguntar que importancia tem isto na ordem das duas coisas? Pequena talvez, mas para nós de algum interesse. Portugal concorreu até hoje para a literatura universal com dois livros, dos quaes um deles até não escrito em português: — *Os Lusiadas*, de Camões, e as *Cartas de amor*, de Mariana Alcoforado. Não é pouco — porque o primeiro vale uma literatura, já se disse, e o outro é, com as cartas de Heloisa, a mais sincera e veemente voz do coração amoroso que já se ouviu, em todos os tempos. Não sei de mais. Pretendo que o *Fidalgo aprendiz*, pela sua descendencia, seja ao menos lembrado nesta lista.

O *Bourgeois Gentilhomme* é das obras mais primas de Molière, comico que excede a qualquer outro, grego, romano, britanico, teutão ou novo-latino, na universalidade do genio. M. Jourdain, o homem que fazia prosa sem o saber, o «parvenu» que busca polimento e consegue decepções, pertence á galeria das grandes creações do espirito humano. Se consegui demonstrar que ele foi sugestão portuguesa e o meu D. Francisco Manoel é credor de Molière, não terei por pequeno o achado. Estas dividas não se pagam, mas não ha mal que se cobrem, ao menos para serem reconhecidas.

E' nesta esperança, meu ilustre mestre, que fio de V. Ex.ª promova, de quem deve, a posse do que nos cabe, e nos legou um grande e desventurado escriptor, dos maiores de que se ufana a nossa lingua e a nossa linhagem.

AFRANIO PEIXOTO.
Da Academia Brasileira.



Nomadismo dos civilisados

Ai d'aquelle que supponha ter aprehendido a ultima palavra ácerca de qualquer assumpto! Quando menos o presumir, estará consideravelmente affastado do progresso das ideias,do alcance das novas descobertas scientificas.

A verdade d'esta affirmação pode ser aferida em muitas circumstancias e em muitas manifestações da mentalidade humana.

Nas sciencias economico-sociaes verifica-se, a todo o momento, não se chegando a reconhecer em que occasião esteja devidamente apurado o verdadeiro criterio da apreciação de qualquer phenomeno, nem determinada precisamente a lei que presida a um conjuncto de phenomenos.

As migrações de paiz para paiz, e principalmente de continente para continente, tomaram uma forma nova que obriga a estudar, sob novos criterios, o phenomeno demographico.

As migrações modernas perderam o aspecto colletivo, para assumirem, de cada vez mais, o aspecto individual, e ninguem poderá, certamente, prevêr até onde chegarão os movimentos migratorios, em vista dos progressos consideraveis que os meios de transporte vão realisando.

Fica-se assombrado ao pensar em que só a emigração europeia conseguiu fornecer, no decorrer do seculo XIX, um contingente aproximado de 80 milhões de habitantes ás duas Americas e ás colonias dos povos da Europa.

Aos dois impulsos que a Historia regista, dados á migração humana, nos seculos XV e XVI e depois no seculo XIX, está a succeder uma nova phase de impulso, no começo do seculo XX.

A theoria e a pratica dos caminhos de ferro de penetração e transicontinentaes affirmam-se actualmente com um vigor sem precedentes e as direcções que a migração dos civilisados pode tomar, auxiliada pela locomotiva e pelo comboio electrico, tornam-se rapidamente numerosissimas, provocando uma obra diffusa de povoamento e de exploração que modifica os dados do nosso horisonte demographico, por mais definido que elle seja.

Quer-nos, pois, parecer que estamos no ponto inicial de uma força economica e demographica de caracter particularmente violento: Essa força resume-se n'uma tendencia nova para as grandes migrações, a qual ha-de fazer subir durante alguns annos a cifras consideraveis o augmento numerico d'essas formidaveis deslocações.

Bom será registar com precisão e com criterio scientifico os factos relativos á emigração; mas esse registo offerece sérias difficuldades.

O mais preciso é o das Companhias de Navegação que fazem o serviço de transporte de emigrantes.

As estatisticas officiaes dos paizes de procedencia e de destino dos emigrantes teem serviços especiaes de fiscalização que lhes permittem registar as partidas e chegadas dos emigrantes.

Os calculos são, porém, perturbados por tres causas de erro:

1.º A emigração soffre uma contra-corrente de regresso, em praso mais ou menos longo. Certas migrações são essencialmente temporarias, como acontece principalmente com a emigração portugueza e italiana.

2.º Não é facil distinguir o emigrante do passageiro ordinario, por isso que este se regista como viajante e não como individuo que vá fixar-se.

3.º Havendo deslocações por via terrestre, as quaes são mal conhecidas, dão-se erros sobre a procedencia ordinaria e, sobretudo, sobre o destino exacto de certos contingentes.

Tão importante é, ainda assim, esta questão que lhe teem sido consagrados estudos muito notaveis (1).

---

(1) Bastará citar: — Gonnard, *L'Emigration Européenne;* Benjamin Levis, *L'Emigration Asiatique*; Bodio, *Statistica della Emigrazione italiana por L'Estero.*

O novo aspecto social do mundo, após a guerra, veio modificar sensivelmente as correntes migratorias.

A emigração portugueza, que abrange, em media, 40.000 individuos por anno, tem necessariamente de transformar-se, modificando-se em quantidade, pelo aperfeiçoamento em qualidade. E' essa emigração especialmente intensa para o Brasil e alli, como nos Estados Unidos, não tardará a ser reclamado dos emigrantes um capital de aptidões que os tornem valiosos instrumentos de engrandecimento economico.

Bem mais importante do que a portugueza é a emigração italiana e a hespanhola. A primeira regula por 700.000 individuos e a segunda por 140.000.

A emigração hungara, que antes da guerra regulava por 700.000 individuos, e que representava um facto novo no nomadismo, vai soffrer profunda modificação com o novo modo de ser da Europa Oriental.

A emigração slava substituiu a emigração germanica, de cada vez menos, em consequencia da prosperidade economica do imperio allemão. Foi representada pelos algarismos 25.000, antes da guerra, ao passo que em 1882 subiu a 200.000. Com a formidavel derrota da Allemanha, é de crêr que a emigração allemã não augmente porque deve ser intenso o esforço nacional para reconstituir o comercio e a industria.

Assim, tudo faz prevêr que a emigração slava se desenvolva, tanto mais quanto é certo que os paizes onde essa raça predomina estão por tal forma convulsionados que não será facil realisar-se alli normalmente, em curto praso, qualquer obra regular de fomento economico.

A emigração ingleza executa-se com certa regularidade. A Conferencia Imperial de 1911 assentou nos meios de a dirigir principalmente para os *Dominios* inglezes (Canadá, Africa Central, Australia e Nova Zelandia).

Tal é, a largos traços, o quadro da emigração europeia, bruta, que antes da guerra podia ser avaliada em 2.000.000 de individuos, presumindo-se haver regressos na proporção de um terço ou um quarto d'aquelle numero.

As correntes migratorias dirigiam-se especialmente para quatro pontos, a saber:

1.º Para os Estados Unidos, que só n'um anno, em 1907, puderam absorver uma emigração liquida de mais de 1.000.000 de individuos:

2.º Para o Canadá, relativamente mais progressivo do que o Estado visinho e cuja emigração se calcula em 200.000 individuos.

3.º Para a Republica Argentina, com 200.000 a 300.000 emigrantes.

4.º Para o Brazil, que se pode presumir receba por anno, em média, 80.000 emigrantes.

Ao problema migratorio ligam-se intimamente, dois vastos problemas: o problema juridico e o problema technico.

Quanto ao problema juridico, a solução principal para elle veio do regimen da liberdade que, dia a dia, mais se tem estabelecido.

Quanto ao problema technico, tem contribuido poderosamente para o solucionar o desenvolvimento rapido das redes ferroviarias nos paizes de procedencia e, sobretudo, nos paizes do destino, juntamente com a navegação maritima, dia a dia, mais rapida e mais economica.

Na emigração asiatica não se fazem sentir todas estas condições favoraveis. N'ella o regimen juridico internacional é especialmente restrictivo.

A emigração asiatica decompõe-se effectivamente, em emigração hindu, emigração chineza e emigração japoneza. — A primeira, cuja esphera de irradiação é a costa oriental da Africa e as ilhas do Oceano Indico, seria um dos grandes factores demographicos do mundo, se não fosse embaraçada pela potencia suzerana, a Inglaterra.

A emigração chineza deixou de ter o destino africano, por motivo da suppressão da immigração do Transvaal, após o anno de 1906, e bem assim o destino americano. A Australia não lhe é favoravel; mas as regiões limitrophes defendem-se mal contra a infiltração de similhante emigração.

O caracter da emigração japoneza foi mal comprehendido e devem considerar-se exageradas as preoccupações a que deu origem. Os japonezes dão preferencia á constituição no estrangeiro de agrupamentos *d'élite* e, conseguintemente, pouco numerosos, que sejam influentes, sobretudo, pelo seu valor. Esta é hoje a opinião dominante entre os que melhor conhecem a materia. Demais, o Japão tem collocação para emigrantes nas suas colonias asiaticas, se bem lhe appareça pela frente a concorrencia chineza.

Depois de termos passado em revista o aspecto das correntes emigratorias, examinemos as suas causas.

Essas causas resumem-se em factos de *repulsão,* que expulsam a população do paiz de origem, e factos de *attração,* devidos aos caracteres seductores dos paizes de destino. Crê-se geralmente que,

exercendo-se hoje a emigração em pleno regimen de liberdade, a sua intensidade se explica, sobretudo, por causas attractivas.

Além das causas repulsivas, de caracter forçado, entre as quaes se contam as dissenções politicas e religiosas, outras ha derivadas de factos demographicos e de condições economicas. As populações pensam principalmente em abandonar a patria, quando lhes parece falharem occasiões de trabalho fructifero. Não são, a bem dizer, impulsionadas pela fome proxima; mas pela perspectiva de não acharem occupação remunerada.

A emigração vai deixando de ser, de cada vez mais, um fructo de passividade para se tornar uma acção de homens conscientes.

Este phenomeno não se produz, porém, da mesma forma, nos paizes industrialisados e n'aquelles onde predomina a agricultura. Os paizes industrialisados absorvem mais facilmente o excesso de população; mas para isso é preciso que o movimento economico seja extremamente acelerado. Tem-se visto, porém apresentar-se por tal forma as condições de problema industrial que não falta quem vá procurar além fronteiras melhores probabilidades de conservação ou bem estar. Factos d'esta natureza são particularmente notaveis na Inglaterra contemporanea, cuja emigração não fraqueja, mesmo em plena expansão de vida commercial.

Nos paizes agricolas, a emigração prende-se com a má repartição do sólo cultivavel. Onde a terra fôr muito pulverisada, como no norte de Portugal, em França e na Belgica, a população agricola póde absorver o seu proprio excedente; mas, se o sólo pertencer a grandes proprietarios, que não possam ou não queiram industrialisar as suas culturas, ou não se disponham a valorisar as suas innumeras propriedades, n'este caso o excedente demographico tem necessariamente de ser exportado. E' assim que se explica a emigração hungara e ainda parte da italiana.

Os paizes novos são verdadeiramente pólos de attração para a emigração humana. Essa attração não se exerce, porém, de um momento para o outro: é empreza longa e laboriosa, apezar dos meios de acção, dia a dia, mais perfeitos de que o homem dispõe. Deve partir-se do principio de que não ha no mundo região alguma que não deva ser povoada. A parte activa da humanidade, até agora acantonada nos climas chamados temperados dos dois hemispherios, vai procurando alargar o seu *habitat* para o equador e para os pólos; procura regiões montanhosas e regiões seccas, confiada no triplo progresso da cultura, da irrigação e dos transportes. O poder de

absorpção demographica dos paizes novos é consideravel. Ninguem pôs em duvida a affirmação de um estadista canadiano, Wilfrid Laurier, quando declarou que o Canadá teria 40 milhões de habitantes, dentro de cinco annos.

E' certo que as grandes migrações encontram obstaculos na sua evolução natural. Um dos maiores é a inercia natural dos homens. Só quando essa inercia se vence é que o movimento immigratorio se opera com intensidade. Assim se explica como paizes com grande contingente de emigrantes se mantenham por muito tempo no numero dos paizes de emigração intensa. O phenomeno entra nos costumes. E' o que se observa em Portugal.

Outro aspecto interessante da questão é o que se refere aos capitaes.

E' certo que as causas fundamentaes das grandes migrações existem por toda a parte. São, porém, apoiadas ou refreadas por causas secundarias ou de ordem economica. Entre as de ordem economica, ha, porém, um facto de primeira importancia que limita eventualmente o movimento migratorio; é o valor da provisão de capital.

Realmente, qualquer deslocação de homens traz comsigo deslocação de capitaes, sob duas formas: 1.ª Comquanto os emigrantes sejam em geral pouco abonados de fortuna, devem ter certos recursos; por isso os Estados-Unidos e o Canadá tratam de averiguar dos recursos que levam os candidatos a immigrantes; 2.ª Isso a nada chegaria e nunca se poderia pensar na exploração dos recursos naturaes dos paizes novos, se vastas operações de credito não lhes levassem capitaes importantes.

As migrações humanas são, pois, limitadas pela existencia de capitaes disponiveis em qualquer parte do mundo.

D'esse obstaculo é symptoma bem preciso a alta contemporanea do aluguer dos capitaes. Essa alta constitue tambem um aviso e uma indicação dada aos differentes povos que economisam capitaes ou que os tornam mais productivos.

Quanto aos effeitos das emigrações sobre o paiz do destino, resumem-se em um verdadeiro phenomeno de geração.

A demographia de um paiz não é facto independente; depende da demographia de outros paizes. O Brazil espera de Portugal, da Italia, da Hespanha elementos para se povoar; a demographia italiana, hungara e russa depende do poder e da vontade de absorpção dos Estados-Unidos; o Canadá depende dos contingentes de emigrantes que lhe enviam os paizes da Europa occidental.

E' certo que em qualquer paiz, o estado demographico resulta: 1.º — Do movimento historico do grupo (natalidade e mortalidade comparadas); 2.º — Das migrações internas; 3.º — Da emigração e da immigração. A terceira d'este grupo de causas é cada vez mais importante.

Por isso se consigna hoje a opinião de que o ponto de vista geographico deve antepôr-se ao ponto de vista historico no estudo de demographia.

Das considerações que summariamente ficam feitas póde tirar-se as conclusões de que os movimentos de uma população, no tempo, são muito menos decisivas do que a mobilidade d'ella, no espaço.

Essa mobilidade vai crescendo sempre, devendo considerar-se facto normal. Affasta, pois, qualquer receio de superpopulação.

Fica, portanto, de pé, um unico problema, problema de optimismo e de esperança: — E' o da *viticultura,* isto é, dos meios de provocar o apparecimento d'uma humanidade, no dizer de Brouillet, *mais numerosa, physicamente melhorada e melhor dotada de qualidades intellectuaes e moraes.*

Para considerar limitado o horisonte da mobilidade da nossa especie seria preciso suppôr conhecida, explorada e valorisada a totalidade absoluta dos recursos que o ar, a terra e as aguas offerecem ao homem.

Tal dia não póde entrar, mesmo admittindo praso largo, nas eventualidades da economia politica.

Porto, 1919.

BENTO CARQUEJA.

Chronica Literaria do Brasil

A mentalidade de 1822 ainda perdura entre nós, se bem que attenuada. Cuido que o mesmo se dá em Portugal. Os nativistas brasileiros querem insurgir-se contra o que lhes parece uma volta á dominação portuguesa, pela influencia intellectual. Por seu lado, os portugueses, ou antes alguns d'elles, teimam em considerar o Brasil como uma vaga colonia apenas emancipada, cuja vida mental não se estende além das modinhas populares ou dos discursos bombasticos. Como em quasi tudo, a verdade está no justo equilibrio entre essas tendencias estremas. O Brasil é hoje uma nova nação, que guarda do dominio portugues os invenciveis caracteres de raça, mas que nada prende ao antigo Reino. Intellectualmente estamos mais proximos de França que de Portugal. Nossas correntes literarias são muito outras do que em Portugal; nossa lingua já é muito differente do idioma que nos foi herdado, nossa alma já se transsubstanciou em um novo corpo diverso daquelle que outróra nos foi commum.

Nem mesmo é certo que tivessemos algo de commum, a não ser politicamente. A mentalidade, a sensibilidade, o proprio aspecto physico do portugues transportado ou vindo para o Brasil, logo se caldearam com elementos estranhos — da Serra, de Africa, e de outros paises ou continentes, produzindo um novo ser distincto das partes que o compuseram. Foi como uma reacção chimica, onde o precipitado é um corpo novo, distincto dos componentes. Tendo, por conseguinte, o Brasil adquirido ou iniciado sua personalidade desde os primordios da conquista, como temer que relações intellectuaes mais estreitas possam concorrer para desviar o curso de nossa individualização?

Portugal é um velho parente, a quem nos prendem — como aos parentes mais queridos — recordações gratas e dolorosas, e com quem sempre agrada tratar intimamente. Estamos hoje em face um do outro, como homem para homem, e não como filho para pai. Essa consideração exclue todo o temor de influencias desmedidas. Devemos ter bastante fé nas nossas virtudes e defeitos para crer que correntes estranhas já não possam turvar as nossas aguas. Melhores ou peiores, somos hoje differentes, e uma approximação com a fonte de nossa historia, e de nossa existencia afinal, só poderá alimentar uma personalidade que apenas se esboça, repondo-nos na verdadeira tradição.

Informações literarias de meios afastados são sempre curiosas, mormente em se tratando de Portugal e Brasil. Resentimo-nos aqui de uma certa ignorancia desse movimento em Portugal. Chegam-nos noticias esparsas, muito minuciosas, ou muito superficiaes, que óra nos dão o conhecimento profundo de um determinado aspecto, ás vezes secundario, óra nos deixam na ignorancia de coisas essenciaes. Quanto nos valeria uma secção mensal de gazeta, que resumisse o movimento de idéas e producções de momento em Portugal, como o temos para com a França, com as chronicas de Fernand Vandérem, de Georges Duhamel, de André Beaunier, de Rachilde. Se dessa falta nos resentimos, não é ousado conjecturar que o mesmo se dè em Portugal. Eis o objectivo desta secção. Não me proponho a fazer mensalmente, nem o poderia, um estudo aturado de nosso movimento intellectual. Será esta chronica simples repositorio de factos e informações literarias mais salientes, cujo interesse possa — ao menos por illusão — se estender Além-Atlantico. Cuidamos, por vezes, interessar aos outros com o que nos toca e nem lhes despertamos a attenção. Casos e livros ha que de perto nos parecem graves ou profundos e perdem de longe todo o brilho ficticio.

Não quero tentar contra o destino. Hei de esforçar-me por dar uma resenha, senão completa, ao menos escrupulosa, de nossa agitação literaria, quanto o póde quem vive alheio a cenaculos e cafés, e apenas conversa os autores, pelas suas obras, no recolhimento de um «studio».

E' difficil, se não impossivel, traçar um quadro exacto de nossa situação literaria contemporanea no Brasil. Todos aquelles que versam taes estudos perdem a orientação depois do naturalismo dos fins

do seculo XIX. Não se pode mais descobrir no Brasil, objectivamente, sem forçar a nota, uma escola litteraria que resuma a alma collectiva. A maior figura moderna de nossa literatura, Machado de Assis, fallecido em 1908, não deixou uma escola, senão poucos discipulos gratos e esparsos e uma influencia toda indirecta.

Duas tendencias se revelaram em nossa literatura, ao abrir do seculo XX, e até hoje em parte se estendem: de um lado a moderação, a simplicidade, o atticismo, a logica interior, a ironia leve, o sorriso — de outro, o vigor, o desconcerto, as ousadias de estylo e de imaginação, o colorido e o calor das idéas. A primeira corrente deriva de Machado de Assis, a segunda de Euclydes da Cunha. Aquelle escrevia as «Memorias de Braz Cubas», livro interior, frio, analytico, serebrante de idéas e altico de forma.

O outro publicava — «Os Sertões», o maior livro que jamais inspirou o nosso interior adusto e desamparado; um livro «escripto com cipó» descomposto e herculeo, cheio de syntheses admiraveis e de quadros gigantescos, exhuberante e opulento. Na senda de Euclydes da Cunha seguiram, ou proseguiram, Alberto Rangel, Coelho Netto, Graça Aranha, Assis Chateaubriand, Monteiro Lobato, Gilberto Amado e outros. A Machado de Assis accompanharam Sousa Bandeira, Afranio Peixoto, Mario de Alencar, Lima Barreto e alguns mais. Essa distribuição não pode ser categorica, e outros muitos ha que, reunindo caracteres de ambos, são difficeis de distribuir em um ou outro grupo — Como Affonso Arinos, Paulo Barreto, Xavier Marques, Martins Francisco, para só fallar em prosadores.

Qual das duas tendencias predomina hoje? Parece que, entre os bons escriptores, a de Machado de Assis; entre os mais a de Euclydes da Cunha. Essa ultima, se reúne escriptores de talento e vigor como Gilberto Amado, Monteiro Lobato, ou Assis Chateaubriand, que antes deviam figurar entre os de classificação duvidosa ou individual, acólhe de preferencia literatos de pouco engenho que se desforram, nas pompas do estylo, da pobreza natural de inspiração: «une pluie de mots dans un désert d'idées».

A corrente de Machado de Assis produziu os nossos dois melhores romancistas de hoje: Afranio Peixoto e Lima Barreto.

Começou o primeiro por sacrificar á Musa, e por esta ao Symbolismo então dominante. Cedo, a mentalidade de scientista, observador da vida e das fontes do espirito, trouxe-o a um realismo intelligente e fino, que desabrochou nesse livro tão vivo e de observação tão penetrante: «A Esfinge». Essa tendencia á observação e um admi-

ravel engenho de psychologo, forrados de uma imaginação poderosa e um grande amor pela paisagem natal, levaram-no a esse outro livro de costumes do interior — «Maria Bonita» — onde o caracter fatal da mulher sertaneja é estudada com arte apurada de romancista, em um curiosissimo ambiente de costumes locaes, e paisagens caracteristicas. Novo romance deve em breve confirmar essa dupla inflorescencia do nosso grande escriptor. A qualidade mestra que o distingue é a psychologia aguda. Seus livros decorrem em meios differentes, e ás veses oppostos, e a todos se applica — sem esforço — essa observação arguta. Além de excellente psychologo, tem o autor de «Fructa do Matto» um grande poder de pittoresco e sensibilidade. O feitio de Machado de Assis é dominante, mas não exclusivo nos romances do Snr. Afranio Peixoto. Simplicidade, psychologia, concisão, ironia, vêm-lhe do mestre de «Quincas Borba». Sensibilidade, graça, pittoresco, são-lhe bem pessoaes.

O outro romancista que accompanha o feitio de Machado de Assis é o Snr. Lima Barreto. Ainda está mais proximo da fonte commum. Começou por um romance de excellente visão — «Memorias do Escrivão Isaias Caminha», com mais de uma edição esgotada em Portugal, segundo me informou um livreiro de Lisboa. Estuda a chamada «imprensa amarella» que muito deu que fallar na primeira decada do seculo, mormente na presidencia Campos Salles. O romancista é modelar no estudo dos typos, todos caricaturaes, que povôam sua narrativa. Succedeu-lhe outro volume de acerba ironia e boa observação — «O Triste Fim de Polycarpo Quaresma», estudo do meio carioca e nacional nos ultimos annos do seculo XIX, por volta do periodo Floriano Peixoto. Descahiu em seguida, com uma narrativa de costumes da epoca, verdadeiramente comica da presidencia Hermes da Fonseca, — «Numa e a Nympha» — e acaba de publicar outro romance na sua anterior maneira — «A vida e a morte de Gonsaga de Sá», que estuda outro aspecto muito nosso — a Repartição Publica.

Sua arte é de caricatura. Seus typos são tratados sem amor, senão com ironia amarga. Apenas no Gonzaga de Sá parece evoluir para uma fórma mais pessoal de arte. Este Gonzaga é um irmão espiritual de Monsieur Bergeret. O livro é um passeio, entre o sorriso e o ricto, pelo mundo das idéas e pela paisagem fluminense.

O autor é um revoltado que fere pela ironia. Incomprehendido, inadaptavel ao meio, bohemio, sua arte resente-se naturalmente de seu viver. Frouxo de estylo, desleixado no escrever, incorrecto, é

filho de Machado de Assis no pensamento mas não na fórma. E' o nosso humorista.

São essas as duas figuras de maior destaque no romance brasileiro contemporaneo. Outras, porém, se distinguem e, entre ellas, o Snr. Coelho Netto, individualidade de relevo, com uma bagagem de 50 volumes, cuja penna ainda é tálhada no cipó de Euclydes da Cunha; Affonso Arinos, morto ha pouco em pleno viço, filho do sertão, que soube exprimir com poesia e encanto inexcediveis, num livro classico «Pelo Sertão»; Xavier Marques, romancista regional da Bahia, que outr'óra escreveu com sensibilidade e elegancia sobre costumes praieiros e agora se lança com menos felicidade, no romance psychologico; Graça Aranha que se impoz por um romance de sensação «Chauaau» e logo se calou; Alcides Maya, outro romancista regional, que depois de dois bons livros de estudos locaes do Rio Grande do Sul, parece em decadencia; Alberto Rangel, discipulo dilecto e directo do grande Euclydes da Cunha, e autor de excellentes contos amazonicos — «Inferno Verde» e «Sombras n'Agua», agora lançado na historia; Monteiro Lobato, que de S. Paulo nos manda contos de um caracter acentuadamente sertanejo, de uma linguagem nova e rica, de um grande vigor literario, agora empenhado em uma fecunda campanha de saneamento rural; Mario de Alencar, publicista primoroso, filho do grande romancista e politico José de Alencar, discipulo amado de Machado de Assis, quecom um leve conto publicado «O que tinha de ser» se impoz como narrador delicioso; João do Rio, iornalista e publicista, cujo talento multiforme se adapta a todas as cambiantes da literatura e versa o romance com brilho e colorido; Veiga Miranda, que em um romance ultimamente vindo a lume — «Mau Olhado» — revelou qualidades de escriptor de costumes.

Que laço prende esses romancistas e narradores, cuja enumeração tão falha e laconica não me sobra espaço para estender, e aos quaes de certo hei de voltar mais tarde?

Nenhum se impõe como individualidade nacional. Versam, quasi todos, themas locaes, descrevem paisagens e costumes provincianos, estudam meios e mentalidades acanhados. Não se elevam, nem podem elevar-se, á expressão de uma nacionalidade. O caracter de nossos romances e contos de hoje é — o *regionalismo*. Foi o *indianismo* com José de Alencar. Foi o *naturalismo* com Aluisio de Azevedo. — E' o *regionalismo* com Afranio Peixoto, Lima Barreto, Affonso Arinos, Alberto Rangel, Monteiro Lobato. As patrias pequenas hão-de for-

mar a grande patria. Ainda, por longo tempo, devemos e teremos de versar os themas locaes para realisar e fortalecer a «unidade da patria». Paiz de immensa extensão, pouco estabilizado, solo onde se caldêam correntes ethnicas e mentaes mais divergentes, não podemos pensar em concluir de golpe a nossa unificação. Ella cresce de dia para dia e ha-de fazer-se, emfim, para a ecclosão normal das grandes figuras literarias, que possam viver esse milagre de condensar em um só espirito, esta nebulosa incandescente que ainda somos.

Se essa é a tendencia da prosa literaria contemporanea no Brasil, qual a da poesia?

Dá-se com a poesia de hoje um caso analogo ao do romance: não ha uma escola poetica contemporanea. Depois do *parnasianismo* e do *symbolismo*, a unica tendencia literaria que reuniu varios poetas jovens em uma especie de cenaculo, foi o que, por falta de apelação propria, podemos chamar de — *brumismo* —. A bruma da Flandres e da Bretanha, as dolencias de Rodenback, os placidos canaes de Dixmude, Bruges ou Gand, seduziram um grande grupo de mentalidades que desabrochavam. O sol da nossa terra cedo dissipou essa bruma de importação franco belga. A despeito disso, não é alegre a nossa poesia, como o não é toda a nossa arte. O sol tropical não consegue espancar as nostalgia das raças que nos geraram. Na geração de ha 20 annos, hoje em plena madureza ou apenas em maioridade, já se revelava uma grande inquietação dolorosa — com Raymundo Correia, com Luís Murat, com Augusto de Lima. Em alguns — o sensualismo, em outros — a visão prodigiosa da natureza, vestia a dôr — como em Olavo Bilac, Alberto de Oliveira ou Vicente de Carvalho.

A nova geração surge tambem dolorida e fatal — com Alphonsus de Guimaraens, com Pereira da Silva, com Alvaro Moreyra, com Macelo Gama, com Olegario Mariano, se bem que uma reacção de vigor e colorido se realise com Amadeu Amaral, Goulart de Andrade, Ronald de Carvalho, Martins Fontes, Mario de Lima, Hermes Fontes, Guilherme de Almeida, Catullo Cearense, o Troveiro, Humberto de Campos.

A inquietação philosophica subsiste, porque ha de perdurar emquanto houver poetas, isto é, por todos os tempos dos tempos. A dôr não corrompe, porém, nesses poetas vigorosos a fonte da inspiração. Elles conhecem a dôr, sofrem da miseria humana e da ilusão, mas sabem vencer o sofrimento porque têm mais saúde mental, mais força de criação, mais poesia, emfim. A tendencia poetica contemporanea,

entre nós, é, portanto, para uma arte mais vigorosa e sadia, de pensamento forte e fórma ardente. Encontramos um exemplo dessa corrente em livro que acaba de apparecer de um poeta jovem, que outr'ora sacrificou ao brumismo, e que hoje se colloca entre os que orientam as novas tendencias do estro nacional — Ronald de Carvalho.

Terra cheia de luz, para o teu esplendor
Ergo as mãos n'um tremor de desejo e de gloria!
E na paz de um jardim mysterioso e pagão,
Onde passeia o sol como um velho pintor
Numa ingenua canção dou-te a minha memoria
E num beijo aromal, dou-te o meu coração.

Na dourada manhã, sobre a paz infinita
Das collinas azues e dos jardins pagãos,
Para o teu esplendor, terra nobre e bemdita,
Ao sol que se levanta, ergo-te as minhas mãos!

Será o «sol que se levanta» para a nossa poesia? Não o creio. Ainda estamos muito alongados daquella poetica suprema, por assim dizer objectiva, que produziu os grandes poemas humanos. Nossa poesia ha de ser, por seculos talvez, um canto, mais ou menos nobre ou ardente, de amor ou de desespero, de sol ou de tempestade. Poetica de poetas, mais que de poesia. Serão almas a sangrar ou a cantar perante a vida, a natureza, o pensamento. Nesses cantos e nessas imprecações ha de haver sol e sombra, dôr e alegria, postmas eternas do pensamento e da sensibilidade. Isso não impede que se esteja produzindo em nossa poetica brasileira uma reacção, talvez sem futuro, contra a dôr doentia dos nossos antepassados e ainda dos nossos pais. A poesia de Casemiro de Abreu é hoje um absurdo para os espiritos fortes e altos do presente. Encarar de frente a adversidade, transfigurar a dôr, purificar a inspiração por uma cultura mais solida e geral — parece ser uma tendencia da nova poetica brasileira.

Eis, em uma synthese apressada e forçosamente falha, alguns traços geraes do nosso movimento literario, nestes dezenove annos de seculo XX, que me pareceu util traçar de leve, ao abrir estas notas mensaes de informação literaria do Brasil. O romance, o conto e a poesia não resumem a nossa vida intellectual, se bem que a poesia lhe forneça o maior quinhão. Oradores como Ruy Barbosa, a figura mais discutida do nosso meio intellectual, publicistas vigorosos como

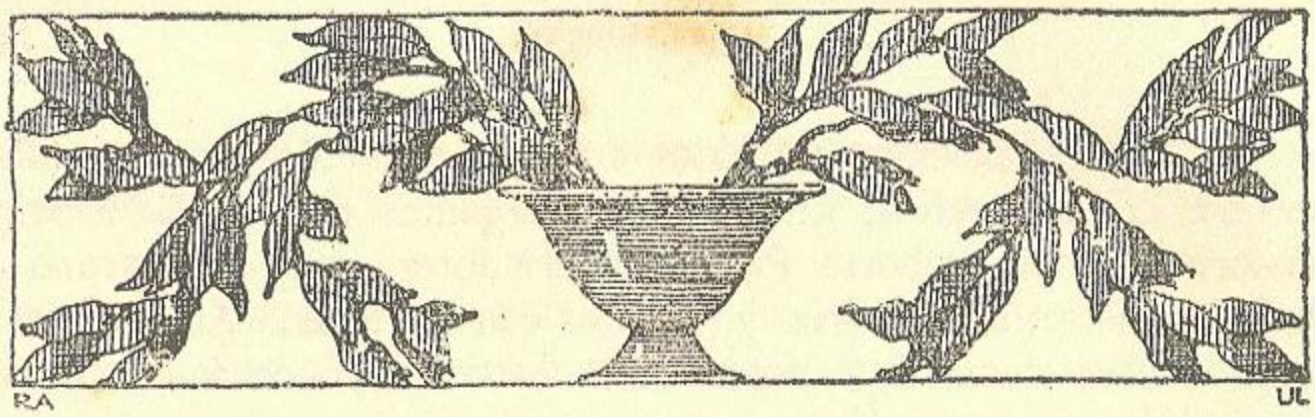
Antonio Torres, polemistas lucidos e fortes como Medeiros de Albuquerque, criticos cultos, grammaticos elegantes como João Ribeiro, folk-loristas como Alberto Faria, historiadores como Capistrano de Abreu ou Escragnolle Doria, jornalistas como Azevedo Amaral, escaparam deliberadamente á nossa falha enumeração de romancistas e poetas. Elles se enquadram no meio intellectual brasileiro e, se bem que não versando directamente a literatura e, portanto, fóra do nosso campo, agem e reagem sobre ella.

Ao correr destas chronicas, cujo intuito é dar a conhecer este meio ao meio literario portuguez, hão de essas figuras surgir ao lado dos romancistas e poetas. A literatura não pode ser considerada com exclusão dos commentarios e estudos que desperta. Além disso, as obras de publicistas, historiadores e criticos interessam mais a um publico estrangeiro do que as obras propriamente de imaginação. Mais do que as producções da nossa fantasia, pode prender a attemção a um estranho o livro que trouxer uma nova ideia, uma revelação historica, um juizo critico inedito.

E' muito simples, portanto, o nosso programma.

Entre as obras e os factos do mundo literario brazileiro que surgirem ou succederem, procuraremos escolher os que possam interessar ou aproveitar a um publico estrangeiro, se bem que por tantos laços — proximo e amigo —. Sabemos quanto nos illude a visão do que nos é caro: valha-nos a intenção com que encetamos a tarefa.

TRISTÃO DE ATHAYDE.



LA VIE À PARIS

La fermeture de la parenthèse. — Dans la cour du château de St Germain. — L'ordre public troublé; meetings champêtres. — La petite plume allemande. — Pandore en Side-car. — Danse des fantômes. — Enchères charitables. — D'un film et de plusieurs revues.

Accablé par la chaleur d'un étouffant, printemps, Paris avécu, ce mois-ci, des journées de lourde impatience. Le traité, les notes échangées par les représentants des nations ennemies et des puissances alliées, lus dans la presse ou commentés dans les conversations; le refrain avce lequel on s'abordait: *Signeront-ils?* et, basse de la mélodie, le grondement des revendications démocratiques; tout cela composait une atmosphere fiévreuse et pleine de contrastes. Non pas que l'on ait une inquiétude concernant le résultat des négociations; les conditions de paix refusées, une simple promenade militaire de l'autre côté du Rhin suffisait pour abattre l'arrogance germanique — certains souhaitaient même une pareille affirmation de notre force —. Mais parcequ' est émouvant le spectacle d'un monde qui se cherche et se reconstitue; parcequ'aussi, malgré la joie exubérante de l'armistice, on avait hâte de voir définitivement fermée la parenthèse ouverte dans la vie le 1.er Aout 1914.

Cette fébrilité impatiente, on essayait de la calmer par la contemplation des évènements historiques. Lu curiosité de ces spectacles est commune à tous les hommes, ou presque. Mais le peuple de Paris, plus que tout autre, appartient à la catégorie des «gloutons optiques» dout les individus sont composés pour leurs parties essentielles, d'un oeil monté sur des jambes rapides, comme le dit l'humouriste américain O. Henry (1). Hélas! ceux qui voulaient voir ne voyaient pas grand chose. Une surveillance étroite et rigoureuse limitait la vision. A la foule, massée aux alentours des palais, il n'était donné d'apercevoir que de fuyantes automobiles à fanions multicolores et les silhouettes d'hommes vêtus de noir disparaissant sons des portiques majestueux. Miettes bien insuffisantes à faire patienter un appétit qui n'etait qu'imparfaitement satisfait par les comptes-rendus de presse dévorés dans les feuilles du soir.

(1) O. Henry. *Martin Burney.*

Pourquoi le governement gardait-il ainsi son secret ? Crainte de manifestations hostiles, ou trop bruyantes, sans doute. Crainte aussi, peut-être, que ne paraisset bien pauvres, bien dépourvues de la moindre des pompes, ces rencontres diplomatiques dont notre descendance retiendra les dates, sons la férule des magisters futurs, comme les plus importantes de l'histoire du monde.

*
* *

Qu'aurait vu, en effet, la population, si elle avait assisté à St. Germain, par exemple, à la remise du Traitè de Paix aux délégués de l'Autriche ?

La cour d'honneur d'un Château qu'elle connait, où les ombres glauques des verrières de la chapelle lui sont familières; quelques priviligiés, des journalistes, des photographes allant et venant, impatients d'entendre sonner l'heure du déjeuner; un piquet de soldats au port d'armes; puis l'arrive par petits groupes des plénipotentiaires, chacun vêtu selon sa fantaisie, marchant vite ou lentement selon son humeur et le bon vouloir de ses rhumatismes: figures célébrées par l'image, Clémenceau et son petit chapeau, Wilson et son étroit pardessus que dépasse la jaquette longue, le maréchal Foch et son geste paternel aux poilus; un groupe aussi d'individus corrects s'engouffrant dans une petite poterne : les antrichiens.

Tout cela ne dessine pas le tableau de magesté que l'on pourrait attendre. On imaginerait volontiers un apparat plus solennel. Les fastes de la république sont dépour vus de grandeur extérieure. Tant pis ! Le peuple a manqué, sinon de pain, du moins de sucre et de tabac. Il serait prudent de lui laisser le plaisir des yeux.

Il y a des mécontents, d'ailleurs. L'ordre général a été troublé, ces dernières semaines, par des grèves nombreuses. Presque toutes les industries et les corps de métier ont revendiqué la journée de huit heures et une augmentation de salaire. La grève des mineurs fut la plus inquiétante, mais celle des transports surtout modifia la vie. Le métropolitain à service réduit ; de rares autobus conduits par des hommes du monde transformés en chauffeur de bonne volonté; c'etait iusuffisant. Paris était à pied.

Tous les jours, dcs meetings réunissaient les grévistes. Il fallait bien les occuper et les tenir au courant des négociations poursuiv es avec les patrons. Mais qu'il faisait chaud à la Bourse du Travail et à la maison des Syndicats! Aussi décida-t-on bientôt de se retrouver au Bois de Boulogne.

Ce furent de pittoresques assemblées en plein air. Les employés des transports y venaient en famille, et jouaut à des jeux champètres, attendaient avec pratience l'orateur annoncé.

— Des gâteaux... des oranges...

Les marchandes de coco circulaient parmi les groupes offrant leurs friandises bon marché ou leur rafraichissement. On riait : on s'amusait; des amoureux se cherchaient sous les arbres. Les meetings tournaient en kermesse, et la cordialité régnait. On n'a pas si souvent l'occasion de prendre l'air en semaine ! Il fallait en profiter.

Hélas! la famine vint. C'est plaisant de vivre sans travailler; mais l'air

du temps, même respiré au milieu de la verdure, ne nourrit guère. Les ressources épuisées et les compagnies consentant certains sacrifices, on reprit le chemin du travail.

*
* *

Les parisiens d'ailleurs avaient fort bien accepté la situation. Ils faisaient queue bénévolement, pendant des heures, attendant de problématiques tramways; s'accoutumaient à être en retard ou à partager à prix d'or, avec des inconnus, des taxi-autos métamorphosés en omnibus; et semblaient rapidement s'installer dans ces nouvelles habitudes. Le peuple francais est vif et prompt à la colère, mais bon enfant. Il pardonnee bien des choses.

Pas toutes, pourtant. Les Allemands le virent bien lorsqu'ils quittèrent Versailles. Des manifestations hostiles les saluèrent à leur départ — incidents regrettables, d'ailleurs. Mais qu'y faire? Il est, en dehors de tout autre considération, une chose que nous ne passerons jamais aux allemands: leur ridicule. Il n'y a pas de service d'ordre qui tienne contre cela. Question de race! Précipice qui ne saurait être comblé par les billevesées humanitaires issues du cerveau des idéologues!

En admettant — si telle hypothèse n'était impie — que fusset un jour pardonnés, je ne dis pas oubliés, le sang des morts, la mutilation des vivants, la fourberie et la barbarie qui dévastèrent l'Europe, il resterait toujours, entre Nous et Eux, la petite plume piquée au chapeau vert de Fritz...

Rien n'y fera; pas même la peur du gendarme.

*
* *

On va pourtant leur donner, aux gendarmes, et c'est toute une petite révolution, des moyens d'action plus efficaces.

Le temps n'est plus où les gardes de la maréchaussée poursuivaient dans les tourbillons de poussière soulevés par le galop de leurs chevaux, les disciples de Cartouche ou de Mandrin, chers aux romanciers de cape et d'epée. Le moindre malfaiteur possède de nos jours une 40 H. P. au volant de laquelle il pouvait, jusqu'à présent, faire la nique au bicorne du gendarme. Raffles et Arsène Lupin font leur coup en Rolls-Royce. La vie change.

Et un peu tardivement, mais quand même, la police change elle aussi. Dorénavant, Pandore disposera d'une motocyclette ou d'une automobile. Aussitôt le crime signalé, il pourra se transporter en toute hâte vers la maison isolée où agonise la rentière assassinée; voler vers le château désert un peu trop violemment déménagé; envoyer des émissaires rapides dans toutes les directions, et poursuivre au rythme de l'échappement libre et du Klaxon, le plus véloce des bandits.

La vie change. Adieu donc, gendarme à cheval, croquemitaine des contes de nourrices dont on menaçait nos enfances! Désormais, c'est en side-car que Pandore emportera les petits garçons désobéissants et les petites filles boudeuses.

*
* *

Les grandes heures historiques sonnent l'une après l'une au cadran du temps ; les préoccupations universelles sont parmi les plus graves ; les classes ouvrières bouillonnent sous le couvercle des lois, qui de fois à autre se soulève et laisse échapper un jet de vapeur furieuse ; mais jamais il n'y eut plus de rage au plaisir. Les salles de spectacle ne désemplissent pas. Les restaurants, les thés, malgré des tarifs exorbitants n'ont plus assez de tables pour satisfaire leur clientèle. Les couturières et les modistes inventent les modes les plus excessives et les plus couteuses. Il parait que les pêcheries s'epuisent à orner de perles les gorges des nouvelles riches, que les mines de l'Afrique Australe n'ont pas assez de diamants, Et à tous les coins de rue éclosent des maisons de danse et fleurissent des jazz-bands.

On danse avec exaspération, partout et toujours. Il suffit que quelques jeunes femmes se trouvent avec quelques jeunes hommes pour qu'un phonographe surgisse, et qu'ils se mettent à tourner. Et quand je dis tourner, c'est marcher que je veux dire. Loin des valses, du boston et autres vieilleries propres à rejoindre les manches à gigot et les cabriolets ! Les fidèles du tango eux-mêmes, qui l'eut dit, évoluent honteusement, sous les regards méprisants des «Kakis» et de leurs danseuses, quand le tapeur consent à leur rythmer *l'Irrésistible* ou le *5 à 7*. Il n'existe au monde que le fox-trott et ses succédanés new-yorkais. Ne nous parlez pas d'autre chose.

Que voulez-vous ! «Ils» ne savent danser que cela ; et comme il n'y a guère qu' «eux» qui dansent... On connait les lois de l'hosp talité. Posez-donc brusquement une question d'archéologie à un entomologiste ? Il restera bouche bée. Dansez donc autre chose qu'un fox-trott avec un américain ? Il restera les pieds en dedans !

Alors, je ne dirai pas les vieux, mais «ceux d'avant» restent sur leurs chaises on dans l'angle d'une porte ; et ils regardent. Parfois, ils ne voient pas les visages, car la mode a repris des bals masqués d'une seule couleur ou d'une seule époque ; mais ils voient les couples évoluer, ils entendent les cadences de l'orchestre, ils respirent des odeurs familières. Fantômes des soirs évanouis !

Qui sont-ils, ceux qui sont lá, dont on ne distingue pas les figures ? — Les revenants d'un arrière-monde dont on avait désappris l'équilibre.

Mais Un tel... Un tel... nos amis, où êtes vous ? — Ah ! combien n'ont plus pour se distraire que la danse noire de la terre au milieu de l'eternité. Et combien d'entre vous, ô nos jennes filles perdues de vue, et dont nous ne savons plus les noms, sont à cette heure de nuit penchées sur des berceaux ? Pourtant, si par la fenêtre ouverte, un peu de tiède brise à travers les rideaux vous apporte l'écho d'une musique que vous avez aimée, peut-être vous souvenez-vous encore, avec une tendre mélancolie, de vos premières robes du soir, mousselines blanches de jadis, et de vos danseurs dont quelques uns regardent aujourd'hui le tournoiement d'une bal de fantômes...

*
* *

La charité ne perd jamais ses droits. Elle se plie aux exigences du temps et aux caprices de la mode. Emportée d'un magnifique essor, elle fut durant la guerre secrète et spontanée. Le cours ordinaire de la vie reprend. Et les belles manifestations d'art et de mondanité recommencent, dont la bienfaisance est l'occasion. Derniérement, l'hôtel Murat, qu'habitait le Président Wilson lors de son premier séjour, s'orna pour une de ces fêtes.

Il y eut les petites boutiques achalandées par des marchandes aux beaux noms, et le thé au jardin. Il faisait divinement beau ; une chaleur suffisante pour que l'on souhaite la fraicheur de l'orangeade à l'ombre des arbres, mais non pas excessive au point d'empêcher qu'on s'écrase dans le petit salon où l'on vendait aux enchères. Des autographes, le porteplume qui servit au maréchal Foch pour signer l'armistice, une lettre du cardinal Mercîer, et beaucoup d'autres souvenirs émouvants, ou précieux furent disputés à qui mieux mieux.

Ainsi cent cinquante mille francs s'en allérent par le chemin du Bien.

*
* *

C'est beaucoup pour une œuvre ; ce serait bien peu pour mettre en scène un film de cinéma. Les maisons d'édition se battent, en ce moment, à coup de millions. C'est à qui construira la ville de carton la plus dispendieuse ; à qui réunira au même endroit le plus de figuration possible.

Soit. Il importe peu si le résultat est satisfaisant ; et je ne veux pas savoir ce qu'il fut dépensé pour monter *Intolérance*, dernier fruit de cette concurrence.

Un grand film, en vérité.

Trois fresques s'y déroulent parallèlement pour l'illustration de cette idée philosophique que l'intolérance est la mère de toute les calamités. Perpétuelle opposition de l'intransigeance sectaire et de la liberté de pensée.

La première, c'est la chûte de l'empire de Babylone trahi par le grand prêtre de Baal ; la seconde, c'est la Vie de Jésus ; la troisième, c'est la moderne aventure d'un industriel qui veut faire observer par ces ouvriers les principes d'une société de propagande vertueuse dont il est le directeur.

La présentation, par coupures superposées des trois épisodes, qui est une innovation, nuit-elle à l'unité du film ? Il ne nous semble pas. Par le soutenu des actions et les rapprochements combinés, on a l'illusion d'un réel synchronisme, extérieur au plan historique du temps. Quant à la richesse et au mouvement, surtout dans l'exécution du siège de Babylone, tout ce que notre imagination nourrie d'etudes classiques nous permet de concevoir a été réalisé, jusqu' aux détails les plus charmants, comme celui de ces colombes attelées qui vont porter des fleurs aux bien-aimées impériales.

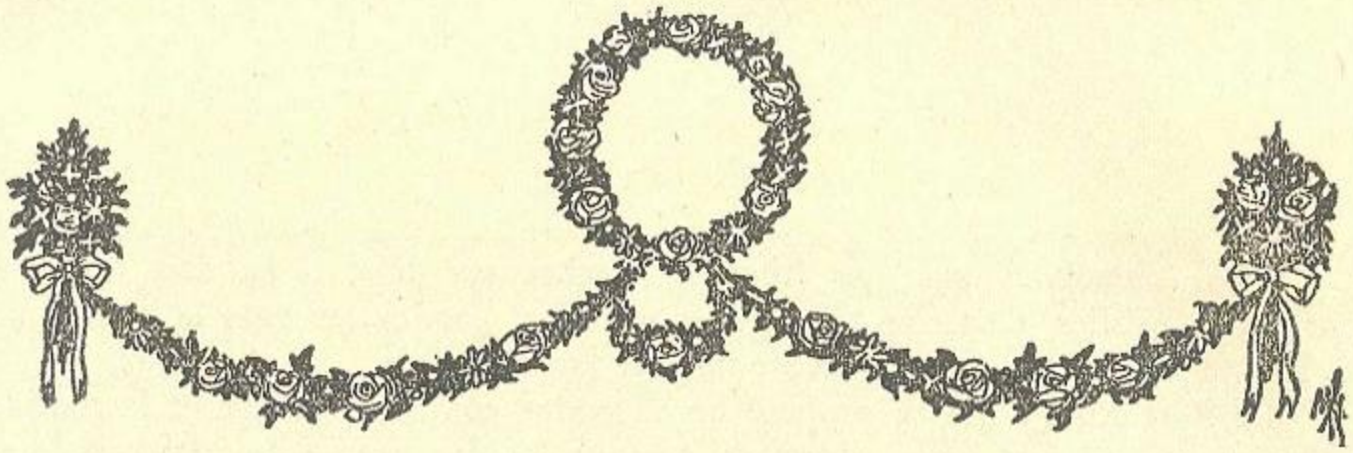
Il convenait de signaler *Intolérance*. Les théatres ne nous offrent guère de nouveautés, et par ces chaudes soirées où l'on dine tard, ou va bien volontiers au cinéma.

*
* *

Films immobiles sout les Revues. Nombreuses déja, il en nait tous les jours de nouvelles. Chacune témoigne d'un effort particulier vers la liberté ou la beauté ; quelques unes réussissent qu'il faut nommer.

La Rose Rouge qui se propose de défendre contre la sottise et la routine littéraire, ce qui est beau, jeune et humain, et qui publie de beaux poêmes de Maurice Magre. de Pierre Benoit, des proses d'André Gide, de Suarez, etc.. . *La Minerve Française* sage et serieuse sous une sobre couverture, où Pierre Lasserre donne des pages sévères et discutées sur Edmond Rostand. *Aujourd'hui*, titre d'argent sur papier torchon, ou brille la jeune pleïade d'avant-garde, et qui semble un peu l'heritière somptueuse du *Mot* et de *l'Elan*. *Les Feuillets d'Art* enfin qui, sous une apparence nouvelle, offriront tous les deux mois, réunis par une converture au pliage ingénieux, des fascicules séparés d'une perfection d'imprimerie et décoration, d'un soin typographique à peu près uniques, quant à présent. Les rubriques de littérature, d'art, de musique, de mode y sont signées de noms célèbres dans leur partie. Textes et illustrations sont d'un magnifique ensemble.

I. N. Faure-Biguet.



O pintor Sequeira em Italia

A partida da Côrte para as Caldas — Saída do Sequeira — Chegada a Génova — Impressões primeiras — Génova e Lisboa — Monumentos e quadros — Rubens — Chegada a Roma.

Não faltava que fazer ao pobre Guarda-joias!

Era véspera da partida da Côrte para as Caldas. Já tinham largado alguns carros de bagagem, preparavam-se outros. E êle corria por todo o palácio, sempre ralhando, sem conseguir esconder de ninguem a sua incansável bondade, acabando em palavras medidas e baixas de ironia agridoce o que começara a dizer gritando, em voz irritada de censura (1).

Os criados sumiam-se, como se lhes abrisse o chão, ou conhecessem portas misteriosas nas paredes. Não conseguia caçar um. Algum que aparecia perdido fugia, mal encarava com êle, e lá se ía a correr, como se ordem de importância que levasse o não deixasse vêr nem ouvir o bom João António Pinto da Silva, a chama-lo desespera-

(1) A Côrte partiu, neste ano de 1788, para as Caldas no dia 5 de Maio e recolheu a Lisboa em 4 de Julho. Assim se lê na *Gazeta de Lisboa:*

«Lisboa *9 de Maio.* S. M. e toda a Real Familia, tendo-se embarcado no dia 5 do corrente, pelas 10 horas da manhã, em a Ribeira das Náos, forão jantar a *Villa Nova,* e dalli se transferirão nessa tarde ás *Caldas da Rainha,* aonde nos consta terem chegado com a desejada felicidade». *Supplemento A' Gazeta de Lisboa,* número XIX.

Lisboa *8 de Julho.* No dia 4 do corrente pelas 6 horas da tarde S. M. e as demais Pessoas Reaes se restituírão da villa das *Caldass* a esta capital, com grande contentamento dos seus habitantes, e forão residir para o Paláeio do *Terreiro do Paço*». *Gazeta de Lisboa,* n.º 28.

do, muito esquecido da sua compostura de Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Guarda-roupa-e-joias da Sr.ª D. Maria I.ª e Intendente dos Seus Reais Teatros, como então se dízia e escrevia com vogais trocadas e grande abuso de maiúsculas.

E êle lá se ía de um lado para outro abrindo seges e liteiras, vendo se se tinham esquecido, como de costume, de fazer o que êle mandara, e com a certeza já de que, ainda desta vez, só lhe havia de lembrar no meio do caminho alguma coisa necessária que agora lhe parecia não faltar.

Só as chaves de tudo aquilo eram um mólho, em que ninguem encontrava nunca a que precisava, senão êle, apesar do cuidado com que todas andavam marcadas...

Parecia nada, ali no largo; mas, quando a fila dos carros e das seges começava a estender-se pela estrada, é que se via a grandeza daquilo tudo!

O que custava primeiro que se conseguisse pôr uma a andar...

¡Havia de sua majestade chegar a *Vila-nova* e não encontrar ninguem!

Foi nesta lufa-lufa que o Sequeira apareceu, a medo, à procura da carta que havia de levar para João Piaggio, nosso consul em Génova. Já nem dêle se lembrava o bom Guarda-joias. Fez-lhe João António Pinto da Silva a carta, gabando-lhe nela a habilidade e apresentando-o como um moço muito bem morigerado e de bom procedimento. Desculpava-se o Guarda-joias do laconismo com o trabalho da partida para as Caldas, donde prometia escrever.

Ao entregar-lhe a carta, recomendou o bom homem ao Sequeira, em palavras que queria fossem de severidade, mas em que passava enternecida a bondade da sua alma, que estudasse muito para voltar depressa para Portugal, onde era precíso; que se não envaidecesse e se lembrasse sempre que tudo devia à esmola da Rainha N. Snr.ª Ele estava velho e gasto, não podia durar muito, que andasse depressa, porque, morto êle, acabava a protecção que só a êle devia.

E sacudindo-o, voltou a cara, fingindo dar uma ordem para esconder as lágrimas.

O enternecimento tornava mais intensa a alegria de Sequeira, ao sair do paço, naquele lindo día de sol de primavera, apertando na mão a carta em que estava o segredo mágico do seu futuro, sentindo erguer-se-lhe o corpo, fortalecer-se-lhe a vontade, imaginando-se ido e já de volta triunfante à Pátria, num dia assim de sol e alegria como aquele...

Antes de partir, dera-lhe também D. João de Melo uma carta para José Pereira Santiago, encarregado dos nossos negócios em Roma depois da partida de D. Diogo de Noronha (1).

D. João de Almeida era já ao tempo, admirador de Sequeira com aquela grande e nunca desmentida amisade com que o acompanhou na vida inteira.

Partira dias antes, a dois daquele mês, de Lisboa como ministro plenipotenciário em Roma, mas contava ali chegar só depois do Sequeira, que pouco se demoraria em Génova. A carta mandava hospedar na embaixada o nosso pintor.

¡Roma! ¡Génova! Que encanto novo que havia naquelas palavras e que vezes que as repetia, como se fossem mágicas e tivessem o condão de despertar-lhe a alegria.

As caminhadas, a ver com os companheiros a náo francesa que se aprontava para partir, tão devagar, a perder aquele lindo tempo de Maio...

Só a mãe chorava, na sua casita de Belem, por não saber que êle havia de voltar um dia de Roma, cheio de fama como o nosso Vieira, para ser, como êle fôra, pintor régio e ter pensão, comenda e côche...

Por fim, largou o navio e com tão bom vento e quieto mar que já a 6 de Junho estavam em Génova, onde João Piággio recebia o Sequeira e os dois companheiros bizarramente, fazendo-lhes ver e observar as raridades da cidade (2).

A todo o momento lhe lembrava, na nova terra, aquela Lisboa em

---

(1) D. Diogo de Noronha, nosso ministro em Roma, recolheu com licença a Lisboa em 1786, pouco tempo depois de José de Sá Pereira que viera da côrte de Nápoles em que era ministro.

Em 18 de Julho de 1787, foi D. Diogo de Noronha nomeado embaixador para Espanha, e, em 25 do mesmo mês, D. João de Almeida Melo e Castro para a vaga que aquele deixava em Roma, sucedendo António de Araujo de Azevedo no lugar de enviado junto aos Estados Gerais das Províncias Unidas, exercido por êste até esta data.

D. João de Almeida Melo e Castro partiu para Roma em 2 de Maio de 1788.

Cfr. *Gazeta de Lisboa:* Ano de 1786, n.º 32; 1787, *Supp.* ao n.º xxx, 1788, n.º 19.

(2) Não pude averiguar com segurança quem fossem os dois companheiros portugueses do Sequeira a quem se refere Piaggio. ¿Seriam novos empregados da embaixada? ¿Seriam outros artistas que para Roma foram também estudar? O Guarda-joias não se refere a êles na sua carta. O Intendente, que mandara para Roma, em 1885, João José de Aguiar, enviou outros nos anos de 87, 88

que nascera e se criára, tanto ao Deus dará, terra de dôce e claro sol, qua lhe acudia à lembrança numa impressão de inquieta tristeza que não saberia dizer lhe viesse de a sentir tão distante, se da apreensão de um dia, mais breve do que talvez pudesse imaginar, ter de largar outra vez da terra encantada em que agora andava, arrastado por uma fôrça misteriosa que o dominava inteiramente e o levava de surprêsa em surprêsa, como ouvira contar dos santos que os anjos transportavam nos braços de maravilha em maravilha até lhes mostrarem abertas as portas do paraíso.

Surpreendia-o encontrar nos cais de Génova o mesmo cheiro a alcatrão e maresia, o mesmo formigar, quàsi que as mesmas vozes da Ribeira de Lisboa, o seu falar alto, como sacudido e cortado pela voz do mar.

E, ao sair duma igreja ou dum palácio, a que o amôr da sua arte o levara, era com deliciosa emoção que se perdia, numa daquelas ruas estreitas, de alta casaria em que vivia a gente pobre e lhe lembravam as dos bairros velhos de Lisboa, sempre mergulhadas em sombra, cheias de crianças a correr e a brincar, sem responder às mães que de dentro de casa as chamavam quando as não ouviam rir, sempre a levantarem as cabecitas, como se esperassem que caisse à rua o sol que là em cima, perto dos telhados, se dependurava alegremente na roupa posta a enxugar em cordas estendidas de janela para janela, e que um vento mais forte do mar sacudia de vez em quando com o ruido de festa das bandeiras de um arraial.

O repíque de um sino distante, a tocar a rir e a cantar para as crianças, vinha avivar-lhe as saùdades da pátria. Eram mais alegres, tinham um som mais claro os sinos da sua terra...

Na *Via-Nuova* surpreendia-o ver tantos palácios alinhados, de tanta magnificência, de jardins misteriosos em que se ouvia cantar escondidamente a água.

Nas ruas estreitas, as esculturas de velhos e silenciosos palácios pareciam subir, como flôres de grandes jardins fechados, à procura da luz que em cima brilhava no céu azul.

---

e seguintes até o de 95, em número de 18 ou 20 e ali estiveram até ao tempo em que os Franceses invadiram os Estados da Igreja. Wolkmar Machado dá como tendo partido para Roma em 1788 por conta do Intendente Arcangelo Fuschini, José da Cunha Taborda, João Caetano Rivara e António Sisenando, ¿Seriam alguns destes os companheiros do Sequeira? Cfr. C. Volkmar Machado — *Memórias*, pág. 33, 145, 295, 296.

Noutros, banhados em luz, o sol animando os frescos das fachadas, gastos pelo tempo, envolvia-os de um esplendor de miragem.

E todos silenciosos e graves, como moradas de lenda em que estivesse preso um romance de amor, ou se escondesse misteriosamente um tesouro grande e perdido.

Palácios de conto antigo... ¡Tão tristes! Mas, mal se entra a porta, surpreende em cada um a profusão de estuques e douraduras, a magnificência das escadas subindo em passo grave, majestosamente, por entre renques de colúnas, até parar nos átrios em que cáe a jorros a clara luz do céu, embalsamados do perfume das flôres entrando francamente pelas arcadas abertas para jardins, que a disposição do terreno permite ter quási em cada andar, e para lá dos quais se avista o céu claro ou as montanhas azues distantes, parecendo que toda a terra de Génova foi aproveitada no jardim de cada palácio.

Por toda a parte as escadas teatrais de Alessi, Rocco Lurago e Bartolomeo Bianco, bordadas de balaustradas de mármore sobem, descem, desdobram-se, fundem-se, sempre à vista, por entre colunas sustentando num gesto de orgulho abóbadas sumptuosamente decoradas.

Nos tetos dos salões, a pintura prolonga os efeitos da arquitectura, erguendo colunas, contornando balaustradas e abrindo sôbre um céu de apoteóse nos frescos alegres, claros e luminosos de Domenico Piola, do Benso ou dos Carbone.

Não há nada tão aberto para a terra e para o céu como aqueles palácios genoveses que, vistos de fora, parecem fechar-se misteriosamente para guardar um segredo.

Como tudo aquilo devia fazer lembrar ao Sequeira as decorações dos teatros reais, os scenários de Azolini, que sempre tivera como criações da fantasia...

Terra de jardins encantados aquela Génova...

Logo em baixo, ao pé do mar, em Fassolo, os jardins do palácio de André Doria e a melancolia dos seus ciprestes esguios, graves como colunas de bronze ou mármore verde que ali marcassem a grandeza de palácios que o tempo destruíra, ensombrados de castanheiros, perfumados de limoeiros, cortados de escadas e balaustradas de mármore acompanhando, no mesmo rítmo harmonioso, por entre os canteiros floridos, a água dos tanques e canais, o cantar das fontes de Bernardino da Novi e dos Carbone.

De quando em quando, misteriosa, a canção do vento nos pinheiros...

Ao fundo, as belas *loggie* do Montosorli e o palácio, destacando

sôbre a verdura dos jardins que por detrás dele galgavam, colina acima, até à igreja de San Rocco. A meia encosta, na brancura da sua gruta, o Jupiter colossal de Marcello Sparzio.

Por toda a parte os restos do passado, numa porta, numa janela, em velhos palácios como o de S. Jorge, erguendo sôbre a sua arcaría em sombra as pedras do Pantocrator, da côr das rosas côr de rosa, parecendo ter presa e encantada a melancolia dos últimos e dôces raios do sol, o perfume triste das flôres sêcas.

Sempre um palácio mais e sempre a surprêsa dos restos de um edifício antigo em que a princípio não reparara.

E à cata de surprêsas, galgando as escadarias estreitas que subiam para jardins mais altos, sempre a cncontrar uma escada nova para subir, um novo jardim para vêr....

Também que prazer, quando não havia mais nada para subir, e descançado, à sombra de uma árvore antiga, ouvindo cantar a água de uma fonte guardada por gigantes de mármore, deixava caír o olhar, aos saltos, alegremente, procurando entre escadas e jardins, o caminho que andara, até ao cais e ao mar perto, a faiscar de prata, mais longe, azul, parecendo subir pelo céu numa vaga a desfazer-se em espuma de oiro nas nuvens brancas que por cima da sua cabeça corriam rasgadas pelo vento, iluminadas pelo sol.

Tudo ali lhe falava da arte que em Lisboa tão cêdo o fascinara nas soberbas decorações da ópera real. A todo o passo parava a vêr uma obra que parecia imaginada por os artistas que pintavam as maravilhas em que se íam de admiração os olhos da rainha e das princesas, e que êle julgara sempre serem de pura fantasia.

Um capricho do vento dava a uma árvore e a um grupo de camponeses o ar de uma invenção de Pillement.

¡E tanta obra a admirar nas igrejas! Santa Maria di Castello era um museu e, quando saía da igreja julgando não ter mais que admirar e parava no seu claustro tranqùilo, a anunciação de Justo fazia-o ficar a pensar. Parecia que fôra ali que a Nossa Senhora aparecera aquele anjo, sumptuosamente vestido, como o embaixador de um grande rei, o corpo mal podendo com a dalmática bordada de oiro e seda, baixas as azas em brilhos de esmalte, mão estendida em bênção, no gesto de quem acaba de soltar, a voar, a última palavra da mensagem celeste. Foi ali que Virgem, assim de joelhos, as mãos brancas cruzadas pregadas ao peito como um ramo de lírios brancos, baixos os olhos que a voz do anjo fizera desviar do livro de orações, ouviu as palavras da anunciação...

João Piaggio, nosso consul junto da República Sereníssima, acompanhava-os por toda a parte, informando-se ao mesmo tempo de Portugal, cuja grandeza louvava tanto como a excelência do Guarda-joias, para quem de longe se desbarretava, como se o tivesse presente, repetindo mecanicamente as frases habituais das cartas, muito grato à honra com que a sua exímia bondade o distinguia, esperando lhe continuasse sempre o seu patrocínio, inteiramente dedicado a seu serviço, sempre prontíssimo a cumprir seus estimadissimos mandamentos, tudo num dizer cantado, com grandes gestos, suprindo as maiúsculas por atitudes baixas e respeitosas da cabeça, movimentos curvos e cerimoniosos dos braços.

E contava o trabalho que lhe dava o expedir depressa para Portugal os cantores contratados para a Patriarcal e para a ópera régia, sempre a procurarem pretextos para se demorarem, mais dispostos a gastar em Génova a ajuda de custo que recebiam para a viagem do que prontos a partir.

Ainda o ùltimo contratado, Contucci, saíra de Roma a 5 de Abril com obrigação de estar em Génova a 15 e só agora ía a caminho da côrte de Portugal...

A 8 de Junho, eram os portugueses surpreendidos pela chegada a Génova, à tarde, de monsenhor Altieri, que vinha trazer o chapéo de cardeal ao patriarca de Lisboa (1).

---

(1) Era o novo patriarca *José Francisco de Mendonça*. Sucedera a *D. Fernando de Sousa da Silva*, falecido em 11 de Abril de 1786, pelas 7 horas da tarde. Era principal primário da patriarcal, ao tempo da nomeação régia feita em Agôsto do mesmo ano.

Em 5 e 6 de Fevereiro de 1787, formalizou-se em casa do Núncio o processo preparatório para a sua confirmação, tomando-se, como se dizia então, os depoimentos do estado da pessoa e da igreja, e prestando D. José Francisco de Mendonça o juramento do costume. Foi proposto em consistório de 7 de Março de 1788, chegando correio de Roma com a notícia a 22 e com o *pallium* a 26 de Abril.

Altieri, que chegara a Génova a 8 de Junho, partiu desta cidade a 7 de Julho e chegou a Lisboa a 9 de Agôsto. O chapeo cardinalício foi-lhe imposto a 14 do mesmo mês, com grande cerimonial, no oratório particular do palácio da Ajuda, pela rainha, recolhendo depois o novo cardeal ao seu palácio da Junqueira com honras militares.

Tomou posse por procuração a 25 de Outubro, depois de chegadas as bulas de confirmação.

Foí sagrado na capela real da Ajuda, no domingo, 16 de Novembro, em presença da rainha e da côrte pelo bispo do Pôrto, seu irmão, assistindo os

¿Quem poderá dizer a influência que fariam naquele espírito tão facilmente impressionável a aristocrática elegância de Vandyck, as maravilhas de côr de Rubens, os contrastes de luz de Bernardo Strozzi?

O que é certo é que essa impressão foi profunda e o trouxe com demora a Génova depois da sua peregrinação pela Itália na volta para Portugal.

A Roma o chamava o seu anceio de ver e trabalhar (1).

Não estava ainda em Roma D. João de Almeida, mas recebeu-o e agasalhou-o José Pereira Santiago, que ficara encarregado dos negócios da embaixada depois da saída do antigo embaixador, D. Diogo de Noronha, para Portugal.

Para êle levava o Sequeira uma carta de D. João de Almeida, recomendando-o com interêsse e mandando-lhe dar casa e mesa no palácio da embaixada (2).

Em Roma, encontrou o Sequeira os pensionados da Casa Pia, com preocupações bem diferentes das suas, deixando-se levar pela vida fácil de prazer sem cuidar de estudos.

Não fôra isso que o trouxera a Roma, mas sim aquele amor pela pintura que fizera grande o Vieira, que tanto admirava e tinha a ambição de vir a igualar um dia.

E sempre nos ouvidos com as palavras graves do Guarda-joias aconselhando-o a que não procurasse andar de vagar nos seus estudos, mas que pelo contrário fizesse por andar depressa para voltar mais cedo à pátria.....

DR. TEIXEIRA DE CARVALHO.

---

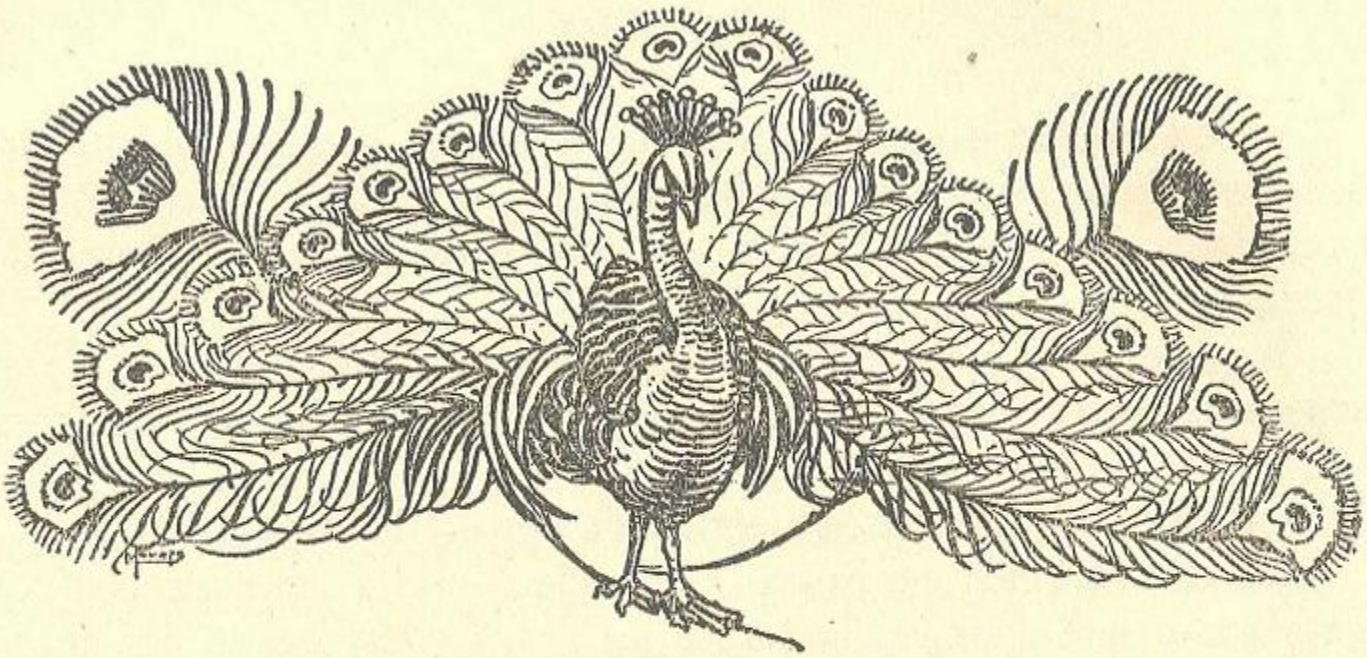
bispos do Algarve e de Lamego. No dia imediato recebeu o *pâlio* no seu palácio da Junqueira.

A sua entrada solene na igreja patriarcal fez-se a 21, sendo acompanhado por seu irmão D. José de Mendonça, bispo do Pôrto e D. José Maria Mendonça, conde de Val do Reis, D. João Pedro da Câmara, visconde de Barbacena, D. Luís da Câmara, conde de S. Tiago e D. Diogo, marquês de Marialva, seus próximos parentes.

Destes sucessos encontra-se desenvolvida notícia na *Gazeta de Lisboa*, 1786, *Supl.* ao n.º XV, e n.º 32; 1387, *Supl.* ao n.º VI; 1788, *Supl.* ao n.º XVII, *Supl.* ao n.º XVIII, n.º 33, 34, 44, *Supl.* ao n.º XLVII e *Supl. ext*, ao n.º XLVIII.

(2) Nem nos registos do Guarda-joias nem nas cartas de João Piaggio e José Santiago encontrei noticia da época certa em que o facto se deu. Parece-me, porêm, poder fixá-la em fins de Junho ou princípios de Julho de 1788.

3) Cfr. *Doc.* VII, pag. 10.



Trois generations — Trois écrivains

Parmi les nombreux livres qui tous les jours paraissent, attestant le renoúveau, l'indestructible sève du génie littéraire français, je voudrais aujourd'hui en choisir trois, qui m'ont semblé plus particulièrement representatifs, et ce me sera une occasion d'étudier en même temps d'un peu près la pensée et la sensibilité de trois écrivains. Comme ils appartiennent à des génération différentes, cette étude n'en aura que plus de sens, elle nous donnera une idée à la fois de la varieté et de l'unité de notre production actuelle, et surtout de son admirable et belle liberté.

*

* *

M. Camille Mauclair n'est pas un inconnu pour le public d'Amérique Latine. Je sais même qu'il est fort goûté dans ce pays de haute culture et de sensibilité juste. Cela me console, pour ma part, de bien des injustices qui lui ont été faites en France: il n'y occupe point la place que sa compétence de grand critique lui mérite. Cela vient de ce que les critiques de profession, gent irritable et ambitieuse, défendent avec acharnement les prébendes dont ils vivent et font au public frivole la concession — pour eux toute naturelle — de railler et de bouffonner, de dénigrer et de chipoter, au lieu de chercher à comprendre, et d'expliquer au lecteur les raisons qui font une œuvre belle et attachante. Leur tare essentielle, profonde est qu'ils ne sont pas eux-mêmes artistes. Ils se sont jetés dans la critique par impuissance à

trouver un autre débouché à leur envie d'écrire. Stériles, sans imagination, ils ignorent la technique du poème, du roman, du conte, même de l'essai, et ce qui est bien plus grave, ils en ignorent le mécanisme mental. Ils sont insensibles à cette délicate et subtile fusion qui se produit dans l'esprit du créateur entre le jaillissement de son inspiration et le procédé de l'expression. Ce mystère du style leur échappant, ce qu'ils appellent «leur gôut» demeure à tout jamais taré d'insuffisance. C'est un procédé absolument automatique qu'il appliquent à la discrimination des œuvres envisagées, une véritable clef qu'ils posent sur le cryptogramme littéraire. A côté de cette misérable littérature, la critique de M. Camille Mauclair apparaît comme une révélation lumineuse. C'est que M. Mauclair est avant tout un écrivain, un poète. Il a composé des vers adorables de sensibilité, musicale et pathétique: *Sonatines d'Automne* et *Le Sang parle*, des romans cérébraux et poignants comme: *L'Orient Vierge*, le *Soleil des Morts* et *l'Ennemie des rêves*, des contes d'une imagination décorative exubérante et somptueuse comme les *Clefs d'Or* et *Le Mystère du visage*. Lui-même s'amuse à peindre au pastel des intérieurs et des paysages avec un talent très sûr et très fin. Musicien passionné, il a vécu toute sa vie parmi des artistes; tout jeune, il fut élevé dans le culte de Jean Sébastien Bach, à un âge où les autres enfants sont noyés des flons-flons de la mauvaise musique. Il s'y connaît en toutes choses: mais il fait mieux que de s'y connaître, il aime. Il est sensible à la moindre nuance, il a le goût parfait de qui voit toujours, au-dessus des réussites techniques, les raisons secrètes qui les ont fait aboutir, la source de l'inspiration. C'estpourquoi je mets infiment audessus de tout ce qui a été fait en ce genre par ses contemporains ses livres de critique proprement dits: *l'Art en silence, Idées Vivantes*, de *Wateau à Whistler*, *Trois crises de l'art actuel*, *Histoire de l'Impressionnisme*, *La religion de la musique*, etc. sans compter une quantité considérable d'études qui ne furent jamais réunies en volume ou bien qui parurent, monographies d'art, dans les livres de grand luxe, où le public ne pouvait les joindre. Là, vraiment, il était tout à fait à l'aise, il était lu-même, pleinement magnifiquement. Esprit pénétranttet délié, imagination douée d'une indéfinie puissance dans la découverte des analogies, il se tenait au centre des phénomènes de l'art et de la littérature comme un juge idéal, infaillible à la fois et prodigieusement sensible. Il n'envisageait jamais un homme, un livre, un tableau, une symphonie comme une chose séparée, morte, abstraite, mais comme un objet de la nature, vivant et frissonnant, reliée à

tous les autres par des milliers de nécessités organiques, et par tout un système d'évocations reciproques. Ses études sur Edgard Poe, Flaubert, Watteau, Whistler, Rodin, Carrière, Moussorgski, etc. sont à ce point de vue d'indépassables modèles. Ce sont à la fois des miracles d'analyse exquise poussant jusqu'au point le plus vivant, le plus secret et en même temps de parfaites réussites de critique synthétique. L'artiste y est à la fois pénetré, fouillé, mis en lumière comme, s'il était *seul*, puis replacé dans son milieu historique, expliqué, situé, et de lui à tous ses *analogues*, à toutes ses *correspondances* dans les autres arts, dans les autres techniques, mille et mille liens sont jetés, serrés, inextricables, subtils, un merveilleux filet logique.

C'est que pour M. Camille Mauclair, non seulement une œuvre d'art, mais l'ensemble des œuvre d'un art donné ne sont point choses isolées, coupées du reste du monde intellectuel et sensible, mais au contraire elles sont réunies par une même racine vivante: qui est la conscience du spectateur. A partir d'un certain degré de grandeur et de vérité, il y a quelque chose d'interchangeable entre une symphonie, une fresque, une poème, et tout se trouve sur le même plan idéal, et les mémes métaphores viennent aux lèvres pour les juger.

Ce point de vue, ressenti non point comme une froidé vérité philosophique mais comme un frisson organique de la sensibilité, donne à toutes les spéculations critiques de M. Mauclair une valeur surprenante et a fait de lui un des plus grands critiques d'art, de moeurs, de littérature que nous ayons eus avec Rémy de Gourmont, à notre époque (mais avec des différences considerables de sensibilité).

Quoiqu'il n'ait que huit années de plus que moi, et qu'il soit resté infiniment jeune à tous les points de vue (notamment par sa gaieté et sa bonne humeur qui sont restées d'un enfant ingénu) j'ai toujours considéré M. Camille Mauclair comme un maître, à cause de la maturité de son noble esprit. Sentiment qui fut encore accentué chez moi par le fait que les circonstances me firent vivre près de six années entières dans son intimité. Je retrouve dans mes papiers une note qu'il avait écrite sur ma prière et pour mon education personnelle, précisément sur cette question de la critique. Je ne résiste pas au plaisir de la citer:

PRINCIPES CRITIQUES

1.° Envisager l'individu étudié, non selon le goût du critique, mais selon l'idée que le producteur a voulu développer, quelle qu'elle soit. Examiner si ses procédés concordent à cette idée et à son affirmation maxima.

2.° Envisager le producteur relativement à tous ceux qui ont obéi à des conceptions analogues dans l'époque ou antérieurement, et déterminer ainsi sa place dans leur groupement et la qualité de son apport.

3.° Situer le producteur à sa place dans l'histoire générale des lettres françaises en tenant compte de l'importance du groupement auquel il appartient, relativement aux autres, et déterminer la proportion d'idées, d'émotions et d'éléments de synthèse apportés par ce groupement et ses ascendants.

4.° Ne commencer à porter un jugement final qu'après cette dernière opération de l'esprit — de façon ä obtenir *le ton* de l'éloge ou du désaveu, en évitant dans le jugement les éléments d'influence nerveuse et d'impression immédiate, qui créent l'exagération. Et enfin, si l'on conclut *contre,* ne jamais oublier que la base de la critique est *l'amour,* la gratitude pour l'être, même médiocre, qui a essayé de penser, et *qu'il n'y a de compréhension vraie qu'au degré de cet amour* préconçu pour tout homme qui s'est distrait un instant de l'égoisme.

Comme elle est précieuse et rare, n'est-ce pas? cette modération dans le blâme, quand il faut blâmer! comme il est touchant ce respect préconçu envers l'homme qui, au lieu de jouir de la vie en égoïste, s'est sacrifié un instant pour tenter de faire un peu de beauté! Et que nous voilà loin des critiques dénigreuses, lourdement ironiques, pédantes, sèches et mortes qui remplissent, à en bailler, les colonnes des quotidiens sérieux et des graves revues!

Il était impossible que ce souci de toujours découvrir l'homme dans l'œuvre d'art n'amenât point M. Mauclair à la morale. Cet éssayste ne pouvait pas ne pas aboutir à la critique de moeurs. L'homme n'est pas toujours un animal qui fait de la musique, de la peinture, de la littérature. Il a d'autres activités, également passionnantes: il pense, il aime. M. Mauclair voulut le suivre aussi dans ces avatars. Psychologue raffiné, admirablement doué pour les spéculations métaphysiques, il fut, lui aussi, comme Rémy de Gourmont, tenté par les problèmes de l'amour. Il le fut même toute sa vie. C'est pourquoi, au cours de sa carrière déjà longue et si remplie, il trouva le temps de mediter sur ces questions vitales et le résultat de ces méditations, il nous l'a donné en deux volumes qui en quelque sorte se font pendant: *De l'Amour physique* et *La Magie de l'amour*. Composé à loisir, six ans de méditation ont dépouillé ce premier ouvrage de tout ce qu'il pouvait contenir de virulent, de revendicateur, de subjectif. Il n'y reste plus que des considérations à la fois précises et élévées sur des problèmes à propos desquels il est convenu que l'on garde le silence. Je ne cache pas que je préfère infiniment ce qu'il en dit à ce que nous en pensons, par une habitude séculaire.

Une pudeur absurde nous a toujours empêché de considérer le problème sexuel comme nous eussions regardé tous les autres pro-

blèmes de la vie. Alors, pour le résoudre, nous nous sommes contentés de solutions au petit bonheur, n'importe lesquelles, et surtout machinalement traditionnelles. Il s'est donc passé cette chose invraisemblable, c'est que, dans une société si remuée dans ses moeurs et dans ses pensées qu'elle est en train d'accomplir une transformation fondamentale, la seule question de l'amour physique a été pieusement et sottement omise, et nous continuons à nous transmettre ici les habitudes qui convenaient aux tribus barbares les plus anciennes des races humaines.

Cet état de choses a toujours plus ou moins étonné les penseurs et il est destiné à les étonner davantage, jusqu'à ce que tout soit devenu conforme au bon sens. M. Camille Mauclair a pu faire un livre tout entier avec cet étonnement parce qu'au lieu de le réduire à une boutade en passant, il l'a promené pour ainsi dire dans tous les domaines de l'amour physique, avec minutie, avec ordre, avec logique.

Il a trouvé que les deux sexes étaient égaux devant le désir et il n'y a rien à lui opposer que de mauvaises raisons. L'égoîsme masculin ayant décrété ici une supériorité de fait depuis des temps immémoreaux, il est assez naturel que les générations aient fini par croire à une supériorité de droit. Mais lorsque quelqu'un se lève et demande une explication de *droit*, ceux qui la lui fournissent en arrivent toujours à formuler une explication de fait. *Ego nominor leo.*

Il a expliqué que la première virginité de la femme n'avait aucune importance réelle, et il n'y a pas moyen de lui répondre autrement que par de vagues raisons sentimentales qui ne signifient rien.

Il a montré par quel processus psychologique l'homme qui oblige la femme au mensonge, l'accuse d'être menteuse par elle même. Et il est parfaitement vrai que les femmes les plus simulatrices et les plus fourbes, si on les étudie un peu, sont les produits authentiques d'une civilisation ancestralement établie sur la soumission sans examen du faible au fort, sur un mensonge de tous les instants.

Enfin, il a longuement et nettement expliqué comment de cette fausse pudeur, de cette ignorance volontaire et équivoque des réalités de l'amour, ne peuvent naître (et plus elle se prolonge, pire est le mal) que des désastres : l'homme, furtivement autorisé a se documenter chez les filles en revient avec une expérienee cynique et flatteuse, doublement fausse et qui lui altérera ensuite toute la claire notion de l'amour normal; la femme, parquée dans le silence et le secret, laisse son imagination organiser à propos de cet acte mystérieux des rêve-

ries magnifiques, qui s'écroulent lamentablement au premier contact, et deviennent une désillusion d'autant plus forte, et par malheur également fausse.

Et il conclut fort justement en prétendant que, étant donné le nombre de maux qui proviennent de notre hypocrisie, ceux qui pourraient à la rigueur, au commencement de cette nouvelle expérience, provenir de notre sincérité, seraient absolument négligeables.

En réduisant l'amour physique á ce qu'il est réellement, en le dépouillant de toute poésie tendancieuse, de l'appareil absurde de pudeur dont l'àvons encombré, nous sommes au moins certains de ne pas le confondre avec l'union profonde et mysterieuse de la tendresse et celle-ci bénéficiera légitimement de la poésie et de l'exaltation usurpée par le désir.

La *Magie de l'Amour* rectifie en quelque sorte les idées qu'on aurait pu se faire sur *l'Amour physique,* elle le remet au point. C'est l'envisagement, par un philosophe très serein doublé d'un moraliste très sensible, de l'illusion idéale qui magnifie et transfigure le désir et les actes de l'amour.

«... Il n'y a rien d'anormal dans l'univers. Notre amour humain semble être anormal en ce qu'il se différencie de la règle reproductrice, la complique, l'enrichit, la singularise, et dépasse infiniment dans ses complexités les necessités de la génération. Mais il nous a été donné d'être libres d'imaginer ces hyperboles, et si nous en cherchons la raison très profonde, bien au delà des morales conventionnelles de la religion ou de la société — et ce sera mon but — nous découvrirons que cette anormalité n'ert que la prescience d'autres règles cachées, règles tout autres que les lois de la continuation de l'espèce : Nous pressentirons que cette faculté d'hypersexualité appelée amour n'est qu'un moyen d'atteindre, de notre vivant, à la perception métaphysique du rythme universel, immortel, éternel, un moyen de constater en nous, et au sein même de l'action réputée la plus bestiale, des lois abstraites dominant notre être périssable; un moyen, enfin, de «Connaissance» fluidique dont la Pensée et la Musique sont les seuls équivalents. Pour que deux êtres parviennent à un tel degré, il faut le concours de toutes les forces phychiques, l'activité harmonieuse et réciproque de toutes les facultés cérébrales et non seulement de celles en qui se localise le désir d'engendrer : et c'est en quoi l'amour comporte bien autre chose que «le piège de la nature»; la conjonction est, dans l'amour, le prétexte d'une projection métaphysique, alors qu'elle est tout le but du simple désir.

Le livre tout entier est très beau. Il mériterait une analyse détaillée, qui excéderait hélas ! les limites de cette étude. Il se divise en trois parties : une partie d'introspections psychologiques : *Les Dogmes de l'Amour,* une partie de considérations sociales : *Les formes sociales de l'amour,* enfin une partie purement métaphysique et lyrique : *Le*

miracle de l'amour, qui est incontestablement la plus magnifique et où l'auteur s'élève à une rare hauteur.

La première partie contient des pages admirables sur le plaisir et l'amour, sur la possession et la mentalité de don Juan, sur l'impuissance d'aimer qui fut la tare et la pathétique misère de Baudelaire, sur la naissance, le déclin et la mort de l'amour, sur la naissance de la caresse, sur les rapports mystérieux de la musique et de l'amour. La seconde partie envisage quelques épisodes de la lutte éternelle de la société contre l'amour. Mais la troisième atteint les plus purs sommets de la spéculation idéaliste, en nous parlant des moments les plus secrets, les plus profonds de notre vie affective. Il y à là trois chapitres; trois chapitres seulement: *Le Sommeil dans l'amour*, *La solitude de l'amour*, *L'amour et la mort* qui contiennent quelques unes des pages les plus intenses et les plus parfaites qui soient sorties de la plume de ce maître ècrivain. Je crois bien que lui seul pouvait les avoir écrites, elles représentent vingt-cinq années de rêveries, d'observations, de désirs, de regrets, de souvenirs, vingt-cinq années où l'esprit ne cessa pas une minute de comprendre, d'intégrer, de contrôler passionnément les moindres mouvements du cœur. Jamais personne, je pense, n'avait signalé cette correspondance si je puis dire planétaire qui constitue le mystére des rencontres passionnelles:

«On a dit que le mot «étranger» n'a aucun sens. En effet, sauf pourtant dans l'amour. les amants sont seuls au monde, le pacte social est rompu pour eux, par eux, contre eux. Ils quittent le monde organisé pour devenir seulement les concitoyens d'autres êtres, de ceux qui s'aiment aussi et dorment comme eux, sur la terre, des dualités mutuellement contemplatives. Mais le couple d'amants est une monade qui, comme celle de Leibniz, n'a point de fenêtres sur le dehors; et quand ces couples se rencontrent, ils passent sans se parler, sachant bien que les bonheurs absolus ne se racontent pas, sachant le prix infini du secret qu'ils honorent séparément, et se bornant à échanger en silence, comme des affiliés, d'imperceptibles signes. La même fatalité est sur eux. Ils l'ont encourue et la connaissent: pourquoi se la dépeindraient-ils? Il n'existe entre eux que des solidarités d'une nature toute mystique. La plénitude même de son état d'âme interdit à tout couple d'augmenter la plénitude d'un autre ou de s'en augmenter: chaque couple est un monde complet. Les douleurs s'entr'aident parfois, mais non point les bonheurs, et chacune des moitiés du couple ne regarde et ne voit véritablement que l'autre.»

«Ainsi les amants savent qu'il y a d'autres amants, mais ils n'ont avec eux que des rappots aussi abstraits, aussi immuablement parallèles, que ceux qui regissent les astres séparés par la gravitation qui les entrâine. Plusieurs couples d'amants réunis devendraient aussitôt des réformateurs de la morale sociale et y apporteraient un désordre aussi extraordinaire que plusieurs planètes modifiant leur trajectoire dans le ciel: et du même coup ils ne seraient plus tout entiers à leur amour. C'est pourquoi ils sont seuls.»

Mais la page la plus profonde est peut-être encore celle où l'auteur explique la prodigieuse volonté d'extase qu'il y a dans l'amour, ce désir formidable d'arrêter la mort en imitant le mouvement. Jamais on n'avait avec cette simplicité, souligné le côté religieux, le côté mystique de l'amour complet :

«Etant antisocial, primitif, artiste et anarchiste, l'amour ne peut constituer sur notre terre qu'une religion secrète, pathétique, et la forme suave de la tristesse. Un tel amour, me dira-t-on, vous le réduisez à une initiation si essentielle, qu'elle serait le fait de très peu de créatures ? Assurément. Il en va de ce profond moyen de connaissance comme de l'art, de la science ou de la mystique. Ce sont choses dévolues à un très petit nombre, encore que beaucoup croient les entendre. Je n'ai pas ici construit une théorie arbitraire de l'amour en me plaisant à le rendre hermétique : je me suis borné à l'envisager profondément, et à analyser tout ce que recèle le geste banal qui l'exprime. Je n'ai rien inventé qui ne fût en lui. Mais, cette analyse, personne ou presque ne la fait. Il n'est pas un phénomène ou un acte de la vie courante, le plus répandu, le plus commun, qui ce contienne une foule de significations et n'offre, à qui sait voir et scruter, la synthèse de toute la vie. L'amour est ainsi. On le mime sans y réfléchir, mais son mystère n'est élucidé que par une infinie minorité d'êtres ; et j'estime que c'est une très rare élite, parmi des millions d'hommes et de femmes, qui mesure toutes les conséquences de cette parfaite fusion du physique et du moral. Et pour cette élite l'amour est infiniment grave, extatique et d'essence secrète, menacé par toute l'incompréhensive hostilité sociale, isolé dans son amoralisme et contraint de se dissimuler dans le silence. Dans la foule innombrable des êtres à face humaine, il y a très peu d'hommes : et parmi cette sélection il en est très peu qui pénètrent le sens de l'amour et en raisonnent tout en lui obéissant.»

*

* *

Dans la génération littéraire qui suivit immédiatement celle à laquelle appartient précisément M. Camille Mauclair, M. Edmond Jaloux occupe une place prépondérante, non seulement par son apport personnel qui est considérable, mais encore par la compréhension fine et fervente qu'il en a toujours eue. L'oeuvre de romancier à laquelle il s'est voué ne l'a jamais empêché de considérer d'un oeil sympathique ce que ces camarades, de quelque âge qu'ils fussent d'ailleurs, produisaient de leur côté. Cette curiosité intellectuelle, impartiale à la fois et chaleureuse n'est pas un des traits les moins attachants de cette belle figure d'écrivain contemporain.

Né à Marseille en 1878, d'une famille de vieille souche provençale, M. Edmond Jaloux eut une jeunesse des plus paisibles, mais d'autant plus riches au point de vue de la vie intérieure. Dès ses pre-

mières années, il manifesta un goût décidé pour la littérature, mais non point, (et ceci est essentiel) de la littérature envisagée ainsi qu'un jeu de l'esprit, mais au contraire comme l'activité essentielle, l'aboutissement suprême de la vie. Il ne considérait ce que lui apportait l'existence que comme la matière première, l'indispensable argile qu'il s'agissait de façonner aussitôt en oeuvre d'art. Et parallèlement les ouvrages des autres lui apparaissaient les témoignages irrécusables, authentiques et définitifs de la vie, de la vie vécue ou rêvée par d'autres âmes.

Au milieu d'une société de petits bourgeois dont il était l'observateur implacable et dégôuté, il rêvait éperdument d'un monde supérieur, d'un monde affranchi, du monde enchanté qu'ont évoqué les artistes les plus grands et les plus angéliques de ce monde dont les portes nous sont ouvertes par Mozart et par Watteau, par Shelley et par Baudelaire, par Jean-Paul et par Henri Heine, par Shakespeare et par Musset. C'est là où il se réfugiait lorsque la vie lui avait fait ces blessures dont un homme mûr sourit mais qui donnent à la jeunesse l'écoeurement du désespoir. Et alors il écrivait ses contes et ses poèmes en prose *(Le Boudoir de Proserpine)*, ses romans décoratifs et à demi féériques comme *Le Jeune homme au masque*. Ces œuvres-là représentent une véritable évasion. Le réel n'y est acepté qu'à titre de matière brute, d'élément primitif, de ligue générale sur laquelle joue le chatoiement lumineux d'un immense désir, absolument comme les lointains de Fragonard et de Wateau se perdent dans une buée vermeille ou bleuâtre dont le reflet, ramené sur les premièrs plans, les fait apparaître irréels et charmants comme des rêves.

Mais comme il était littérairement très consciencieux, il ne se croyait pas en règle avec son devoir de romancier pour avoir ainsi nié la vie courante, et, parallèlement à ces livres éblouissants et doux, il en écrivit d'autres, d'une âpreté et d'une amertume profonde, où sont décrits, avec minutie, les milieux de la médiocrité, les petites âmes qui s'y agitent. *Les Sangsues, l'Ecole des Mariages* sont les résultats tangibles de cette inquiétude et de cette probité spirituelle. Ce sont des romans extrêmement bien composés et bien déduits, attestant une connaissance peu commune de la mentalité bourgeoise et des moeurs pour ainsi dire infimes de ces milieux. Les détails en sont admirablement choisis, l'intrigue s'y développe avec une certitude qui lui confère une sorte de caractère tragique, contrastant ironiquement avec ces dimensions misérables, et l'ironie du contemplateur s'y mêle

suivant um dosage très subtil avec la sympathie émue de l'homme, attristé par tant de mesquinerie et de vice chez d'autres hommes, fraternels après tout. Pauvres histoires d'argent, conspirations sourdes, patiences infinies de la haine, de la rancune ou de l'avidité, petits drames de l'égoisme, M. Edmond Jaloux les conta avec une telle maîtrise que si seulement il avait continué dans ce sens, sa réputation était faite de romancier réaliste, et il serait peut-être arrivé beaucoup plus vite à la célébrité. On ne manqua pas de lui conseiller, pour simplifier, de se cantonner dans un genre. Mais ce n'était point ce que poursuivait sa conscience d'artiste. Ce qu'il voulait, c'était ne désobeir à aucun des appels de sa sensibilité, c'est á dire composer alternativement des œuvres de rêve et des œuvres de réalité, jusqu'à ce qu'il eût trouvé le moyen de concilier son double idéal dans une œuvre unique, d'une harmonie plus complète et plus profonde. Et desormais ce sera là tout son histoire d'écrivain.

Mais avant de pousser plus loin cette essai, il me faut absolument parler d'un troisième aspect de l'activité littéraire de M. Edmond Jaloux, ce que j'appelerai son activité critique.

En quelques années d'ètudes, il se rendit donc familières les littératures étrangères, actuelles et passées, les littératures c'est à dire les moments de la civilisation humaine qu'elles représentent et reflectent. La lecture de Tolstoï, de Tourgueniev et de Dostoievsky lui fit compendre l'âme russe; il devina l'esprit celtique en étudiant Shakespeare et les *Mabinogion;* Cervantes, Calderon et Lope lui donnèrent la clèf du caractere espagnol. Jean-Paul, Haine, Sterne lui révelèrent tous les aspects de l'humorisme. Lorsqu'enfin il aborda la critique, il put le faire dans les meilleurs conditions possibles, c'est à dire riche d'une variété de connaissances insolite, et donc affranchi de la culture classique qui obnuvile souvent et rend timides les esprits les plus clairs et les plus hardis. Il connaissait à fond aussi bien le Dante que Firdousi, le Ramayana que les haîkaîs, Dickens que Mallarmé, Cervantes que Gogol, Edgar Poe que Charlotte Bronté; et tout cela nourri, aéré, illimité si je puis dire par la peinture: passionnément étudiée dans les musées et les collections; par la musique: écoutée d'une âme profonde et tous les jours, la musique de Chopin, de Mozart, et de Beethoven, de Franck et de Debussy, de Moussorgski et des primitifs italiens, et des virginalistes anglais. Les revues et les périodiques accueillirent parfois — pas assez souvent à notre gré — ses études. Celles qu'il consacra à Pierre Loti, à Sterne, à la Rochefoucauld, á Jane Austen, à Alexis Tolstoï, par exemple, sont des mo-

nographies d'autant meilleures que le personnage étudié n'est point envisagé seul mais en fonction de son époque, soit qu'il s'y oppose comme un Baudelaire, soit qu'il en épouse les passions et les rêves comme une M.me de Staël. Et les lecteurs *d'Atlantida* ont apprécié avec quelle autorité large et tranquille il a pu juger un *Walt Whitman.*

Avec *le Reste est silence*, nous arrivons d'ailleurs à une fusion de la plus intime des qualités de notre romancier. Il suffisait, n'est-ce pas? de mettre dans un roman très simple, très familier, un certain accent personnel, une certaine noblesse de points de vue, une généralité humaine en un mot que ne comportaient point *l'Ecole des Mariages* et *les Sangsues.* C'est ce que M. Jaloux a parfaitement réussi dans cette histoire infiniment amère, où un homme mûr raconte un drame qui s'est passé dans sa famille à l'époque où il étaite un petit garçon, et en s'abstenant de tout commentaire d'homme. Les choses sont dites, avec une simplicité toute nue, telles qu'elles apparurent, à la fois plausibles et absurdes, incompréhensibles et quotidiennes, à l'enfant qui en fut témoin. Et le lecteur éprouve jusqu'à l'angoisse une impression pleine de mistère, une émotion faite de deux souffrances : celle de l'enfant obscurément atteint dans l'harmonie de sa petit vie, celle de l'homme jugeant des passions et des aventures d'hommes. L'intervention du romancier est discrète et comme sous-jacente, son émotion ne vibre pas dans les phrases, mais dans les blancs qui sont entre les phrases. Il a su créer une atmosphère à ce drame affreux et le livre est un chef-d'oeuvre. Et comme si l'on en avait deviné la portée dans l'emsemble de la production de l'auteur, le jury de la *Vie heureuse* lui donne son prix annuel (1909).

Après ce livre entièrement objectif M. Jaloux en publia un autre, celui-la completment subjectif et d'un lyrisme éperdu, *le Boudoir de Proserpine.* C'est une suite de contes galants, mythologiques, mystérieux et romanesques, entremêlés de poèmes en prose d'une forme adorable et parfaite, et qui révèleraient un tempérament poétique de premier ordre, si nous n'avions déjà la preuve qu'une sensibilité aussi ardente et aussi délicate est toujours et nécessairement l'indice du don de poésie. Qu'importe au reste la forme? M. Jaloux, s'il n'a pas voulu les publier, par je ne sais quel scrupule excessif, a du moins écrit des *stances* tout à fait curieuses et belles; mais le poème en prose a de suffisantes lettres de noblesse depuis Baudelaire pour qu'on lui confie les plus authentiques lyrismes. Ceux de M. Jaloux ici s'épanchent

en rythmes larges et puissants, en véritables ondes émotives, qui viennent déferler devant le lecteur, venues des lointains les plus indistincts du coeur. L'amour, le désespoir, le regret de la jeunesse, la sympathie pour toutes les formes de la beauté, la communion avec les saisons, la nostalgie des grands époques passées, le souvenir mystérieux des dieux, des fées, des esprits, tout cela est évoqué dans ces pages mélancoliques et harmonieuses, les plus belles peut-être qu'ait écrites l'auteur du *Jeune Homme au masque* et où s'avoue la douleur la plus désespérée. Ce «boudoir de Proserpine» il est vraiment la chambre funèbre et somptueuse où se retire, pour ses méditations les plus tristes, la reine du sombre royaume, du domaine intérieur. Ce n'est pas une confession proprement dite, car, même dans la pire angoisse, l'auteur reste distant et réservé, et cependant son âme même ici se réfugie. Elles évoquent, ces pages souveraines, une sorte de creuset où seraient venues se déposer, pour y brûler d'un feu définitivement destructeur, tous les secrets d'un âme ardente, que le reste de l'oeuvre n'avait pu délivrer, et auprès duquel, offusqués par l'insupportable chaleur, nous serions comme confondus devant ce qu'il faut de souffrance pour faire un artiste, un maître des formes de la vie.

Puis l'apaisement se fait, la douleur se résorbe, toute cette agitation intérieure se contracte en une matière encore plus dense et plus riche, où le romancier puisera pour une oeuvre plus sereine. La carrière est ouverte, cette fois tout à fait nette et désencombrée: il n'y a plus qu'à la parcourir.

Et voici *l'Incertaine* et voici *Fumées dans la Campagne*. Parues presque coup sur coup, ces deux oeuvres sont chacune comme le type d'un genre. *L'Incertaine* commence une série de livres décoratifs et féériques, où l'auteur se laissera complètement aller aux suggestions du démon charmant de la fantaisie. Et *Fumées dans la Campagne* inaugure une suite de livres profondément humains, mais où les données étroites et timides des *Sangsues* et de *l'Ecole des Mariages* s'élargissent jusqu'à une ampleur inattendue et deviènnent de larges, de profonds sujets humains.

On ne raconte pas *l'Incertaine*, on la lit. Cette aventure charmante, subtile et tressée comme un vaudeville, légère comme une pièce de Marivaux, fantasque comme une comédie de Musset, se déroulant dans un décor de petite ville vieillotte, finie, usée, comme il n'y en a nulle part que dans les souvenirs, met en scène des êtres qu'une alchimie mystérieuse semble avoir dépouillés de leur nocivité.

Ce ne sont plus précisément des hommes et des femmes mais des marionnettes imitant les gestes des hommes et des femmes juste assez pour nous retenir au bord des larmes, sur une émotion philosophique. C'est un chef-d'oeuvre, et qui serait impossible si l'auteur n'avait pas été si souvent et si profondément touché par les pirouettes de la Comédie italienne, par la musique de clavecin, par la poésie de Musset, par les imbroglios délicieux de Jean-Paul, par les féeries de Gozi, par l'ironie de Sterne et de Heine. Oui tout cela compose autour de *l'Incertaine* comme une atmosphère, nettement perceptible et respirable. Et si jamais la mode venait de composer, pour de pareils romans, des préludes en musique, je me verrais volontiers introduit dans cette oeuvre délicate par un compositeur du temps de Lulli ou de Couperin, visité un instant par le génie de Mozart.

Quant à *Fumées dans la Campagne*, je ne veux point le raconter non plus d'abord parce que ce serait trop long, et aussi parce qu'on trahit toujours de telles oeuvres en les traitant ainsi. J'en dirai seulement que c'est une histoire des plus sombres et des plus pathétiques, où apparait dans toute son horreur l'irresponsabilité des fautes humaines. Parce qu'il a cru, par un mensonge véniel, sauver une situation familiale tendue, Raymond voit retomber, et presqu'aussitôt, sur lui une pluie de désastres. Les caractères ont une rigueur de fatalité et rien d'autre qu'eux mêmes ne génère ce drame antique, où nulle circonstance extérieure n'intervient. Du conflit de cet egoïste léger, de cette coquette, de cette femme au grand coeur tenace, de ce sentimental trop faible naît une catastrophe aussi rigorousement déduite que celle d'une tragédie, encore qu'elle se déroule dans un décor délicieux, et décrit avec complaisance. L'auteur de *Fumées dans la Campagne* n'avait point 40 ans quand il a écrit ce livre amer et robuste, d'une maîtrise, d'une autorité rares. C'est qu'il connaît à fond l'amertume de vivre, l'ironie affreuse de la répercussion des responsabilités. Son indulgence a quelque chose d'implacable, qui est proprement la sérénité.

Avoir réussi presque en même temps deux oeuvres aussi diverses et aussi parfaites dans leur diversité que *l'Incertaine* et que *Fumées dans la Campagne* classe leur auteur parmi les écrivains de qui nous pouvons espérer le plus bel avenir : ils sont rares en effet les romanciers à qui la dure école de la vie a tout appris sans avoir pu tarir en eux la source de fraîcheur, d'ingénuité et d'images vives qui fait les vrais poètes.

*
* *

M. Francis Carco, lui, appartient à une autre génération encore, celle des tout jeunes gens. Et ses livres n'on aucun rapport avec ceux des deux écrivains qui précèdent. Mais il est extrêmement attachant et je m'en voudrais de ne pas signaler aux lecteurs d'*Atlantida*, qui s'intéressent toujours reellement á la jeunesse et aux promesses de l'avenir, l'existence et le talent de ce délicat et amer artiste.

Tout d'abord, je préviens les timorés qu'il ne s'agit pas ici d'un auteur qu'on peut mettre entre toutes les mains. M. Francis Carco étudie en effet un monde bien spécial: celui des filles et de leurs protecteurs, celui des hors-la-loi, des vicieux, des détraqués qui vivent dans leur entourage. C'est toute une petite société en marge de la vraie, inquiète, troublée, perverse, criminelle, la société des Apaches et des voleurs, des assassins et des invertis, et qui a elle aussi, parodie des nôtres, ses règles, ses lois, ses moeurs, son code d'honneur et de loyauté. Comment M. Carco a-t il obtenu les confidences de ces gens-là, comment a-t il pu pénétrer dans leur familiarité? je l'ignore, mais ce qui me frappe le plus c'est l'extraordinaire chasteté avec laquelle il en parle, une sorte de détachement de clinicien qui, chose étrange, n'exclut nullement la pitié. Oui, M. Francis Carco a pitié de ces misérables, toujours traqués, et qui, malgré leur défi gouailleux, sentent cruellement combien ils sont exclus, ils sont condamnés. Et c'est peut-être cela, au fond, qui ôte à la littérature de ce romancier tout soupçon de perversion, d'incitation de malsaines curiosités. Pour un auteur polisson, la tentation serait forte de nous montrer quelques tableaux croustilleux. Mais M. Carco a d'autant moins de peine à eviter ce mauvais genre qu'il sait davantage combien les idées de plaisir sont absentes de la tête de ces malheureux, toujours harcelés par le souci du pain quotidien, par la crainte de la police ou simplement l'obsession de leur vice. A ce point de vue, cette série de livres qui s'appellent *Jésus-la-Caille,* les *Innocents,* les *Malheurs de Fernande,* les *Amants désespérés, Au coin des rues* constituent une contribution exceptionnelle à l'étude de certaines âmes qui nous demeuraient obscures et presque indéchiffrables. Nous avons la sensation que M. Carco en a découvert tout ce qui pouvait humainement en être atteint. Et c'est parfois aussi terrible, aussi glaçant que d'observer les moeurs effroyables, d'êtres qui n'appartiendraient point à notre règne, des insectes par exemple.

J'ai parlé de pitié : qu'on n'aille pas croire qu'il s'agit ici d'une sensibilité niaise et facile, d'un attendrissement humanitaire et vague à la façon de celui d'Hugo dans les *Misérables*. Nullement. M. Carco a trop de goût pour tomber dans cette phraséologie creuse. Bien au contraire, il s'efforce de rester toujours distant et impassible, il ne commente *jamais* les mouvements de ses personnages, ce qui d'ailleurs produit parfois (comme dans certains passages des *Innocents* et dans certaines terribles nouvelles de *Dans les rues*, un effet de suggestion extraordinaire), il montre même assez froidement, la part de paresse. de veuleurie, d'égoïsme qui constitue la responsabilité morale de ces êtres, au moment où il leur serait donné de choisir entre les métiers honnêtes du peuple et cet état de parias, jouisseurs qu'ils acceptent, non sans quelques sursauts de révolte avant la résignation définitive. Mais (et c'est là qui je le trouve le plus intéressant et plus équitable), il nous a également montré l'impressionante conjuration de forces diverses qui conspirent à affaiblir, à tuer la volonté de résistance chez les victimes choisies. Jamais un Apache ne lâche le morceau. L'acharnement de ces êtres, lors qu'ils ont une fois décidé qu'une femme ne leur échapperait plus est véritablement stupéfiant. Ce sont de véritables terreurs. Aussi règne-t-il dans le petit monde d'âmes faibles et apeurées qui dominent leurs figures sinistres une pusillanimité et une mélancolie exceptionnelles dont M. Carco, entre autres choses a noté l'oppressante atmosphère avec un talent étrange. Le cafard ! Oui, bien avant que la vie des tranchées eût mis à la mode ce mot en lui donnant d'ailleurs un sens tout nouveau, c'est à Montmartre, c'est à Belleville, c'est à Grenelle, c'est dans tous les milieux d'Apaches, de gitons et de filles que sévissait ce spleen d'un genre spécial. Le cafard de *Jésus la Caille*, le cafard des *Innocents,* le cafard d'*Au coin des rues* est terrible. Il prend parfois tellement d'importance qu'il domine tout, qu'il devient le personnage essentiel. Mais c'est dans *Scènes de la Vie de Montmartre,* la dernière oeuvre de M. Francis Carco, qu'il atteint le maximum d'intensité.

A vrai dire, il ne s'agit plus exclusivement ici d'Apaches et de filles. M. Carco d'ailleurs en avait un peu assez de la réputation que certains voulaient lui faire en le cantonnant exclusivement dans un genre aussi spécial il a voulu faire là la preuve qu'il était capable d'aborder d'autres personnages, et il y a parfaitement réussi. Je m'empresse d'ajouter que, du même coup, il s'est évadé de la formule un peu froide, un peu sèche de ses oeuvres précédents (en realité des récits plutôt que des romans, et d'une ligne sûre, mais grêle, sans

complexité) pour aborder le genre *vrai* du roman, avec ses introspections psychologiques, ses suggestions, ses dessous, l'enchevêtrement des épisodes et des caractères.

Le titre trompe un peu. On s'imagine qu'on va lire un recueil de contes, alors qu'au contraire on se trouve en présence d'une oeuvre très solidement charpentée, nécessitée, savante.

Le sujet? En quelques mots, voici: Sur la butte Montmartre, pays des demi-fous, des ratés, des spleenétiques, des théoriciens cubistes, des poètes inconnus, des bons ivrognes, éternelle patrie de la Bohême, vit un jeune homme: Maurice Coquelet, qui est l'amant d'une jeune femme délicieuse et qui l'adore: Irène. Il est pauvre, il ne peut pas l'entretenir comme il voudrait... Elle sort un peu... Il subit cela avec je ne sais quelle tristesse contre laquelle il lutte... Et M. Carco, d'une façon vraiment touchante, dit ce qu'il y a de misérable, de poignant et de profondément humain dans la fraternité de ces deux pauvres êtres dont on sent vraiment qu'ils n'ont que leur mutuel amour au monde pour obtenir un peu de joie. Et, dès les premières pages (c'est en cela que consiste le talent étonnant de M. Carco), on éprouve l'angoissante impression que cette harmonie si fraîche, si consolante est précisément menacée... par quoi? on ne sait pas... mais par quelque chose...

Puis nous faisons la connaissance (entre bien d'autres originaux, car le livre de M. Carco abonde en personnages pittoresques qui meublent joyeusement le second plan) d'un certain M. Crabe, équivoque et triste bonhomme, dont la manie était de se croire le familier d'un esprit, qu'il appelait Balthazar, et dont il était sans doute tellement torturé qu'un jour on le trouve suicidé dans sa chambre. Dès lors, Balthazar choisit pour sa victime le malheureux Coquelet. Entendez bien qu'il s'agit ici d'une simple métaphore, d'une façon ingénieuse de matérialiser d'un seul coup, sous une forme précise, cette vague angoisse éparse dont souffrait sourdement le poète. Mais je ne connais guère dans la littérature moderne de page plus bouleversante que celle où M. Carco suggère la *soudaineté* de cette transformation psychologique. Cet esprit malin, nous, lecteurs, bien entendu, nous ne le verrons jamais, mais le pauvre Maurice, lui, en sera harcelé sans répit, et il vivra désormais dans une véritable hallucination, usé peu à peu, détruit par cette obsession affreuse et pour lui vivante:

> Maurice reconnut la voix.
>
> Il se leva aussitôt et son visage prit une expression soudaine de souffrance et d'étonnement.

Irène lui dit :

— Qu'as-tu donc ?

— N'entends-tu pas ? répondit le jeune homme.

— Coquelet, appelait Balthazar.

M.elle de Beauchasse regarda sont amant et devina qu'il allait se passer quelque chose d'extraordinaire. La fenêtre était ouverte : la lumière froide de la lune pénétrait dans la chambre où elle se mêlait à la tiède lumière de la lampe. Maurice ne disait pas un mot. Sa pâleur devint affreuse à voir...

— Mon chéri ! murmura Irène.

— Il est revenu... gémit le poète... C'est lui et il m'appelle... Porquoi ?

Balthazar dans la rue s'impatientait. Il cria très fort, cette fois-ci, sous la fenêtre et Maurice s'approcha d'Irène. Il lui saisit la main, la porta à ses lèvres. M.elle de Beauchasse voulut le retenir. Il s'écarta, la contempla comme il ne l'avait encore jamais fait et soupira :

— Ce n'est pas de ma faute, mon amour. Je *dois partir*.

— Où ça ?

Il eut un gesta accablé.

— Je ne sais pas.

— Maurice !

Irène fut vite debout. Elle me comprenait rien à ce qui se passait, mais elle devinait maintenant que le pauvre bonheur qu'elle avait mis toute sa force à vouloir, allait lui échapper. Elle prit Maurice dans ses bras...

— Non... non... disait-il, nous n'empêcherions rien.

— Regarde-moi...

Il baissa la tête et porsuivit :

— Peut-être... Sait-on jamais ? Irène, je t'en supplie, sois courageuse... C'était trop beau... Je l'ai souvent pensé... Comment pouvais-je croire que cela durerait toujours ? Il m'attend...

— Mais qui t'attend ?

Il ne répondit pas. Irène se prit à pleurer. Alors il détacha doucement de ces épaules les bras de la jeune fille, s'éloigna d'elle, prit son chapeau qui traînait sur une chaise et sortit en silence, le coeur bouleversé et l'imagination en proie à l'excitation la plus vive.

— Je ne vous vois pas, dit-il à Balthazar quand il fut dans la rue.

— Descendez la rue Ravignan... — répondit la voix.

Coquelet se retourna pour tâcher de découvrir son étrange compagnon et ne pouvant y parvenir — car Balthazar avait comme on dit ses raisons de demeurer insaisissable — il obéit. L'idée de s'arrêter une dernière fois et de regarder, tout en haut de la maison, le petie carré lumineux de la fenêtra de sa chambre ne lui vint pas même à l'esprit. Une sorte d'ivresse l'emplissait.

Et il continue cette course terrible. Et quand il se réveille de cette léthargie, il n'ose plus revenir, saisi d'un accès de découragement. Et, (j'abrège car mille nuances ici interviement, dont aucune n'est négligeable), Irène se croit abandonnée. Elle s'enfuit. Il ne la retrouvera plus que déchue, lorsque, vaincue par la fatigue, la déception, le soupçon et aussi le reflet de ce cauchemar elle sera devenue la

victime d'un souteneur affreux. Et jusqu'au bout, l'auteur, avec un tact suprême l'appellera «la jeune fille». Et je ne sais rien de plus poignant que cette façon tendre et délicate de la nomer, malgré sa chute, et comme s'il voulait lui conserver ainsi, même dans son malheur, cette innocence chaste et apitoyée qui faisait tout le prix de son amour pour Maurice. Celui-ci la retrouve donc, et ils ont une douce nuit d'amour, mais aussitôt l'affreux Balthazar intervient, il intervient au moment où l'énergie de Maurice pourrait sauver la jeune fille de la brutale autorité de l'Apache qui vient la chercher, il paralyse une fois de plus le désir du bonheur et la volonté de Coquelet. Tout est fini. Et lorsqu'il est bien acquis que Maurice et Irène sont pour toujours séparés, alors l'infâme Balthazar disparaît. Son rôle est achevé puisqu'il a tué dans le futur bourgeois qu'était Coquelet à la fois la la poésie, l'illusion, la jeunesse et la volonté de défendre son amour.

Et voilá.

Mais ce que je ne puis dire c'est l'atmosphère, qui règne dans ce livre si savamment composé, et dont trois lignes parfois suffisent à évoquer un paysage, une saison, une émotion. C'est l'angoisse tragique qui en accélère le mouvement, c'est la finesse de composition des petits personnages de second plan (cabaretiers, poètes, ivrognes, paresseux, peintres, femmes de lettres, etc). C'est cette humanité enfin, profonde et émouvante, que M. Carco a atteinte, c'est l'art surprenant avec lequel il a mêlé à la vie la plus tristement quotidienne et plausible, ce frisson mystérieux du magnétisme inconnu, ces velléités insaisissables, ces influences secrètes, ces passages d'ondes supérieures à nos forces humaines. Je n'oublie point qu'adolescent, il avait débuté par des poésies délicates et subtiles : *Instincts, La Bohème, Chansons aigre-douces.* Il retrouve aujourd'hui, murie par la vie, cette inspiration profonde. Et je tiens son roman, sans restrictions, pour un chef-d'oeuvre.

FRANCIS DE MIOMANDRE.

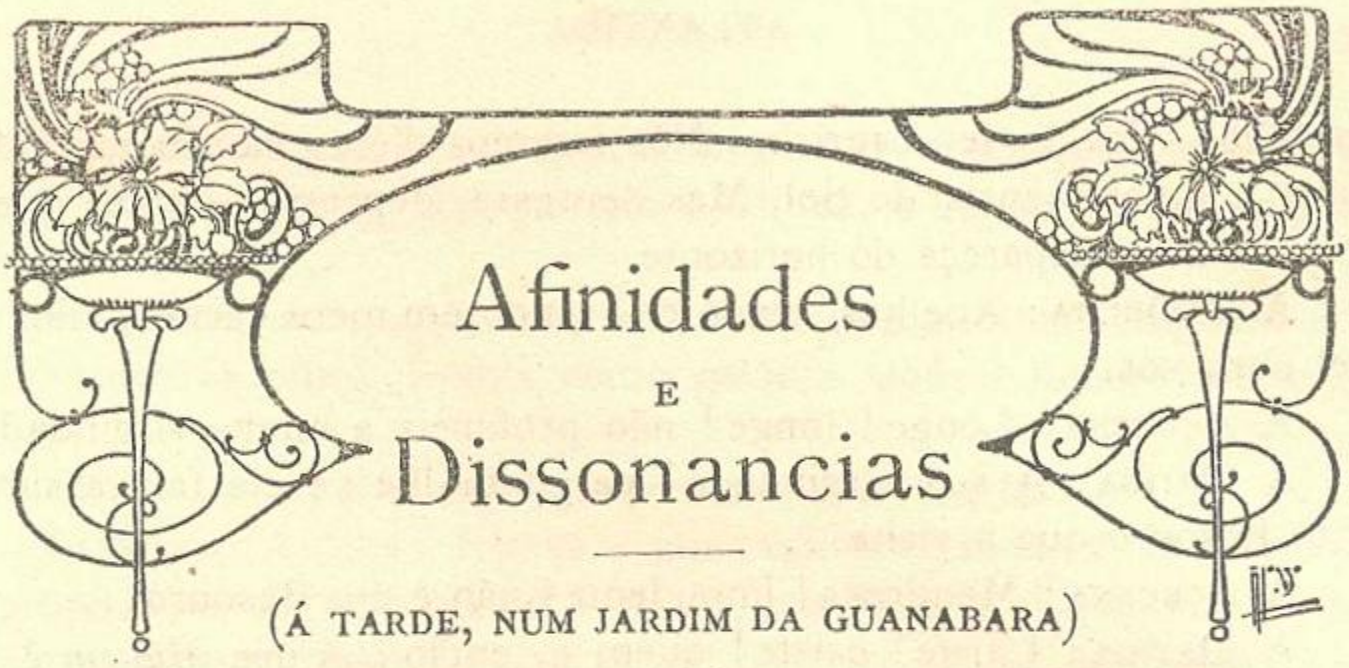
Camillo, tão pobre de felicidade na vida, foi tão rico e tão generoso nas letras! A Sorte foi madrasta desamoravel áquelle que foi nababo para a nossa lingua...

Olavo Bilac

Lisboa, abril, 1906

Damos nesta pagina a reprodução dum autografo de Olavo Bilac, o poeta impecavel, ácerca de Camilo Castelo Branco. Devemo-lo á gentileza do inteligente camilianista, sr. Affonso Nunes Branco, que devotadamente o offereceu ao Muzeu de Seide. São palavras simples consagradas ao mestre incomparavel que, no seculo XIX, fez da lingua portuguesa um soberbo instrumento de dramatisação das paixões.

Reproduzimo-las como preito aos dois escritores que, nas suas respectivas patrias, assentaram a sua gloria sobre a essencia eterna que as anima.



Afinidades
E
Dissonancias

(Á TARDE, NUM JARDIM DA GUANABARA)

A Rosa Branca *(á Rosa Vermelha)*: Sentes frio, dizes?

A Rosa Vermelha: Um ligeiro sôpro fresco me agitou as pétalas.

O Zéfiro: Fui eu que te beijei, passando.

A Rosa Vermelha: Por que tão cêdo? Ainda não é a hora dos mais intimos afagos...

O Zéfiro: Para ti, deve ser.

A Rosa Vermelha: Por que?

O Zèfiro: Por que a tua linda côr precisa da luz para brilhar e seduzir. Apenas começa o crepúsculo, a púrpura se confunde com o negro.

A Rosa Vermelha: Como és leviano e voluvel! Não sabes conservar nem por pouco tempo a lembrança da beleza. Não sabes amar se não na pompa e na glória, vaidoso!

O Zéfiro: Sou leviano e voluvel? E' a natureza dos Zéfiros...

A Rosa Chá: Eu tenho a côr da propria luz. Vem a mim, esta noite!

A Rosa Branca: A minha côr cria a luz nas proprias trevas. Vem a mim, quando a noite estiver mais escura...

A Coruja *(do seu esconderijo)*: Estupidas! haverá luar esta noite. Quando se apagará de uma vez, aquella maldita lampada?

O Zéfiro: Quem sabe se então já estareis, todas tres, murchas... E eu não tenho tempo de esperar. Deixai-me afagar-vos todas tres no mesmo gesto, e dai-me os vossos perfumes. Vivo viajando. D'aqui a poucos minutos devo estar a muitas leguas d'este jardim.

As Rosas: Ingrato! E' isto, pois, o amor?

O Zéfiro: Muita gente pensa assim...

As Abelhas: Mandai embora esse fatuo. Dai-nos a nós o vosso polen. Elle dispersaria o melhor da vossa fragancia delicada pelos

caminhos vãos do seu capricho. Nós faremos d'ela a substancia mais pura, a quintessencia do Sol. Mas depressa, depressa — antes que o Sol mesmo desapareça do horizonte.

A Baunilha: Abelhas, vinde cá! tenho em meus cachos, kilos de mel para vós.

A Açucena: Longe! longe! não profaneis a minha virgindade!

A Ortiga: A sua virgindade! perguntai-lhe se ela fala assim a certo Besouro que a visita...

A Açucena: Mentirosa! impudente! não é um Besouro...

A Ortiga: Caiste! caiste! quem é, então? já que *alguem* é...

A Açucena: Quando me quiser confessar, procurarei um padre.

A Passionaria *(á Açucena)*: Deixa-a resmungar, essa antipática solteirona eterna. Como repugna a todos, com a sua fealdade e a sua lepra...

A Ortiga: Que a minha lepra vos pegue, libertinas!

A Passionaria *(á Açucena)*: Se amas, se és amada, não tens a obrigação de dar-te em folhetim ás gazetas. O amor é a propriedade mais íntima de cada um. Sê feliz... tanto, como eu sou infeliz!

A Açucena: Infelíz, tu, minha boa amiga?

A Passionaria: Infelicissima, por que não amo nem um Besouro, nem um Pintasilgo, nem um Cravo ou um Pilriteiro ao menos, mas um ser misterioso, que adivinho mais do que conheço, pois nunca o pude ver de perto!

A Açucena: E como se chama?

A Passionaria: Ignoro-lhe até o nome. Sei apenas que é o Rei dos Elfos.

O Pinheiro: Certo, minha pobre filha, que não o podes ter visto, se não em sonho. Os Elfos não são d'estas terras meridionais e radiantes, mas das selvas negras e das brumosas landas onde a minha estirpe tem o seu berço.

A Passionaria: Dizes a pura verdade, venerando Pinheiro. Eu nunca o vi; e se o visse, talvez cessaria de amal-o. Mas ouvi contar d'ele maravilhas, uma tarde de inverno baça e chuvosa, a certas moças que conversavam, passeando por este jardim. E desde então perdi a paz. E' do meu fadario amar justamente o desconhecido e o impossível; aquilo que os poetas denominam o Ideal... Por isso mesmo, sou, sem remédio, infelicissima.

O Papagaio *(na sua casinha de pau)*: Como cantava, amigo Saguí, diante de um grupo de visitas, que tapavam as bocas com seus lenços, não sei se para rir, ou para bocejar! Ah! desafinava cruel-

mente a boa senhora obesa... Cantava: *Vorrei morir... vorrei morir...* Benza-a Deus! Tão nutrida e córada, e depois de um opiparo jantar!

O Saguí: Bem a vi, bem a vi. Mexia-se toda, em tregeitos sem fim, virava os olhos, tremia como gelatina aquela imensa massa... Ih! Ih!

O Papagaio: E a mosca-morta da filha, que fazia?

O Saguí: A filha? Estava a um cantinho da saleta ao lado, com o primo. Dei um pulo d'aqui á janela, por fóra, e vi que, nos braços um do outro, esticavam e apertavam os beiços, e os juntavam...

O Papagaio: E faziam: push! push!

O Saguí: A cousa mais comica d'este mundo. Eu me torcia de hilariedade. Como chamam a isso, dize, sabes?

O Papagaio: Chamam... Chamam... Bei... bei... espera... beijos.

A Lagartixa *(esgueirando-se por entre as hervas)*: Ouço passos no cascalho. Ahi vem gente. Depressa para o meu buraco de pedra e musgo.

O Papagaio *(ao Saguí)*: Serio, agora. Ahi vém as meninas.

O Saguí: E tu, cala o bíco. Ouvindo nos divertiremos a valer, e amanhan repetiremos entre nós a comedia...

A Aranha *(do centro da sua teia)*: Sim, ahi vém elas. Cada vez que aparecem, temo e tremo pela sorte do meu palacio de fios argenteos, que o orvalho borda de pérolas, e o Sol coalha de rubis e diamantes. Não respeitam nada, essas pequenas. Giram por aqui, correm por ali, precipitam-se acolá, para pular uma cêrca, para perseguir uma Borboleta. Um belo dia, ainda me atiram a casa pelos ares, e a mim com ela. Triste ideia a minha de construil-a em sitio tão exposto, entre estas duas romanzeiras. Mas aqui tambem é que caem a granel Moscas e Mosquitos!

A Lagartixa *(parando um instante, e levantando a cabecinha)*: Menos mal, mestra Aranha, que confessas a tua imprevidencia, tu que de ordinario tanto blasonas de sisuda e politica. O que intitulas pomposamente palacio é o teu cárcere, construido por ti propria. Viva a liberdade, apanágio das Lagartixas!

A Aranha: Eu não sou uma vadia esteril, como tu. A minha existencia é a minha obra!

A Lagartixa: Fresca obra, que um sopro de Vento manda ao diabo! Até logo, mestra Aranha. Tenha-te Deus em santa guarda.

Maria (vinte anos), *a Laura* (quinze anos), *que lhe dá o braço*:

Quanto me tem custado curar-me da minha loucura! E não sei ainda se estou devéras curada...

LAURA: *Plaisir d'amour ne dure qu'un moment...*

MARIA: *Chagrim d'amour dure toute la vie...* Mas a razão tambem tem voz em capítulo. Antes sofrer que...

LAURA *(pensativa)*: Sofrer? porque sofrer, quando se pode gozar?

MARIA: Não se goza quando falta a certeza do afeto...

LAURA: Mas não dizes que ele gosta tanto de ti?

MARIA: Se não do afeto... da lealdade, da fidelidade. Eu estava persuadida, desde o princípio, que isso não teria a conclusão... que devia ter. Obstáculos invenciveis, eternos... Aceitei-os. Mas queria ao menos, tinha o direito de querer, de exigir... um logar á parte, único, no seu coração. Morar nesse coração adorado, confundida com grupos varios e mudaveis de aventuras do amor! Não. Rompi. Sofro, mas não me humilho!

A ROSA BRANCA: Maria! Maria! Ele pensa em ti, sempre!

A ROSA CHÁ: Maria! Maria! Ele passou por aqui, esta manhan. Disse-me que a minha côr me faz semelhante á tez morena do teu rosto. E eu fiquei tão lisongeada!

A ROSA VERMELHA: Beija-me, Maria! Maria! Beija-me, aqui, no centro mesmo da minha corola... aqui, onde ele deixou esta manhan um beijo para os teus labios... E suspirava, saudoso... juro-te, chorava!

MARIA: Calai-vos, ruins tentadoras! Não quero escutar-vos. Laura, vamos para outro lado. Vamos brincar com os pequenos. Olha como correm! Fosse eu ainda criança tambem! Parece-me cousa de hontem...

LAURA: Aquele travêsso do Juquinha está naturalmente tramando alguma picardia. Mas Julinho tem hoje um ar tristonho, e Amelinha o escuta, muito séria e como perturbada...

HELOISA (trinta anos, viuva) *a Augusta* (vinte e cinco anos, casada): Hesito... hesito muito a tentar este passo. Que me aconselhas tu?

AUGUSTA: Minha querida, é dificil dar conselhos em casos tais. Tudo depende do estado do teu coração. Quem pode mais n'ele, quem reina n'ele agora, o Morto ou o Vivo?

HELOISA *(com um longo suspiro)*: Ah! eu não esqueci ainda o meu doce Senhor. E já se passaram tres anos! Bem moça ele me escolheu, me conquistou... e me fez sua, não só legalmente, mas humanamente... divinamente! Realisou, um por um, ainda além da es-

pectativa, todos os sonhos d'aquela minha edade tão pródiga e ambiciosa de sonhos. Na vida conciente, plena, entrei apoiada ao seu braço; e sentia, sabía, que contra qualquer mal aquele braço firme me protegeria, e aquele peito de fidalgo me abrigaria em qualquer desventura. E era tão belo, lembras-te? esbelto e robusto, grave e gentil, inteligentíssimo e simples. E bom, nobre, sincero, sem mancha... Não, Augusta! não falemos mais de outro homem!

AUGUSTA: Bem. Não falemos mais de outro homem!

HELOISA *(depois de breve silencio)*: E, entre tanto, quando Alberto se aproxima de mim... quando me fala... Ja reparaste no poder de sugestão, de magnetismo, que tem a sua voz?

AUGUSTA *(rindo francamente)*: Não, nunca reparei. Sem dúvida, entre a voz d'ele e os teus ouvidos, — ou alguma cousa mais íntima que os teus ouvidos, o que? os nervos, a medula — ha correspondencias inatas e misteriosas...

HELOISA *(enrubescendo)*: Oh! refiro-me á sua voz, assim, de passagem. Entendo dizer que por meio d'ela começou Alberto a impressionar-me. Mas ele tem qualidades superiores...

AUGUSTA: São essas qualidades superiores que te atraem? Querida, tu pareces agarrar-te a pretextos, para não perceber as razões verdadeiras e profundas. Ou não vês claro na tua alma, ou um medo estranho da realidade te faz sofismar comigo... e comtigo mesma. Nunca uma mulher amou a um homem só, nem principalmente por essas qualidadades superiores...

HELOISA: Eu não o amo!

AUGUSTA: Não o amas?! E então?

HELOISA: Não o amo, se o amor é aquele sentimento que sabemos ter sido de nossas mãis antes de ser nosso, aquele sentimento sagrado... que eu tive por meu marido. Como explicar-me? Não está em Alberto propriamente, com toda a simpatia que me inspira, o motivo predominante da minha... tentação. E' a solidão que me pesa. Tu me conheces desde pequena. Sabes como desde então fui sempre essencialmente sociavel. Nunca pude suportar a solidão, por um dia, por uma hora...

AUGUSTA: Não tens a companhia de Julinho?

HELOISA *(comovida)*: Ah! tocas no ponto mais sensivel: no dever materno, no meu coração de mãi. Deveria contentar-me da companhia de meu filhinho... viver por ele, para ele; sacrificar o meu presente ao seu futuro. Quantas vezes penso nisso com ardente propósito... Mas me assusta a extensão do caminho a percorrer. Sou

culpada, se a natureza me criou boa, sim, carinhosa, dedicada... mas ligeira e fraca... douda pelo riso, pela dansa, pela folia... concebendo a existencia como uma festa... e queixando-me por injustamente excluida d'essa festa? E depois *(em voz baixa)* ha um motivo... ainda mais íntimo; secreto... tenho medo...

AUGUSTA: Medo?

HELOISA: De mim mesma. Receio que não me casando possa ser peor...

AUGUSTA: Então casa-te!... Mas, devéras, não te entendo. Dás-me a impressão de uma doente...

HELOISA: Sim! sou uma doente; oh! de bem triste e vergonhosa doença! *(conduzindo Augusta pelo braço para um canto afastado do jardim)*. Deixa que eu rasgue todos os véus. Preciso desabafar; preciso confessar-me! Tu foste sempre a minha melhor amiga; tu és uma mulher casada, experiente, a quem tudo se pode dizer. Entre tanto, na harmonia perfeita do teu amor e da tua felicidade, talvez não compreendas o meu horrivel mal. Sabes o que é, para uma senhora honesta, direita, que nunca teve nada a reprochar-se, sentir-se arrastada para um homem... não pelo coração, nem pelo espirito... mas pela parte mais baixa, mais bruta, da sua animalidade? Por esses impulsos turvos, de que a gente córa até na solidão, nas trévas, e contra os quais luta, luta, luta, sempre em vão? Oh! eu nunca os conhecêra, antes; nem os suspeitara! Desde o dia eternamente nefasto, em que esse homem apareceu na minha vida, eu fiquei degradada, cada vez mais degradada, a meus proprios olhos. Aquela voz... diabólica! e o resto! Não, Augusta; nele não é o cavalheiro fino e elegante, bem educado e de belo carater, que me fascina... que me tantalisa! E'... a palavra me queimaria os labios!... E, então, pois que não ha meio de fugir a esta obsessão infernal dos sentidos da fantasia *(soluçando)*, oh! quero salvar a honra, ao menos... a honra, não diante de Deus e de mim propria... diante dos outros... a honra, não, a reputação apenas... casando-me com ele!

AUGUSTA *(aterrada)*: Que tempestades por baixo das aguas mansas! Eu que te supunha tão equilibrada, tão calma... fria até...

HELOISA *(impetuosamente)*: Não, não! decidamente, não! Quero fugir ao perigo, ficar livre... e fiel. Não receberei mais Alberto. Vou partir. Farei uma grande viagem. Hoje mesmo... amanhan... hoje é já tarde... começarei os preparativos. Oh! não ha de cessar esta luta que me está dilacerando a alma? Não pode a reza vencer a tirania obscura e pérfida da carne? Paris, Londres, Roma, Florença,

Atenas... oh! a Persia, a China, se fôr necessario, me distrairão, me aturdirão...

AUGUSTA: Não me disseste que ele vem visitar-te esta noite?

HELOISA: E' verdade! Não me lembrava já. Mas fecharei a minha porta; pretextarei uma enxaqueca violenta...

A GATA *(ouvindo da beira do muro)*: Tantas histórias... para meter no mesmo cêsto dois maridos... Eu já tive dez, conto ter muitos outros ainda, e estou cada vez mais gorda e mais bonita.

O FOX-TERRIER, favorito de Heloisa *(aproximando-se da Gata)*: Boa tarde, Bichana!

A GATA *(com ar desconfiado, retirando as orelhas para traz, e recuando)*: Com que intenções?

O FOX-TERRIER *(jovial e lampeiro, meneando a cauda, e avançando o focinho lustroso)*: Com as melhores; cumprimentar-te, perguntar como estás, e o Senhor Gato, e os mimosos Gatinhos.

A GATA: Se é assim, tudo vai bem, muito obrigada. Mas cuidado em não arriscares as carícias de outros tempos...

FOX-TERRIER: De outros tempos!

A GATA: Que, se não...

O FOX-TERRIER: Se não...

A GATA *(ríndo a seu modo)*: Não te lembras mais das minhas dez unhas... no teu gracioso focinho?

O FOX-TERRIER: Has de ser sempre uma selvagem insolente! Crês tu que, se não fôra deferencia pelo teu sexo, eu teria medo das tuas dez ou vinte unhas? Trato-te como dama de salão, e tu... Até logo.

A GATA *(comsigo)*: Aquela raça é inimiga da nossa; mas quando tem experimentado a témpera das nossas garras, fica mansa, que é um gôsto.

O FOX-TERRIER *(acercando-se da guarita de Molosso, e roçando o focinho no d'ele, a modo de saudação)*: Boa tarde, Molosso. Sempre forte e bem disposto?

MOLOSSO *(sacudindo ao pescoço a pesa da cadeia, e catando uma pulga rebelde entre o pelo da barriga)*: Encanta-me o teu humor gracioso! Muita honra, na verdade, dás ao pobre Molosso. Tu sempre no encalço da patroa, agarrado ás suas saias; afagado pelas suas brancas mãos, comendo pernas de frango e azas de perdiz, dormindo á fresca no verão e ao calor no inverno. E eu aqui acorrentado o dia inteiro n'este canil incómodo, e sôlto toda a noite, para medir-me com os ladrões, se aparecerem. E já uma vez, quasi... se não salto ao

gasnete do bandido, prostrava-me com uma paulada, estendia-me morto! Sou eu que defendo a casa, expondo a vida... mas acaso alguem concede um pensamento de gratidão, de estima, ao fiel e valente Molosso? Nunca! Todas as galas e todas as delicias são para ti, trêfego gozador efeminado... Mas vamos lá, que não te quero mal. E's simpático devéras, e, se te tratam bem, não serás tão tolo que te recuses...

O Fox-Terrier: Não é culpa minha, caro compadre, se nasci com boa estrela. Não dirás, em suma, que sou mau camarada. Quantos ossos ricos de pelanca e tutano te tenho eu trazido de prezente! Espera ahi, que hoje, depois do jantar, te fornecerei saborosa pitança. Assim ficarás mais alerta para passar a noite acordado.

O Cavalo *(a Molosso, metendo o focinho entre as grades da cocheira)*: Consola-te comigo, meu pobre Molosso. Não te lembras dos meus belos tempos — quando eu sahia todas as manhans, montado pelo meu garboso Senhor — Que olhos de doçura e domínio tinha ele! que mãos de seda, e que jarretes de aço! Como era suave a sua caricia, quando me enlaçava a crina entre os seus dedos, e encostava longamente o seu rosto fino ao meu pescoço, abraçando-me! Avante! avante! oh! trote rijo! amplo e vertiginoso galope! Avante! avante! pelas ruas ainda desertas de gente, pelas praias frescas de brisa e acres de marezia, pelas varzeas verdes e vastas, empapadas de orvalho... Avante! avante! As arvores e os postes pareciam fugir para traz a nossos lados, e os montes diante de nós cresciam de vulto, e os seus picos subiam e baixavam no fundo do ceu a cada movimento. E o ar perfumado das florestas me dilatava os pulmões, e me fustigava o sangue... Agora, aqui envelheço no abandono e na tristeza, tolerado apenas como um destroço inutil do passado!

Julinho *(cochichando a Amelinha)*: Siá Aurelia viu, hontem de noite. Eu ouvi ela contar a siò João, o jardineiro. Eles estavam falando na copa, e a porta estava meia aberta, e eu de fóra, escutando. Diz que ela hontem, muito tarde, não podia dormir, e foi-se encostar na janela do quarto. E viu...

Amelinha, *(boquiaberta, com grande espanto nas pupilas fixas)*: Viu... ela terá olhado bem?

Julinho: Diz que olhou bem, muito tempo. Viu: era um vulto branco... como de nevoeiro... caminhava entre as árvores, devagar, devagar... veio da Chácara, e entrou no jardim... ficou parado, muito tempo, olhando para a casa. E depois... desapareceu. Quando eu ouvi tudo isso, começei a tremer, a chorar alto, junto da porta.

Siô João deu por mim ali, e veio-me falar; disse que eu não acreditasse naquelas bobagens de velha, que siá Aurelia estava sonhando. Mas eu sei... que é verdade! E eu que tanto quereria, nunca mais vi papai!

AMELINHA (*compassiva e terna*): Gostarias...?

JULINHO (*rompendo em chôro*): De ver papai? *Eu* não me esqueci d'ele... *eu* penso nele, sempre... Pégo no retrato d'ele, que está junto á minha cama, e dou-lhe beijos, tantos beijos, e digo tantas cousas... mas ele não responde! Esta noite, vou ficar acordado: hei de vêr!

AMELINHA: Qual, Julinho! Eu acho como siô João; são bobagens de velha...

JUQUINHA (*armado de uma vara comprida*): Vem cá, Amelinha; vem vêr. Descobri um ninho de pintarroxos, lá, perto do tanque. Vou botar ele abaixo com esta vara.

AMELINHA: Não faças isso que é maldade. Não deixo!

JUQUINHA: Ora se boto!

AMELINHA (*agarrando-o pelo braço*): Não, Senhor. Dona Heloisa! Dona Heloisa! Olha o que Juquinha quer fazer...

AUGUSTA: Juquinha, já para aqui. Larga essa vara. Menino mal-criado!

LAURA (*a Maria*): Tenho-te inveja (mas uma inveja de amiga), porque tu és já uma mulher... já tiveste um amante...

MARIA: Platónico, entendamo-nos, platónico...

LAURA: Que! nem um beijo, ao menos?

MARIA: Um beijo?... ah! mil beijos... A lembrança d'eles é a minha dor, o meu tesouro, o meu remorso, a minha sêde inextinguivel, a minha tentação, a minha... perdição! pois nunca mais os terei; nunca mais!

LAURA: Por que não os queres!

MARIA: Certo, que não os quero!

LAURA (*ingenuamente*): Ahi está; não os queres. E eu que os quereria tanto! Mas quem faz caso de mim? Sou uma menina, uma criança, com este ridículo vestido curto, e as pernas ao ar! Ah! que curiosidade intensa do amor... ouço-o das amigas, leio-o nos versos e nos romances... Mas quando, quando conhecerei o que é esse tão celebrado amor?

MARIA: Não tenhas pressa, minha Laura. Ele virá sempre cedo de mais. E ás vezes é como um vento incendiado, que passa pela alma, crestando tudo, derrubando tudo, deixando só descrença, dor, e

ruina. A gente o recebe como hospede amigo, dono do coração para sempre; ele com sorrisos e afagos mentidos vai colhendo e gozando a melhor luz dos nossos olhos, o melhor mel dos nossos lábios, a melhor graça das nossas fórmas, toda a primavera do nosso sangue e do nosso sentimento. E um belo dia, quando se fartou bem das nossas intimas volupias, vai-se embora, ligeiro e agil... a outras colheitas. A gente chora, mas esconde as lágrimas, por vergonha; queixa-se na solidão, mas cála-se em presença d'ele, por natural orgulho... e ainda e sôbretudo... pela amarga certeza de que todas as humilhações seriam inuteis para têl-o de novo como antes; e a não ser como antes, para que? Melhor perdel-o de todo! A mocidade, a primavera continuam a brilhar, enganadoramente, no veludo das pupilas, no coral dos sorrisos, na frescura da cutis, na elegancia das proporções e na gentileza dos movimentos... Mas a alma está velha... velha... aos vinte anos!

Laura: Meu Deus! que perspectiva! que medo me metes!

Maria: Nem sempre é assim. Deus te preserve das decepções que me couberam em sorte. Por causa d'aquele bandoleiro, menti mezes a fio, com esfôrço a principio, depois com ardor, com entusiasmo, em casa, enganando minha mãi, que é o que eu possuo de mais caro no mundo... para ir-me encontrar com ele, passar horas inteiras com ele, secretamente, correndo quem sabe que perigos, expondo meu nome a alguma surpresa irreparavel... mas confiada na sua lealdade sem jaça. A final, verifiquei que, em troca de todo o meu coração, de todo o meu ser dado assim, plenamente, sem reservas, ele me dava... algumas... das suas horas... livres... dando outras a outras...

Laura: As que ele te dava eram, por certo, as melhores...

Maria: Se não seriam as melhores! Mas por isso mesmo é imperdoavel, é... monstruoso, que se não contentasse com ellas; que pudesse desejar, apreciar cousa diversa. Pôr-me a par de certas mulheres... Senhoras? sim, senhoras, que me importa? Eu fui leviana, por amor, fui imprudente, culpada, mas não sou uma cortezan, profissional ou dilettante. Sou uma rapariga honesta e digna. Esta ferida que trago no peito me impedirá para sempre de tornar a amal-o...

A Pomba Rola *(descendo lentamente do ar, e ruflando as azas junto ás duas moças)*: Maria! Maria! Sabes que acabo de vêl-o? Pousei no rebordo da sua janela, aonde ele estava debruçado, com a cabeça entre as mãos, pensando em ti... tão triste! tomou-me nos braços, acalentou-me no seio, acariciou-me longamente as penas —

e pediu-me que te viesse falar d'ele: que te dissesse da sua parte: Perdão! piedade!

Maria: Tambem tu me queres embair? Vai-te para quem te mandou! que eu não ouça mais o seu nome.

O Jasmineiro: Chega-te para cá, Maria! Maria! que eu faça chover todos os meus jasmins alvos sôbre os teus cabelos negros, beleza sedutora!

A Mangueira: E' doloroso, a final, viver tanto. Quantas gerações de crianças, de jovens namorados, de esposos felizes ou infelizes, de pais e mãis e avós tenho abrigado sob a minha copa vasta e aromal! Quantas iniciais entrelaçadas se têm sucedido em arabescos no meu tronco! E, todavia, a solidão acaba por dominar em tôrno a mim, pois hoje ninguem tem mais tempo de passar doces horas demoradas, como d'antes, sob os arcos da velha Mangueira. A vida tornou-se um turbilhão incessante e tirânico, que não deixa os homens parar, nem recordar, nem refletir. Sinto saudades dos anos idos. A sombra que a minha folhagem espalha sôbre o solo ganha pouco a pouco os nós profundos do meu tronco, e gela a seiva das minhas raizes...

A Palmeira: O que ha de sombra em mim é apenas um recamo subtil e sempre mobil. Eu sou toda luz e toda viço. Com os meus leques verdes e frescos apanho na altura o primeiro raio do Sol nascente, e depois todos os que ele vai dando, até o derradeiro. O sabiá vem beber, cá em cima, um orvalho saturado de esplendores, e em recompensa me embala com o seu canto celeste...

A Hera: Gentil Palmeira, princesa do eter casto, ainda ha muita luz, lá na altura? Os dêdos do crepusculo já começam a deslisar sôbre as minhas fôlhas, como sobre um teclado de campainhas de bronze...

Uma Nuvem: O Sol vai desaparecer. Eu lhe enxuguei como um lençol o seu suor de sangue. E estou como um manto de purpura real.

As Andorinhas: Um ultimo hino ao sol! Um último hino ao Sol! Quantas palhetas de ouro ele acendeu na palpitação vertiginosa das nossas pennas! como os nossos pequeninos corpos, imponderaveis no delirio do voo, têm nadado de onda em onda pelo seu Oceano de ouro, infinito! Ele é o gerador da nossa alegria infantil, da nossa ardente alegria de viver, e por isso nós o saudamos, quando surge e quando transmonta, com interminaveis louvores. Repousaremos agora, emquanto ele repousa, repousaremos nos ninhos fieis que nos aguardam de anno em anno, ao cabo das nossas emigrações inver-

nais. Mas amanhan, bem cedo, despertaremos com o Sol, para tecermos em tôrno ao seu disco de ouro as mil grinaldas sonorosas e revoluteantes do nosso voo...

Os Passarinhos: Pai nosso, que estás no céu, por todo este longo dia subiram ao teu excelso trono os nossos cantos, que, com os aromas das flores, são para ti o mais grato tributo da natureza. Não se passou um momento, de vibrante fulgor ou de sombra suave, que nós não saudassemos com a sua nota apropriada. A ninguem fizemos mal, a ninguem demos um desgosto, a ninguem um ruim pensamento, com os nossos folguêdos discretos e os nossos inocentes amores. Graças, Pai nosso, pelo nutrimento salutar que nos concedeste liberalmente, e aos nossos filhinhos. Concedei-nos agora o sono, para que amanhã sejamos de novo o jubilo da terra e a melodia do ar!

Heloisa *(a Augusta)*: Estou mais tranquila. Não desdirei o meu propósito, que me enche de paz a consciencia. Mil vezes antes a fidelidade ao passado, que este desafio ao futuro, para gemer talvez de desilusão e de remorso...

Juquinha *(que vem correndo com Julinho e Amelinha)*: Tia Heloisa, não se esqueça de dizer ao Senhor Alberto que ele ainda não me mandou o aeroplano com o aviador, que me prometeu.

Julinho *(grave)*: eu não gosto do Senhor Alberto!

Heloisa *(estremecendo)*: Deixa estar o Senhor Alberto, meu filho; és ingrato com ele, que te trata com tanta bondade. Eu te comprarei amanhan o aeroplano com o aviador, Juquinha... se tu não fizeres até lá nenhuma travessura. E tu, Julinho, gostarias de ter um grande vapor, com caldeiras e chaminés, com lanchas e toldos, com equipagens e passageiros dentro? Dize-me, gostarias de fazer uma viagem de dias e dias pelo Mar?

Julinho: Sosinho, não. Tenho medo do Mar...

Heloisa: Sosinho, não; com mamãi...

Julinho: Com mamãi, oh! sim! quem me dera! *(em voz baixa)* Mas sem o Senhor Alberto...

Heloisa *(a Augusta)*: Não achas que é o retrato vivo do pai?

Julinho *(a Amelinha, com quem se vai sentar num banco solitario)*: Eu detesto o Senhor Alberto. Não o posso ver. Cada vez que ele vem cá, tenho acessos de furor e crises de chôro... no meu quarto. Esse homem é mau. Está-me tirando o coração de mamãi, que é o meu maior tesouro. Está querendo tomar o logar de papai... Ah! se eu pudesse matal-o—sem que ninguem soubesse!

AMELINHA: Tu exageras, Julinho. E' um homem tão fino, tão amavel...

JULINHO: Será. Mas é o meu inimigo, e eu o detesto... Ah! Amelinha! Amelinha! tu não sabes o que são estas cousas, Tu tens o teu papai e a tua mamãi, que se adoram em ti, e te fazem a mais feliz das meninas. Tu não conheces a triste solidão em que eu vivo, horas e horas, dias inteiros. Porque, quando ele não vem, mamãi, bem vejo, está descontente, distrahida, e se me fala, se me abraça, eu sinto que ela está longe, longe... Quando o Senhor Alberto vem, e fica na sala com mamãi, para que sirvo eu? nem entro lá; se me chamam, finjo que não ouço, fujo, me escondo no sótão, no fundo da chácara. Por fim, ele vai-se embora; mamãi, então, me procura por toda a casa, me diz cousas, me aperta muito, me beija... e como eu choro, chora comigo... Mas eu resisto, fecho a cara, torno a fugir. Não, não aceito restos, eu que tive tudo, tudo!... Ah! esta noite, não pégo no sono; quero saber se é mesmo verdade o que siá Aurelia contou; quero ver papai!

HELOISA: Meninos, vamos para dentro. Começa a cair sereno.

AUGUSTA: Maria! Laura! Vamos; ainda não acabaram essas confidencias?

MARIA e LAURA: Aqui vamos.

A GATA *(na beira do muro, resmungando)*: Ora ainda bem que nos deixam em liberdade. Parecem esquecer que o jardim, de noite, nos pertence a nós. *(Vendo Juquinha que se aproxima surrateiro)*: Espera ahi, que eu te ensino!

JUQUINHA *(chorando a berros, e pateando o chão)*: Titia! titia! A Gata me deu um arranhão. Olha quanto sangue!

HELOISA: Bem feito: para não seres mau. Porque lhe foste puxar a cauda?

JUQUINHA: Não puxei. E' ela que é ruim.

HELOISA *(desabafando o seu nervosismo)*: Puxaste, que eu vi. Não estás quieto um minuto, e não deixas ninguem quieto. E não queres aprender que quem maltrata os animais não merece compaixão. Se continuas assim, mando-te para a fazenda com tua mãi, ou ponho-te interno no colegio. Para dentro, vamos!

A VOZ DO AMANTE *(na alma de Maria)*: Perdoa-me! volta a mim! E' a ti que eu amo, a ti só! Deus te faça sonhar comigo esta noite inteira...

A VOZ DO MORTO *(na alma de Heloisa)*: Eu te agradeço! eu te adoro sempre! Não me atraiçoes; não me abandones!

A Voz do Anjo da Guarda *(na alma de Maria)*: Reza devotamente antes de adormecer. Não te entregues pela complacencia do desejo ao poder diabólico dos sonhos, que excitam os sentidos, e debilitam a vontade.

Lusbel: Eu reavivarei nos sonhos d'ela todos os deleites do passado, e lhe anteciparei o gôzo de muito maiores volupias...

O Anjo da Guarda *(a Lusbel)*: Eu estarei junto ao seu leito, e estenderei as minhas azas brancas, como um escudo, sobre o seu corpo inocente...

A Coruja: Até que em fim o Sol se foi, e a Lua ainda tardará muito. Oh! meus belos olhos, redondas venturinas, cansadas de dormir, gozemos placidamente a doce escuridão. E' hora de ir á busca de presas apetitosas, para os meus pequenos, que gemem de fome...

O Papagaio *(cabeceando)*: Quem passa? E'... o Rei... que vai... á caça...

A Coruja: Não é o Rei, não... é a Rainha... das trevas!

O Sagui: Que frio! Vou-me enrolar dos pés á cabeça no meu precioso cobertor de flanela.

O Morcego: Se eu pudesse chupar o sangue do Sagui! Deve ser saboroso... Mas, qual! já se meteu no fundo do seu chalé de madeira. E' um tal buliçoso que nem dormindo pára de se coçar.

Primeira Falena: Já acenderam as lampadas lá dentro, mas não ha uma só janela aberta. Que fazemos aqui no escuro?

Segunda Falena: Vem por este lado, onde sôa o piano. Na sala só as persianas estão fechadas.

Primeiea Falena: As lampadas agora são deliciosas. Brilham e não queimam. Nossas avós acabavam todas queimadas. Nós podemos valsar na glória da luz com as azas intactas.

Segunda Falena: E ha quem excomungue o progresso!

A Rosa Vermelha: Quem está tocando?

A Rosa Branca: Impossivel ver cá de baixo.

A Rosa Chá: Pergunta ao Jasmineiro.

O Jasmineiro: Tolinhas! quem ha de ser, se não Maria? Ha ali outra que toque com esta arte e esta paixão?

A Alma de Chopin *(no piano)*: Ao contacto d'esses dedos, que são de neve e de chamma, sinto-me voltar á vida — eu que amei tanto a vida!

A Voz do Amante *(na alma de Maria)*: Isso que tu fazes dizer ao piano, maga divina, é o que eu mesmo sofro. E' esta a minha melancolia, é este o meu pranto, são estes os meus soluços...

Heloisa *(á sacada, olhando a noite)*: Se estas meninas não se vão embora, como evitarei receber Alberto? Que angustia!

Molosso *(resmungando)*: Agora é que me soltam: quando não ha mais um companheiro para pular e latir comigo. Triste sina a do defensor da propriedade... dos outros! Aqui está um que não teve mocidade nem festins campestres, nem folgadas noites de nupcias. Que lucro me fica? um pouco de filosofia... muita filosofia, talvez. Se eu soubesse escrever, faria uma obra em muitos volumes, de reflexões e maximas originais. Ninguem a leria, provavelmente, mas seriam um nobre passatempo essas doutas vigilias...

A Gata *(da balaustrada do terraço, ao Gato, que chega correndo)*: Já desesperava de esperar-te. Cuidei que me deixarias até a madrugada, bocejando para as Estrelas...

O Gato: Andei correndo o dia inteiro, por puro espirito de vagabundagem. Caminhei mais que o meu ilustre tataravô das botas de sete leguas. Mas chego justamente a tempo de honrar-te com uma serenata, em quanto os pirilampos inauguram nas sebes a sua *marcha aux flambeaux*, e os Silfos bailam com as Silfides entre o incenso dos Cravos e das Gardenias, ou brincam ás escondidas com elas nos cálices dos Lirios...

Os Pirilampos: Desenhemos na tépida espessura a nossa sinfonia subtil de luz. Silenciosa talvez para ouvidos grosseiros, mas avivada de exquisitas musicas para os Silfos e as Silfides dançantes, assim como para os Gnomos esquivos, que das fendas da terra nos espreitam.

Os Silfos: De ar somos feitos, de ar limpidamente corporisado em fórmas harmoniosas. A eterna juventude, a eterna infancia, são privilegio nosso.

As Silfides: O eterno amor, sem maguas nem ciumes, sem tedio nem desilusões, nós sempre moças e sempre meninas, vos damos em amplexos perfumados.

Heloisa *(à sacada)*: Hora de misterio e de turbamento, hora terrivel. Em vão a alma luta. A carne é mais forte.

A Serpente *(rastejando entre as hervas)*: Esta é a nossa hora, e o poder das trevas!

O Louva-a-Deus *(embiocando-se)*: E' a melhor para colher os frutos da minha perene devoção. Quem não quizer dar-se-me expontaneamente por esmola, terá que ajustar contas com o mais pavoroso dos fantasmas.

A Fonte: Oh! Siléncio! eis-te, em fim! posso cantar agora!

posso dizer meus quérulos anhelos, minha cisma ondeante e solitaria. O belo rosto, que eu adoro, ha muito que não se mira em meu sombrio espelho. Onde estás, onde estás, fronte de puro marmore? onde pupilas de negror noturno, sulcado de relampagos? Ele vaga onde o leva o seu capricho, desdenhoso poeta! Que me vale correr, se não o alcanço? Não se encontram os meus e os seus caminhos. Sua alma é livre, e a minha é prisioneira!

A Brisa do Mar: Venho do Oceano: oh! que bem se está aqui! Deixai-me repousar. Venho do Oceano, onde a tormenta ruge, onde a fraca força humana, sublime, luta com a inexoravel grandeza dos elementos. Ouvi gritos de cólera e de angústia, tão belos que humilhavam a furia dos marulhos, onde trágicamente se perdiam. Vi gestos de heroismo, tão esplendidos que sagravam eternamente soberanos os vencidos na peleja contra as ondas e o destino... Jardim fechado! doce labirinto de sombras e de aromas... pudesse eu ficar d'ele prisioneira, para sempre, eu, cansada de meus vastos dominios, fecundos em proezas e infortunios! Deixai-me repousar... por um momento... A Deus! de novo ao largo!...

Um Sino *(do alto do proximo outeiro): Verba mea auribus percipe, domine; intellige clamorem meum...*

As Rans *(no charco, ao longe):* Com as nossas gargantas de ferro sonante marcamos o ritmo dos aureos martelos, que os Gnomos levantam, que os Gnomos abaixam, nas aureas entranhas da terra. Em aureos cubículos, percutem, lapidam; sardonias e jaspes de sangue estriados, berilos e verdes crisólitos, safiras de uma agua profunda, glaciais esmeraldas, rubis chamejantes, diamantes, sintéticos astros, lhes rolam aos pés...

O Amante *(pulando cauteloso a cêrca do jardim):* As trevas da noite são as minhas melhores amigas, desde que ela se fez minha inimiga. Eu que a tive nos meus braços — oh! paraiso perdido! — eu que respirei no seu hálito ambrosíaco todo o seu ser virginal, e a vi desmaiada de amor, estou reduzido a entrar pela casa alheia como um ladrão, para a contemplar de longe sem que ela me veja. Se me visse, me expulsaria como um réprobo...

Molosso *(aproximando-se, pronto a ladrar ou a morder):* Quem é este sujeito que pulou a cerca? Vou dar-lhe uma lição.

O Amante: Cá, Molosso, cá. Não me conheces? Toma estes torrões de assucar.

Molosso *(lambendo-lhe as mãos):* Ora viva, meu rico Senhor!

A Rosa Branca: Ela está sempre zangadissima comtigo!

A Rosa Chá: Foram vãos todos os nossos rogos em teu favor!

A Rosa Vermelha: Recusou indignada o beijo que me deras para os seus labios...

O Amante: Pobre de mim!

As Rosas: Pobre de ti!

O Amante: *(em voz baixa, encobrindo-se no terraço entre os ramos do Jasmineiro, e espiando pelas persianas da sala):* Maria! Maria! ah! mais formosa que nunca... unica! Maria! Maria!

Maria *(a Laura, abrindo a outra janela da sala, e debruçando-se sobre a noite):* Sinto-me mal, falta-me o ar. Põe as tuas mãos no meu seio... como me bate o coração! Sinto-me mal... com um desejo veemente e uma esperança louca de felicidade no meio da minha angústia infinita... como cada vez que ele se aproximava de mim... outr'ora! E ele está tão longe! tão longe!

Laura: Ah! por fim, vejo de novo a mulher em ti... humana, humana! Quererias tel-o aqui, perto, comtigo, só comtigo?

Maria: Não sei se o quereria; não sei. Não devo querel-o. Sei apenas que se o visse, neste momento, não resistiria ao seu amor!

O Amante *(reprimindo um grito de victoria):* Oh! prodigio inesperado, ventura inaudita! Devo sair do meu esconderijo? devo mostrar-me?

O Jasmineiro: Não te mostres. Não violes brutalmente o seu belo sonho! Amanhan...

O Amante: E' um sonho, talvez sem amanhan...

O Jasmineiro: Homens presunçosos! será, pois, necessario que as humildes plantas vos ensinem a conhecer o coração feminino? Dá tempo a que o seu sonho amadureça em realidade, e terás de novo o teu paraiso, para nunca mais o perderes...

Heloisa *(á sacada):* É a hora. É a hora. Os minutos correm, irrevogaveis, e eu fico imovel — como paralisada. Não ouso proferir uma palavra, esboçar um gesto — um gesto bastaria — para desviar de mim o destino. A vontade foge, como uma covarde; a consciencia se cala, tornou-se muda e surda. Latejam-me as temporas; séca-se-me a lingua crestada; um suor frio me banha toda; e o sangue em tumulto me zune no cérebro e no peito... chamando o prazer! o prazer! não o amor! não o amor! O amor — pobre amor de criança! — floresceu uma primavera, e murchou sobre um túmulo. Não resuscita! Não resuscita! Ah! sacrílega! Irei até o altar, calcando aos pés o coração de meu filho... Soubesse eu uma reza, um esconjuro...

O Sino: *Usque quo, Domine, oblivisceris me in fine? usque quo avertis faciem tuam a me? usque quo ponam consilia in anima mea, dolorem in corde meo?*

Julinho *(da janela do seu quarto):* Tenho medo da noite, e tenho sono... tanto sono! Mai do ceu, santa Virgem, não permitas que eu adormeça... Eu quero vêr!

O Sino: *De profundis clamavi ad te, Domine! Domine, exaudi vocem meam!*

O Morto *(caminhando lentamente entre as árvores do parque, e penetrando no jardim):* Quantos annos vaguei por outros mundos; quantos giros perfiz entre as esferas, antes de poder voltar a este doce cantinho do universo! È a segunda vez que entro no meu jardim... meu... outr'ora, meu. Que ha meu hoje na terra? Um túmulo onde eu não estou, a final... onde a herva da incuria já começa a crescer, quem sabe? em torno ao mármore, e nele o musgo do esquecimento a espalhar nódoas. Ah! que importa? Fossem somente meus dois corações, um de mulher, outro de criança... mas este é tão pequenino ainda, e aquele é tão mudavel, tão incerto, como as ondas do Mar, como a face da Lua...

As Parcas *(escoltando-o):* Vigiemos os seus contactos com a vida. Ele nos pertence.

O Morto: Como a minha casa está ainda iluminada, a esta hora! Ah! se eu a visse passar, por uma das janelas abertas! Terá ela medo de fantasmas? Medo de mim? Ah! se eu pudesse ver o meu filhinho!

Cloto: O Fado dera-lhe um caminho próspero, mas breve.

Lachesis: Não deixei de apanhar e tecer um só dos fios de ouro que havia na trama.

Atropos: A trama era tão formosa e preciosa que, lembra-me bem, hesitei um momento a cortal-a. Mas o instante preciso tinha caido da ampulheta. Nós nada podemos contra os decretos do Fado.

O Cavalo *(estremunhando-se de sono, e reconhecendo o antigo Senhor, com um nitrido de alegria):* É ele! é ele! oh! júbilo! Ele voltou! voltam-me com a sua presença todos os brios da juventude! Senhor, meu Senhor! sairemos outra vez amanhan, ao romper da aurora, pelas ruas ainda desertas, pelas praias frescas de brisa e acres de marezia, pelas varzeas verdes e vastas, empapadas de orvalho? Oh! trote rijo! amplo e vertiginoso galope! Avante! avante!

Molosso *(fitando, de longe, o Morto, e vacilando, pela reflexão, entre o afeto e o terror):* E' ele! é ele! Mas não é o seu corpo vivo...

é uma sombra transparente, que oscila, como o fogo fatuo. E que serão aquelas tres figuras pavorosas que o acompanham? tres bruxas, parece-me... Nada: ha nisto cousa de feitiçaria...

O Sino: *Memento, homo, quia pulvis es...*

Heloisa *(junto á sacada, debatendo-se contra Alberto, que lhe cobre de beijos os dedos, os braços, o colo, os cabelos, a boca):* Porque me seguiste até aqui? Não viste que eu te fugia? Não vês que este é o meu quarto... que não podias, não devias entrar? ah! porque não fechei a porta á chave?

Alberto *(apertando-a em delirio, abafando-lhe as palavras nos labios):* Amor! amor!

Heloisa *(debatendo-se ainda):* Cala-te! cala-te! A tua voz... perco a razão... não sei mais o que digo... o que faço...

Alberto: Amor! amor!

Heloisa *(tentando, mollemente, desvencilhar-se, e arrastando-se, com Alberto, que a aperta sempre, até o fundo do quarto):* Não: que loucura!... *assim*, não! Serei tua, serei tua... mas... depois! Vai-te! vai-te!

Alberto *(vencendo as ultimas resistencias, e desabotoando, na luta, o roupão de Heloisa, que resvala até o chão):* Agora... e depois... e sempre... Amor! amor!

Heloisa *(rendendo-se):* Ah! infamia! ah! delícia!...

O Morto *(olhando sempre fixamente a casa):* Teria ela medo de mim? gostaria de ver-me? Tres annos se passaram... que são tres annos, para nós que estamos do lado onde o tempo se chama eternidade? Mas para os vivos!... Oh! nós tambem somos vivos; nada morreu do que eramos verdadeiramente nós, a não ser esse envolucro carnal que se transformava ele mesmo cada dia. Nós tambem somos vivos... mas vivemos só do passado, só de recordações. Não podemos mais agir, intervir em nada. É triste, é imensamente triste, quando, com a memoria, se guardam intactas, e ardentes, e pungentes, as paixões sentidas *outr'ora*... Aqui, nas trevas d'este caramanchel, na noite nupcial, emquanto os convidados dansavam lá dentro, nas salas, Heloisa me deu o primeiro beijo de pleno e arrebatado amor... Ali, sentados ambos naquele banco de marmore, ela inclinou uma tarde, graciosamente, a cabeça sobre o meu peito, e me disse: «Seria capaz de ficar toda a vida assim!» Foi mais alem, junto ao pequeno tanque, que ela me fez, enrubecendo, a confissão entre tímida e jubilosa, da maternidade próxima... Oh! pudesse eu ver, ao menos, o meu filhinho!

CLOTO: Plasmava-se no ventre d'ela um ente delicado e impetuoso, de sentidos vibrantes e coração indefeso, destinado a muito gozar e a muito sofrer...

O MORTO *(aproximando-se da casa):* Oh! aquele amor foi tão belo! estou absolutamente certo de que essa mulher extraordinaria nunca se ligara, nem um instante, nem pelo só pensamento, a nenhum outro homem. Tive-a virgem de corpo e de alma. Oh! aquele amor, este amor, que é o sonho ininterrupto do meu sonhar eterno, que é a visão absorvente e torturante do meu eterno peregrinar, não pode ter perecido nela mesma. Se eu lhe aparecesse! se eu *ousasse*... Oh! pura como a deixei, namorada até o delirio como a apertei pela ultima vez nos meus braços, a encontraria ainda, radiante de tornar a ver-me, abrasada do desejo de possuir-me, devesse embora partir comigo para o reino das sombras. E na falta d'esse envólucro carnal, que palpitou ao seu contacto em volupias divinas, eu saberia concentrar em mim todos os efluvios amorosos d'esta noite tropical, para unir-me com ela num amplexo sem fim!

ATROPOS *(detendo-lhe o passo):* Não vás mais adiante. Não podes entrar nos dominios da vida terrena.

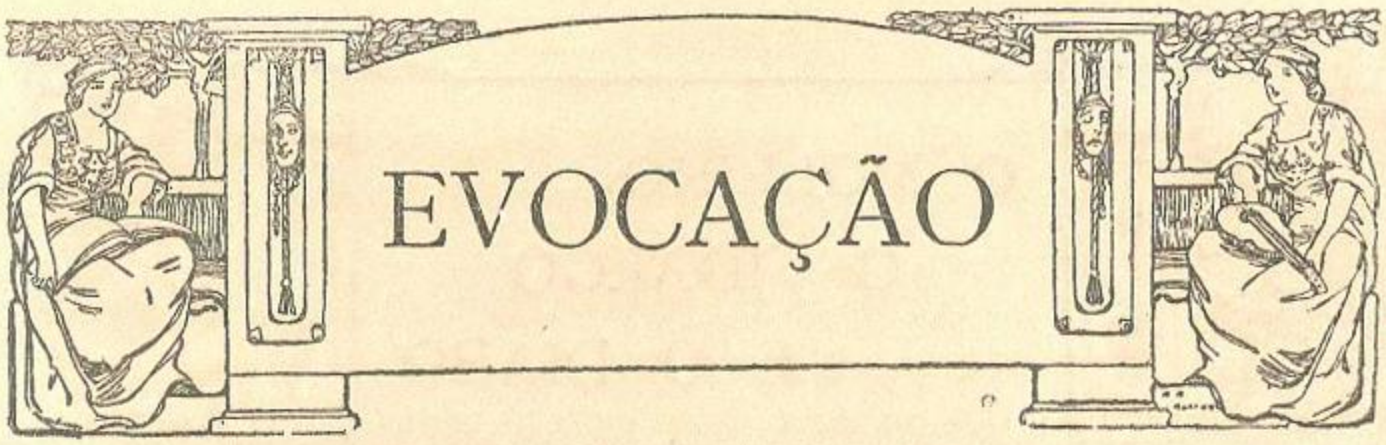
JULINHO *(descendo a correr as escadas, de braços abertos para o fantasma):* Papai! papai!

LACHESIS *(detendo-lhe o passo):* Não podes entrar nos dominios da morte. É longa ainda a trama da tua existencia.

JULINHO *(vendo o fantasma, que se afasta, que lentamente se dissolve no ar, e rompendo num pranto desesperado):* Papai... papai... morreu outra vez!

(Dos *Quadros e Simbolos.*)

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.
da Academia Brazileira.
Ministro Plenipotenciario do Brazil.



EVOCAÇÃO

Na Charneca das Naves anoitece;
Desmaiam flores,
Paira, ao alto, uma prece,
Evolada das almas dos pastores...

A noite inunda
As solidões magnificas. Nos ermos
Sobre paues enfermos,
Plenos de risos lividos, a espaços,
Vóga uma doce paz meditabunda
Onde serenam todos os cansaços.

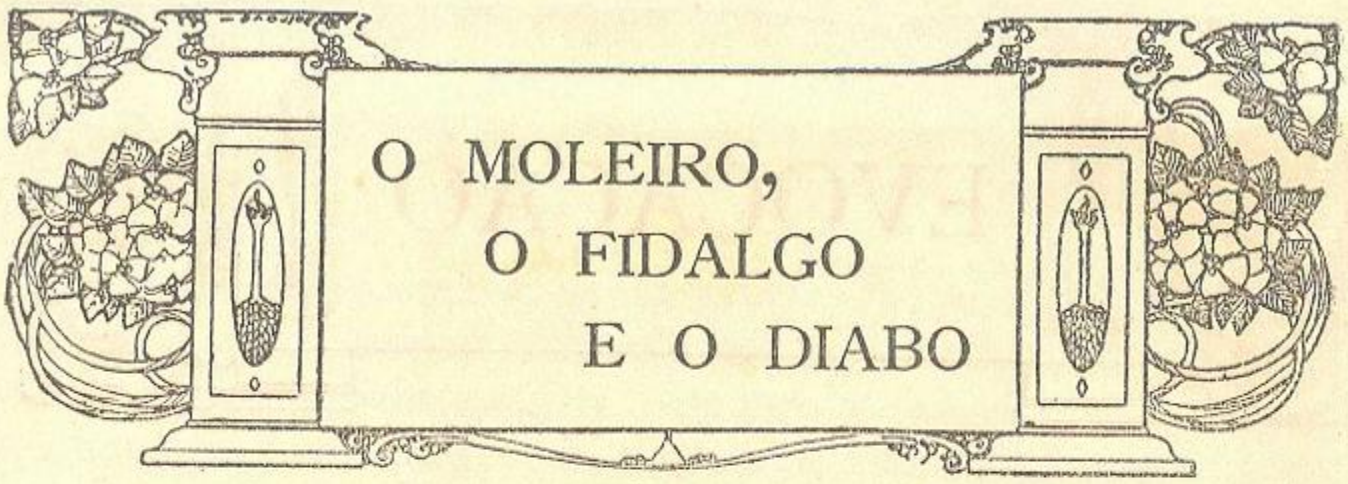
Na religiosa calma
Que desce das espheras,
Passam revoadas de chimeras,
Passa a minha alma...

Suspendo-me a escutar
Vozes remotas,
Perdidas notas,
Como dum mar!

Fulgem estrellas de oiro, além, nos ceus da Infancia...

O anjo que eu fui emerge da distancia,
E, fita-me, a chorar.

MARIO BEIRÃO.



O MOLEIRO, O FIDALGO E O DIABO

Á borda dum corrego silencioso, engasgado em terras sofregas de paúl, ficava a Azenha do Gurgulhão. Viera-lhe o nome duma fontaínha de veia extravagante que borbotava em pleno pego, tão viva e buliçosa que não consentia herva em redondo, nem a agua das cales, espadanada pelos rodizios, conseguia descompôr. Ali se afogara de morte voluntaria e por ali se afundira no inferno — diziam as vozes — um frade egresso e não queriam outra claraboia os diabos tendo a cargo de cometer as monjas com claustro nas cercanias. Mas nem em noites brancas de luar, ou negras de temporal, o moleiro deu fé que medos ou coisas do outro mundo arranhassem á flôr da alagôa. Lá estava para o socegar de imaginação tam aldravada a presença dum cruzeiro que, defronte, sobre o caminho das aldeias, alçava seus grandes e robustos braços. Junto dêle, plantado por creatura, cujo pó o redemoinho dos tempos tinha difundido no pó, um cedro, rugoso, sem coruto, apenas com duas franças revelhas viradas a um ponto como aspas, erguia seu vulto louco. Ás vezes, a lua postava-se á reretaguarda e parecia aquilo um calvario esquecido, medonho, de que ainda pendesse uma cabeça de Barrabraz.

Quatro paredes de camartelo a tombar para o regato, umas poucas de videiras de latada sobre a porta, atraz um quintalejo amassado pedra a pedra, torrão a torrão, que lhes dava para conhecer ano, a vagem barriga-de-freira que derrete na fervura, a abobora soberba, as berças viçosas, e até a cebola e o tomate que suprem a ôlha na panela pobre — eram o moinho do Gurgulhão. Duas mós moíam sem sésta nem pejamento, mas como eram dez os filhos, não contando o que aos olhos abertos se não negava no seio da mãe moleira, todos de quinze para baixo, e por amor á direitura se tolhessem de roubar na maquia, nunca por nunca para êles amanheceu dia santo ou de guarda. Atraz de duas jumentas rabônas, carregadas, os dois mais velhos corriam os caminhos; era seu trafico por dez aldeias ao redor,

e sua sombra lenta, paciente, parecia, á força de vista, fundir-se na extatica immobilidade da terra. Largavam pela alva, recolhiam com as estrelas e, pelos campos desertos, nunca sua sêde se saciou em melancia roubada, ou fruta, ao dependurão para o guloso, de sobre o encôsto dos paredais. Os rapazes meanhos pescavam no açude a boga ligeira e a trutinha astuta, sem desamparar a moega que o pão dos pobres, fornada a fornada, requer olho vigilante e mão meticulosa.

O pai era o engenheiro do moinho e em seu cuidar não tinha tréguas. Ele só picava as mós bôtas, tinha outras aparelhadas de remissa, compunha cambais, segurelhas, pilões e rélas, peças volantes que, ao mais leve empeno, derrancam a moedura. E ainda aproveitava as escorralhas do tempo em amanhar o quintal. A moleira, coelha a parir anno sobre anno, cuidava da lida e, remendando a sua cafila, forgicando o comer, aquecendo a vianda do bacorinho, mesmo com a barriga á bôca, era mexida como as mós.

Assim viviam, mofinos, ás vezes, entre si no atamancar da trabusana, pobres mas escorreitos, no corpo e na alma, da saude medrada ao céo aberto, e da obrigação sempre em regra com Deus e com os homens.

Sucedeu, porém, vir um anno de grande estiagem a ponto de, saídos de suas rincolheiras, se colherem os peixes á mão no areial do rio. A agua chocava nos poceirões, mal deitando á cale um cabelo tão fino que não era cabonde para matar a sede dos gericos. Pararam os rodizios, não mais alegrando o passo das aldeias o murmurinho rampante das penas. As novidades aganaram na horta, crestadinhas, como se bicho lhes houvesse trincado o pé. E a azenha, com a farinha louca das telhas lambida pela viração da alva, as suas arnelas brutas, as paredes gretadas do lento sapar do ribeiro, parecia uma ruina em que o sol peçonhento se espojava como galinha choca no ninho. E até o cabouco, vertedoiro das aguas, negro, na sombra, dava ideia dum olho de maluco, fito no pego, com a scisma de se afogar.

Encalmados, os pequenos patinhavam nos charcos, á sombra fatua dos salgueiraes, o moleiro ia sentar-se ao tôro do cedro fantastico, ahi quebrando a cabeça a deitar contas á vida.

Entrementes, a fome salteou os logarejos e os homens vieram, em malta, moer ao cambão na azenha triste. Á força de rins, com uma pichôrra de vinho para se alentarem, empurravam a mó. Era mais esforçado que tirar agua duma cisterna e breve consumiam o alento todo. Embebedavam-se e um dia inteiro não era demais para

colher a farinha dum pão. Consoante o castigo de Deus, o grãosinho das arcas era regado com suor de sangue.

O rendimento do moinho em tão castigada moenda não lhes bastava para não morrer de fome. Já os meninos — dois ainda burrinhavam — ganiam:

— Mãe, pão!

Ella apertava-os ao seio repolhudo de gravida, balbuciando:

— Não tenho nada que vos dê, filhinhos! Só se vos der o sangue das veias...

Curtido de dasespero, com a vergonha chapada no rosto, o moleiro foi bater á porta dos seus muitos compadres e amigos. E, a par com bastas vozes de paciencia, tornou com um bornalsinho de esmolas para dejejuadoiro de dias.

— Os nossos compadres são pobres e escassos — disse elle para a mulher. — Uns não teem, outros, se teem, guardam-no com unhas de fome. Fui como se me levassem á forca e, vê lá tu, um mendicante faria melhor colheita.

— Dá graças a Deus! — respondeu a mulher. — Podias vir com as mãos a abanar...

— Ora! A quantas necessidades lhes não vali eu?! Deixa, são fracos compadres... pouco dados ao encarrêgo que tomaram sobre os hombros ao pôr a mão pelos afilhadinhos.

— Vai desencanta-los melhor...

— Isso é que vou. O menino que está para vir ao mundo ou ha de ter padrinho de chaço, ou tão cedo não será baptisado.

— Abrenuncio! Quero lá meu filho moirinho!...

— Nem eu quero. Mas com esperar não se agrava Nosso Senhor. A fortuna, ás vezes, é zôrra, vem ao desenfado...

— Vê lá se já a pescaste alguma vez na agua da ribeira...!

— Pois sim, sim, já dizia meu pai, que Deus tenha, á má sorte envidar forte. Queres tu saber, mulher, ando cá a magicar numa coisa que te vai parecer tôla...

— Dize lá.

— Largar por esses mundos além até encontrar um padrinho capaz para o nosso menino, que trate delle, que o meta nos estudos, se adrega, e a nós nos safe do atoleiro.

— Fazem lá caso de ti!

— Quem sabe... Já ouvi ler que a Boa-Sorte anda, ás vezes, pelos caminhos.

— És tôlo.

— Serei; mas olha lá, com tanto sizo, com tanta cabeça, ainda não saímos da cepa torta. O mundo é grande; ha bom e ha mau. E' questão de achar o bom.

— O mundo está-se bugiando para os pobres.

— Os pobres, tambem, são uns animais de canga. Nasceram com ela, nem um geitinho sabem ter para se safar.

— Pois safa-te tu, anda lá. Sempre quero vêr onde vai parar essa tua dextreza.

E, sem embargo dos chascos e rogativas da mulher, o moleiro que tinha a ideia entranhada, na manhã seguinte, traçou do bordão e despediu para o mundo.

*

* *

De rota batida, por montes e andurriaes, encurtou para uma quinta onde era fama morar gente grada e bemfazeja. Andou, deitou além dos trilhos em que os seus azemeis gastavam as ferraduras, anoiteceu-lhe numas almoinhas até que, pela força do calor, no dia seguinte, descobriu a terra desejada. Sobre encosta toda verde de vinha, milharal e seára, se erguia o nobre solar. Uma rua de arvores maninhas e esbeltas, de que nunca ouvira o nome, levava ao terreiro, que era em areia fina, e em flôres e relvedos mostrava mais ordenança e aparato que o altar de Nossa Senhora no dia da sua festa. Sobre platibanda, ao deslado, branquejava a capelinha e na sineira de duas pernas, de escancha sobre o encume, tanto reluzia a sineta que só podia ser de prata.

O moleiro persignou-se, murmurando:

— Deus seja louvado! Estou com gente de fé... com a minha gente.

Pombas brancas voavam no céo, tam brancas que sua cór afiançava de singeleza e bondade naquela fidalga moradia. Dois molosos, de grande arcadura, velavam na alameda, mas com um ar tão não te rales e olhos tão meiguiceiros que pareciam dois monges a malucar nas vaidades do mundo. Mesmo assim, falando-lhe em vozes de afago e sempre com o pau em guarda, se foi aproximando. No patim nobre, disse a uma criada toda perliquitetes, toda boa para uma noite de inverno, que acudira ao tropel:

— Sou moleiro, menina, e queria uma palavrinha a seu amo.

— E' coisa de pescaria...? Eu já venho com a resposta — e sem mais, largou a bater a chinelinha pela casa dentro.

Quedou á porta muito tempo, seguindo no ar o vôo das andorinhas que tinham a graça de comer do cêo, que é de Deus, e não da terra que é dos homens. Um pedinte cabeçudo apareceu com a sacola ao hombro e, alijando-a sobre o degrau, se poz, como elle, a esperar. Entraram de cavaco — maneira de matar o tempo — o pobre dando traça daquele grande fidalgo que tinha assento a par d'el-rei e algumas das suas terras homem, bem montado, não abrangeria num dia. Dentro daquelas paredes morava um arraial de gente, padre-capelão, mestre de solfa para a menina, um frances mestre de dança...; de creados e creadas era um diluvio. Chamavam alí á Quinta da Deboterra porque o solo dava mimo que até a olhos maus arrelampava.

O pobre ia contando em voz lenta e enfadada, e não tardou a adormecer com a cabeça entre os joelhos, como um gira-sol á noitinha. Bem desejava o moleiro ouvi-lo no capitulo do bem-fazer daquela rica senhoria, mas acobardou-se de o chamar que o homem era resmungão e quem acorda o cão dormido vende a paz e compra arruido.

Já as pombas arrulhavam com a viração da tarde, quando viu sair de palacio uma luzida companhia. Um dos figuros passando á beira dele, que se puzera a pé e de carapuço na mão, encarou-o e disse:

— Que deseja?

— Meu senhor, eu sou o moleiro do Gurgulhão, não sei se Vossoria tem ouvido nomear, aquele moinho onde dizem que se afogou um frade. Tenho dez filhos, meu senhor, uns criados, outros inda gatinham, afóra o que Deus traz debaixo da sua divina guarda na barriga da mulher. Este anno veio uma séca muito grande...

— Diga depressa o que quer — atalhou o fidalgo, a vista deitada ao largo.

— O que quero?... Este anno, meu senhor, veio uma séca muito grande que até os peixes morreram tolinhos, no meio do areial...

— Veio uma grande séca, está bem. Diga agora vocemecê o que quer.

— O que quero? — gaguejou elle, desprevenido para a eventualidade de lhe cortarem o fio ao discurso, estudado com tanta demora e labia que até ao proprio Diabo do inferno seria capaz de convencer.

— Sim!

— ... tolinhos no areial. Secou tudo, as hortas, os fênos... Se se pegar num punhado de terra e lhe chegarem o lume, arde como as farfalhas das queizozes.

— Pede uma esmola, não é? — tornou o fidalgo em tom impaciente. — Amigo, os aleijados são mais bastos que as môscas, você tem bom corpo para trabalhar, trabalhe.

— Eu não peço esmola — acudiu a dizer o moleiro, já o nobre senhor desandava. — Peço, salvo seja, mas não é pão.

— Então, diga depressa...

O moleiro olhou em roda, como se fôssem seus olhos que devessem achar o trilho rapido por onde, com ganho, conduzir o seu recado. E, como se lhe afigurasse temerario expôr sua petição sem o introito preparatorio, volveu a petar, dando um passo no discurso que sabia salteado:

— Até se me corta a alma, meu senhor, o vêr eu as mós tão afinadas e veleiras para ali quedas como umas entrévadinhas.

— Quer que eu lh'as vá deitar a andar? — chalaceou o fidalgo, divertido.

Em roda, mordida de riso e de curiosidade, a comitiva folgava com a picaresca alçada do moleiro.

— O' meu senhor, isso não quero eu — respondeu elle azougado, com o chão a dansar-lhe, a todo o redor dos olhos. — Não é isso... Como a mulher, se a conta a não engana, vai no nôno mês de pejada...

— Quer talvez que lhe vão servir de parteira — pronunciou um gracioso que, pelo falar e os hilariantes cacarejos e mais saricotés, devia ser o francês mestre de dansa.

Os caudatarios, todos, riam a bom rir.

— Mal'o haja quando aqui vim para a caçoada! — rosnou o moleiro, carregando o sobrôlho. — Vinha pedir um serviço a christãos, saem-me judeus.

— Que diz o homensinho? — pronunciou o capelão, que estava mais perto, entestando nele o olhar.

— Pouca coisa... Vinha á procura dum padrinho capaz para o meu menino, que vai nascer, mas já não tenho duvida que estou errado.

O padre-capelão repetiu a deprecada, humilhando-a, ao fidalgo que se afastava. Este, continuando seu caminho, murmurou num sorriso:

— Do que o diabo do labrego se havia de lembrar!...

— Sempre ouvi dizer que é pecado muito grande um fiel christão negar-se a pôr a mão por um anjinho lá na pia baptismal — retorquiu o moleiro, que era duro no renhir.

— *Distinguo.* — objetou o padre — Ha casos...

— Olhe lá — pronunciou o fidalgo, voltando-se de rompante. — Onde é o seu povo?

— O meu moinho? Saberá vossoria que o moinho do Gurgulhão é na serra que se descobre daquela serra que fica para lá deste vale. Além fóra...!

— E' longe. Já por ahi andei á caça. Se bem me lembra, é terra de baldio e fragoêdo...

— Terras tristes, meu senhor. O vento lá corta como navalha de bom fio e o sol ferra como môscas bravas. Mas a gente vive na lei e na graça de Deus.

— Ha para lá estrada?

— Não, que nunca por lá passou el-rei, nem Deus ou o diabo o levem por lá. Sam caminhos de cabras, meu senhor.

— Pois já que põe tanto empenho em que seja eu o padrinho do rapaz e o *distinguo* do Padre Manuel me capacitou da etiqueta, vá. Mando uma procuração e o enxoval lá irá ter.

— Uma procuração, para quê, se não parece mal o preguntar?

— Para se baptisar a creança.

— Ah! E o afilhadinho?

— O afilhadinho vai para a cova se morrer, se vingar que cresça e apareça. Aqui ha falta de braços.

— Que quer dizer vossoria lá na sua?

— Que o tomo ao meu serviço, se não fôr vadio nem aleijado, é claro.

— Bem haja e não se canse mais vossoria com o tôlo que aqui vê — declarou o moleiro no geito de retirar-se. — Já me não serve para compadre. Buscava um homem honrado, não duvido que o fidalgo o seja; buscava tambem um protector para meu filho e para os pais que são pobresinhos, oferece-se apenas para amo. Passe vossoria muito bem e desculpe. Não é a pessoa que preciso. Escravo aqui ou lá, o meu menino que o seja antes nos quatro palmos que são seus. Adeusinho!

E foi-se desenganado daquele solar de alta fidalguia, mais além...

*

* *

Amanheceu-lhe numa gandara de mato galego, balôfo de seiva, onde se não sentia dente de gado nem corte de roçadoira. E, an-

dando, ouviu o clangôr duma buzina e latidos de cães. Foi nas endireitas donde repercutiam os sons e, breve, se lhe defrontou um caçador de grande aparato e bizarra presença que, sósinho com seus muitos lebreus e podengos, monteava. Pareceu-lhe o figurão orçar pela meia idade e seu semblante ser afavel posto que na pinta mofareiro.

—Nobre senhor, —disse o homem das sete partidas —venho trilhado da jornada, sem comer, nem dormir. Se na sua bolsa houvesse uma codea de sobra, grande esmola me faria.

—Vem em boa hora, santinho. Agora mesmo chamei os cães para o mata-bicho.

Sentou-se numa pedra e, abrindo fino e lauto farnel, fez-lhe sinal de banquetear-se. Ante aquela franqueza, havida para um pilôrda tão humilde como elle, o moleiro não caía em si de pasmo, e no seu fôro intimo pensava: encontrei o meu compadre!

Vendo-o acanhado, serviu-lhe o caçador iguarias estranhas, tão suaves ao gosto que nunca seu paladar sonhou que de panela ou certã saissem tais maravilhas. E vá agora um naco de chibato, vá mais uma posta de lampreia, um copo de moscatel, o moleiro ficou que nem um abade na quaresma. Entretanto, o caçador dizia-lhe:

—A que vem por estes logares, patrão?

—Uma veneta que me deu; sonhei que a Fortuna anda ás vezes pelos caminhos. Eu sou, meu senhor, o moleiro do Gurgulhão, não sei se vossoria sabe, aquela azenha onde dizem que um frade se deitou a afogar...

E, topa, topa, com a lingua desemperrada pela confiança que lhe davam e pelo vinho que bebera, expoz o seu recado, sem esquecer um ponto, tal como o estudara de longe para persuadir ao maior sabio da Grecia.

O monteiro ouviu, ouviu, e respondeu, cofiando a barbicha á passa-piôlho:

—Está bem, eu vou ser o padrinho do teu menino. Sou rico, a familia não me apoquenta, todo o tempo é meu. Lá pelos sitios ha caça?

—Saiba vossoria que sim. Ha a perdiz de vôo excomungado que, parece, leva um guiso ao pescoço; ha tambem o caçapo que faz o covil num tojo e é um dianho de finura...

—Melhor; eu cá é pum e terra! Pois está entendido, eu sou o compadre que te convem. A mim, tambem, me faz geito ter uma arribana para esses sitios, onde pernoite das caçadas. Volta para traz e fica descansado que meu afilhado ha de ser um homem —eu cá o tomo

debaixo de proteção — e nunca mais a agua ha de faltar na cale do teu moinho.

— Como pode ser isso? — exclamou o moleiro. — A agua vem do rio, quem a dá e quem a tira é Nosso...

— Cala-te! — interrompeu com um grande berro o caçador. — Tenho artes para te dar agua quanta fôr mister e pão em tal quantidade que te grele nas tulhas. Queiras tu...

— Se quero!? Tenho algum pacto a assignar?

— Pouca coisa... pouca coisa. A' noite, depois de ceia, quando reunida a familia puxares do açafate, rezarás:

Compadre Galhudo, a vós
Encomendo nossas mós;
O' Anjo pé de cabrão,
Abençoai nosso pão!

— Credo! credo! Santo nome de Jesus, isso é a oração de Lucifer! — exclamou atonito e benzendo-se o bom homem. E ia a benzer-se uma segunda vez, mas já não avistou o guapo caçador. Em frente, erguera-se um fuminho ligeiro e, calcinadas na toalha calcinada, negrejavam as iguarias. Mais longe, pelo pinhal cerrado, os galgos e mastins corriam... corriam, e de brancos, que até ennevavam o mato, era agora mais negros que tições.

O moleiro, certo de que acabára ter batida com o Porco-Sujo, descontente do seu sonho temerario, se arrepelou os cabelos bastas vezes. E por largo espaço ali quedou com padrenossos e figas a esconjurar o cheiro do Tentador. E, vou não vou para a frente, tendo refletido que não podia ser pecado buscar um esteio para a sua pobreza e um padrinho generoso para o filho, rompeu novamente mais além.

(Excerpto da *Estrada de S. Tiago.*)

AQUILINO RIBEIRO.

SERENIDADE

Fôra assim sempre o nosso amôr, assim
como ora vae, n'um extase calado,
sob êste céo, que é de oiro e de setim,
n'êste canto de parque abandonado;

fôra assim sempre o nosso enlêvo, brando
e quieto e fácil, sem ardôr, nem ciumes,
com frautas de água entre árvores suspirando
seus liquidos, tenuíssimos queixumes;

fôra assim sempre a tua graça, álerta
e silenciosa como lua acêsa,
e o teu sorriso uma carícia certa,
quando a buscasse, em horas de incertèsa;

fôra assim sempre, Amiga, o nosso encanto
e egual e muda toda a nossa vida
— e eu entraria, sem temor nem pranto,
da morte em sua plácida guarida

— por têr amado sem o desencanto
— por têr vivido sem sentir a vida...

João de Lebre e Lima.

JOÃO DO RIO

A consagração do nosso querido director João do Rio que fôra iniciada em Paris e Roma, que em Lisboa assumira um aspecto de amisade carinhosissima e que se continuara magnificamente em Pernambuco, foi coroada no Rio de Janeiro e São Paulo por homenagens esplendidas de admiração e de simpatia. A par das manifestações entusiasticas dos seus irmãos brasileiros, Paulo Barreto recebeu excepcionaes demonstrações de affecto da parte dos vultos mais representativos das colonias portugueza e italiana respectivamente no Rio e em S. Paulo. O banquete que lhe foi oferecido pela colonia portugueza da capital federal revestiu extraordinaria imponencia e teve um particular significado que muito nos apraz registar. A obra de aproximação luso-brasileira attingiu o ponto culminante e nada poderia orgulhar-nos tanto como a definitiva consagração que esse banquete, para essa obra, constitue.

O discurso de Paulo Barreto nessa admiravel festa honrando um dos mais eminentes brasileiros do nosso tempo, honra o Brasil e Portugal.

A *Atlantida* envia por ele a Paulo Barrcto o seu mais enternecido abraço de solidariedade.

À seguir publicamos alguns dos periodos magnificos da magnifica oração de Paulo Barreto no banquete do Club Gimnastico Portuguez do Rio de Janeiro:

«Sim. A verdade é essa. Quando vêmos pelo mundo o principio das nacionalidades congregando a vontade dos povos que querem subir, emquanto a fraternidade universal, sonho socialista, serve apenas ao reclamo cynico das nações que com ela se rotulam para avançar no comercio, na industria, nas forças vivas dos povos despreocupados, nada mais justo, mais urgente, que compreender, lá e cá, a necessidade de maior nnião da nacionalidade, para a grandeza futura, tanto da Republica Portugueza, como da Repuhlica Brazileira.

Não se trata da fusão politica. Mesmo para os povos que não amam a liberdade, tal fusão é despeito, raiva, odio, revolta, a fraqueza resultante da congestão de duas forças. Para as almas livres, como as nossas, seria o impossivel. Em vez déssa irritante fantasia, a maior união é a tendencia natural dos nossos destinos, a aproximação dos interesses de cada brazileiro e de cada portuguez, patriotas ambos, dando com resultado, na grandeza de duas Republicas, a grandeza da raça, Tal liga é imposta pelo amôr que nos une, pelo

enthusiasmo de fazer maior as duas patrias, pela certeza de que Portugal não quererá, em hípótese alguma, o mal do Brazil, como não o quiz nunca o Brazil de Portugal. Mais. Tal liga é exigida, quando o patriotismo pede a cada um o esforço maximo pelo perigo imediato da absorção das nossas forças vivas, quebrando-nos a autonomia do trabalho, agora para deante, na colonisação da riqueza, e talvez contra as resistencias moraes. O meu amor por Portugal é ainda aqui sentir o futuro e esperar que dos governos o referendar, unificando as leis de interesse comum, o acordo economico, em que o Brazil concede a Portugal tudo quanto só ele possa conceder, e Portugal dê ao Brazil tudo quanto ele possa dar. Eu pergunto: que não será a força patriotica de não já vinte milhões de portuguezes, espalhados no continente e no ultramar, e de trinta milhões de brazileiros, no vasto Brazil, até agora sem finalidade na politica internacional, mas de cincoenta milhões, querendo riqueza, no mutuo esforço auxiliadôr das duas patrias?

Eu perguntarei qual será o surto economico das duas potencias, donas pelo trafego do sul atlantico que nos separa e nos une? Eu perguntarei que não seria esse triangulo de nacionalidade sobre o mar, cuja base é o Brazil, cujo vertice é Portugal, projétándo nacionalmente para o gasto do mundo todas as nossas riquezas? Eu não pergunto em instantanea auctoridade moral qme nos adviria d'esse acordo pratico, em que fundiriamos nossa amizade, ante dividida em mil veios sem orientação e agora avolumada na mesma torrente de potente riqueza.

Não! Eu nada fiz amando Portugal. O meu amôr é instintivo como deve ser o vosso.

Se a realisação do ardente anhelo de ter a sancção do povo de Portugal como do povo do Brazil, ele não será possivel sem vós, portuguezes que viveis no Brazil condensadores do duplo amôr patriotico pelos dois paizes. Sei qual tem sido a vossa obra aqui neste seculo de independencia, sei a vossa ambição realisadora, sei o vosso heroismo no labor, a grandeza tenaz dos vossos corações, a alegria com que fôstes, seguidamente, durante cem anos, a lição pratica do meu sonho, sendo tão portuguezes como brasileiros. Não posso sem emoção pensar no milagre que o destino exerceu para bem nosso mantendo a corrente de sangue portuguez para o Brazil, — quanto é a riqueza tão seductora em outros pontos da America! Não vos compreendo nesse enternecimento, teimando no mesmo rumo para a terra que os nossos avós descobriram, senão como os portadores do prodigio, tangidos pela vontade de Deus, que velou e vela e velará pela Raça — Raça tão grande que criou no poema dos seus feitos uma lingua e fez no mundo a terra da esperança universal.

Eu vos amo pelo que fazeis expontaneamente, pelo que realizaes, pelo que sois, por essa alma de conductores na qual se entrelaçam as duas patrias, por esses braços de realisadores que se elevam sem orgulho no bem querer dos dois povos, por essa vontade na qual flamejam as virtudes da raça. Nada se pode fazer sem amôr, o unico sentimento totalmente generoso da vida, Vós tendes amôr para o grande acto com que devemos abrir afirmativamente o novo ciclo da civilisação. Vós aceitaes com aplauso o tremendo labor.

Assim, mais do que por tudo devia ser eu a agradecer o modo por que compreendeis o desejo consciente de apertar os laços de amizade entre os dois povos para dilatar o poder de cada um. Assim, sou eu a sentir em voz os

amigos que aceitam sem egoismo a formidavel tarefa, com a mesma força irresistivel d'aqueles nossos passados avoengos desverginadores da terra brasileira.

Eu vo-lo repito: nada me devem portuguezes por amar e defender portuguezes sempre porque assim amo, e venero e quero duas vezes a minha Patria.

REFLEXÕES

A ESPANHA, O BRAZIL E PORTUGAL

Insistentemente, ha uns mezes para cá, varias pessoas que me julgam mais ou menos responsavel da propaganda feita em Portugal a favor d'um melhor entendimento luso-brazileiro — tem-se dirigido a mim para me censurar de eu não defender, acima de tudo, uma aproximação luso-hespanhola. Tenho algumas cartas em meu poder de significativo interesse a esse respeito. Tenho, sobre o mesmo assumpto, ouvido algumas objurgatorias que, pela qualidade das pessoas que as fazem, me deixaram — confesso-o — muito impressionado. O facto, porém, não teria a menor importancia se não visse que elle corresponde a uma propaganda que se inicia, discretamente mas teimosamente, com o fim de não permitir que Portugal realise em bases solidas e duradoiras a sua preconisada e indispensavel aproximação com o Brazil, Dada aquella extrema mobilidade de espirito que nos caracterisa, e que certos escriptores extrangeiros têem já apontado — o que prova que ella é bem visivel... — receio muito que a propaganda anti-brazileira dê alguns resultados desagradaveis, e por isso e só por isso, aqui a denuncío desde já.

Faço-o, de resto, sem a menor antipatia pela ideia, que tanto aprovo, d'uma *entente* com a Hespanha. Acho, mesmo, que é preciso realisar essa *entente;* e que em realisa-la só ha vantagens para os dois povos visinhos, desde que a ella presida um espirito de cordealidade e de mutua comprehensão de interesses e de aspirações. Simplesmente não entendo por que razão secreta e fantastica, a aproximação luso-brazileira ha-de ser sacrificada, expiatoriamente, no altar da nova causa... Não entendo, nem quero entender.

A verdade, porém, é que, tanto economicamente como intelectualmente, Portugal não tem senão a ganhar com uma politica de estreita, de intima, de profunda inteligencia com o Brazil. As linhas geraes do entendimento economico entre as duas Republicas, fixou-a já, e d'uma maneira luminosamente clara e categorica, o ilustre estadista Freire d'Andrade, n'uma entrevista concedida a João do Rio, publicada no *Paiz*, do Rio de Janeiro, e cujas principaes passagens *A Manhã* transcreveu em tempos. Das afirmações n'ella contidas, extrae-se todo um plano de governo sobre o assumpto; e d'ellas resulta, com fulgurante nitidez, que a prosperidade dos dois paizes, produzindo, um no seu proprio sólo, outro no sòlo das suas colonias, productos identicos, derivará, essencialmente, de que entre elles se estabeleça um acordo expresso para que esses productos se não guerreiem, mas antes se juntem, e para que, juntos, dominem o mercado do mundo. E, repare-se: esta maneira de ver o problema, leva-nos tambem a encarar com a atenção e o cuidado que elle exige, o nosso

problema colonial — a que o sr. Freire d'Andrade aplica assim uma visão mais larga e mais fecunda do que a visão habitualmente conhecida e habitualmente apoiada por tanta gente...

Quanto á aproximação intelectual, artistica e literaria com o Brazil — tudo está dito a este respeito. Não podemos nós, portuguezes, pensar em impôr ao Brazil a nossa cultura, a nossa orientação filosofica, ou a nossa orientação social; pela simples razão de que as fontes de cultura dos dois paizes são as mesmas, e — facto verificavel facilmente pelo rapido estudo da evolução espiritual aqui e lá — dando em ambos os paizes reações identicas e simultaneas, quasi. Mas o que devemos fazer é auxiliar o Brazil no culto, na defeza, no aperfeiçoamento da lingua, que é a lingua portugueza; no amor das nosssas tradições historicas, que são tambem as suas; e em todas aquellas iniciativas que signifiquem expansão do genio lusitano, e manutenção do espirito da raça contra todas as raças extrangeiras que n'elle pretendam instituir e consolidar o seu predominio.

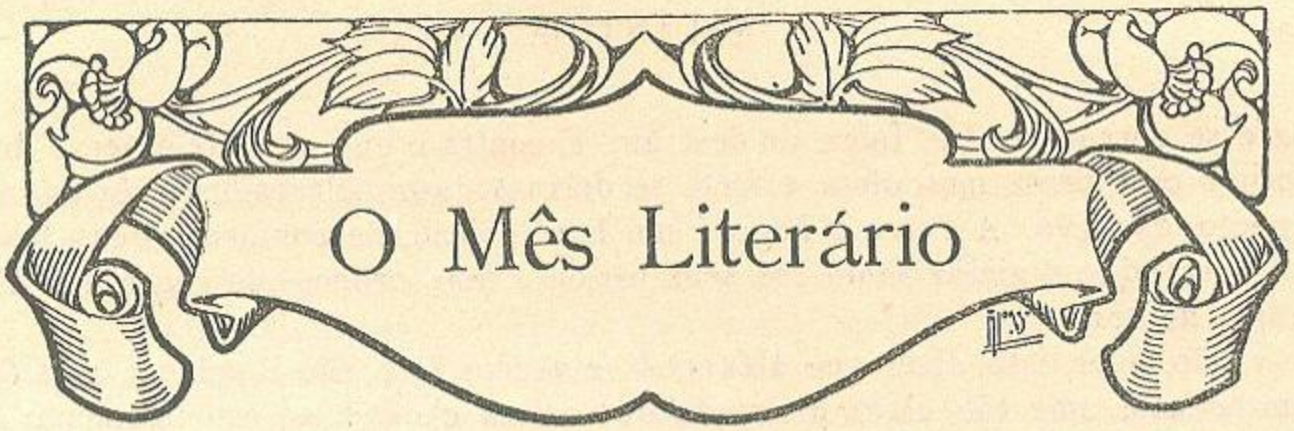
Por muitas intrigas que tenham apparecido de volta da causa luzo-brazileira, nenhuma d'ellas conseguiu ainda destruir ou mesmo negar a utilidade dos pontos de vista que resumo, e que são acceites por todos os homens de valor e de influencia das duas nações. Ha pouco tempo, no emtanto, appareceu uma forte campanha, no Rio, a favor d'uma confederação politica luzo-brazileira — campanha altamente prejudicial para o futuro da aproximação... Quem o fazia, decerto no melhor dos intuitos, não reparava no exagero do seu amor pelos paizes fraternos — que a todos os extremos de relações affectivas podem chegar, menos ao impossivel ideal de serem uma mesma nação, prejudicando assim o natural, o legitimo sentimento de independencia dos dois povos, e esquecendo assim que o Brazil não se libertou do jugo portuguez ha um escasso seculo, para de novo, e voluntariamente, e mais ou menos disfarçadamente, o acceitar de novo... Deu logar, de resto, a todas as explorações anti-portuguezas essa campanha inutil, felizmente vencida, e não tendo nunca a defendel-a homens de auctoridade especial no assumpto, como Paulo Barreto e Malheiro Dias.

Ora — caso curioso! — todas as pessoas que me falam da necessidade de uma aproximação com a Hespanha em detrimento d'uma aproximação com o Brazil (o que nem á propria Hespanha poderá decerto convir...) invocam logo essa historia da confederação, censurando-a, como é de justiça, mas dando mais a entender que esse extremismo é grato a certos portuguezes — e a certos governantes portuguezes, mesmo. Não sei o intuito a que obedece esta propaganda nociva. Sei, porém, que nenhum homem do governo portuguez pensou jámais em tal coisa — desde o sr. Affonso Costa, cujos serviços á causa da aproximação luzo-brazileira fôram tão grandes durante a Conferencia da Paz, até ao sr. Antonio José d'Almeida, Presidente da Republica, de quem os jornaes brazileiros publicaram em Julho, por intermedio de João do Rio, as mais carinhosas, intelligentes e lucidas palavras sobre as relações entre as duas nações. Será o sr. dr. Brito Camacho que sympatisa com a idéia? — De modo nenhum e a leitura do seu jornal o demonstra com evidente, deslumbrante clareza. Será o Sr. Dr. Domingos Pereira, presidente do governo quando da estada entre nós do Sr. Dr. Epitacio Pessoa? Os discursos que proferiu attestam, affirmam o contrario. O Sr. Canto e Castro, Presidente da Republica n'esse momento, tam-

bem não — e não ha brazileiro que não saiba o quanto e como elle ama e quer ao Brazil. Então?...

Então — não foi ninguem... Ninguem. E a invenção, a bisbilhoteirice que me contaram, é realmente tão extraordinaria, para não dizer estupida e injustificavel, que eu chego a julgar que a sonhei de fio a pavio. Sonhei, decerto... No emtanto, umas conclusões se podem talvez tirar d'estas rapidas notas, e são ellas: — que a *entente* com o Brazil se torna indispensavel, e é exigida pelo nosso sentimento e pelos nossos interesses; que em nada prejudica essa *entente* a aproximação, tambem util, com a Hespanha; mas que o Brazil deve sempre ter o primeiro logar nas preoccupações dos nossos estadistas, porque por elle e n'elle continuam, perduram e se magnificam as qualidades da raça e a grandeza do povo portuguez.

João de Barros.



O TEMPLO DAS SIGLAS e *MUSEU DE GRÃO-VASCO* por AARÃO DE LACERDA, *edições do auctor — Porto.*

O autor destes dois livrinhos é um português no qual vive e se apura o nobre sentimento e veneração dos monumentos que a alma da raça ergueu, em horas de inspiração heroica e religiosa. Sendo um homem de estudo, é tambem um homem de fé que busca no passado certezas que outros demandam, nos intermundios da utopia.

O *Templo das Siglas* é uma monografia sobre a egreja da Ermida do Paiva que Aarão de Lacerda visitou pela primeira vez, numa formosa manhã de abril e cuja arquitetura ele classifica como romanica de transição. Porque lhe deu tal nome? Ele o diz:

«... sentindo sempre o arcaico encanto da egreja que eu chamei o *Templo das Siglas*, pois quasi não ha pedra que não apareça timbrada pelo canteiro com desenhos de traço simples, mas vincado, nos silhares, colunas, aduelas, fechos: — é o pentalfa, é a espiral, a chave, o triangulo simbolico, o resto de um hieroglifismo cabalistico que de longe veio até ás terras ocidentaes.»

Todas as paginas de *O Templo das Siglas*, escritas numa linguagem que algumas vezes atinge a eloquencia, se leem com agrado, porque Aarão de Lacerda ao mesmo tempo que nos vai descrevendo e historiando o monumento, recorrendo inteligentemente ao desenho, á gravura e á fotografia, sabe possuir-se dum nobre tom de convição, de amor ás coisas patrias, que nós, gradualmente, elevamo-nos com ele até nos encontrarmos, remidos pelo culto da belesa que ele não se cansa de pregar, junto ao berço das grandes emoções donde brota a vida da raça.

O *Museu de Grão-Vasco* obedece ao mesmo intuito de compreender e fazer compreender, de sentir e fazer sentir o esforço criador das velhas gerações, o gesto alumiador dos nossos artistas lembrados ou ignorados que Almeida Moreira, o criador do museu regional de Vizeu, anda congregando piedosamente para os repor na sociedade da ideia-mãe que lhes sorriu e os enamorou.

A FERRO E FOGO (na grande guerra) por EDUARDO PIMENTA, *edição da* Renascença Portugueza — *Porto.*

Eduardo Pimenta que ainda ha poucos meses publicou uma novela de loucura e labareda, — *Ancia de viver*, dá-nos agora, numa serie de quadros, alguns dos aspetos fugazes — vividos, doloridos e tormentosos — da grande guerra que ele conheceu de perto, abraçando-se na respiração do monstro que

roe e se corroe, na sua febre de destruir. E contra o que seria de esperar dum escritor cuja prosa musculosa e forte se deixa sedusir pela embriaguês do movimento, da ação, *A Ferro e Fogo* é um livro sobrio, de contornos quasi severos, reinando no alinhamento dos seus periodos uma ordem que recorda a disciplina militar.

Não quer isto dizer que a fantasía e a emoção o não iluminem, mas fazem-no com uma tão clara discreção que nunca chegam ao estonteamento de certas paginas da *Ancia de Viver*.

ESPADAS E ROSAS por JULIO DANTAS, *edição da* Portugal-Brasil, Limitada — *Lisboa*

Julio Dantas, neste livro, não acrescentou nem tirou nada á sua gloria. Encontra-se, dentro da lei de inercia que, de tempos a tempos, suspende as faculdades dos escritores, antes de se proporem um novo avanço. Cremos que Julio Dantas brevemente se *continuará*, dando-nos uma dessas obras em que ele acorda dum longo exito. Isto visivelmente, não pretende insinuar que *Espadas e Rosas* não sejam de proveitosa e gostosa leitura, mas sim que deixam a impressão duma coisa muito conhecida. A frase pomposa canta no periodo um canto-chão que já apreciámos, os periodos, por sua vez, tomam uns tons de *boudoir* e cela de frade em que a virtude e o vicio parecem benzer-se e piscar-se o olho, por geitos que não são novidade. E' de crer, porém, que o publico leia e estime *Espadas e Rosas*, precisamente por esta falta de imprevisto. Talvez tenha razão. E se a não tiver, tambem nada se perde com isso, porque o sucesso d'um livro nem sempre é um resultado direto de raciocinio do leitor ou das qualidades essenciaes do texto.

DUAS GRANDES INTRIGAS por ALFREDO VARELA *edição da* Renascença Portugueza — *Porto*

Em dois grossos volumes, ocupa-se o autor desta obra do que ele chama misterios internacionaes atinentes a Portugal, Brasil, Argentina, Uruguay e Paraguay. Raramente um historiador se cingiu com tamanho escrupulo á sua documentação, nunca se deixando arrastar pelo pendor facil das visões que, em geral, obrigam os factos a falar contra a logica e a verdade. Alfredo Varela mantem-se num razoavel meio-termo: nem escravo do facto nem independente dele. Esta atitude permite-lhe não se perder, desviando-se da linha natural dos acontecimentos, a não ser para lhe determinar melhor a orientação. Sabe abordar o drama, sem carregar nas tintas, sem avultar os incidentes. A sua prosa abundante, se bem que não excessiva em efeitos de expressão, presta-se lindamente a todos os movimentos da narração — ora lentos e ritmicos como a ondulação duma seara, ora irregulares, dificeis e tormentosos como a queda duma torrente.

VIA SINUOSA e *TERRAS DO DEMO* por AQUILINO RIBEIRO *edições da* Livraria Aillaud—*Lisboa*

D'estes romances já falámos, quando do seu primeiro apparecimento nas livrarias. Chegaram ao mesmo tempo á segunda edição, o que comunicamos

ao leitor que deseje informar-se não tanto dos livros que saem, como dos que ficam.

Aquilino Riheiro não emprega nas letras horas de ocio, ocupação transitoria duma mente que busca o caminho do deserto: os seus livros profundamente portugueses, apesar de uns fermentos de ironia que lhes mordisca a inocencia, conjugam-se e harmonisam-se com as boas aquisições da raça. Entram, portanto para o nosso patrimonio espiritual.

BODA DE VINHO por ANTONIO DE CERTIMA, *edição da* Pleiade Bairradina

Este poeta gosta de vinho, não para atingir a vulgar borracheira brigona ou entorpecedora dos sentidos, mas para sublimar-se em amor pagão ás formas perfeitas, às flores de corola soberba, ás cores galantes, aos clarões imortaes do sol e á divina alegria de sentir a terra no dilirio de crear, modelar e transfigurar. A tristesa não o molesta, pois, nem mesmo a lirica melancolica que o luar derrama pelos vergeis onde os namorados ensaiam o noivado do sepulcro. Transcrevemos a:

INVOCAÇÃO A BACCHO

Ouvi, pagãos...

Como um antigo crente ou um christão
Tirando dele o seu ritual exemplo,
Eu ajoelho hoje dentro do teu Templo
E, ajoelhado, eu espero comunhão.

Da tua jónica e aurea catedral.
O portico de Opála atravevessei,
E com modo fidalgo, como um rei,
Passei sob o seu arco triunfal!

Em teu seio, nas horas religiosas
Do poente, dá-me, lyriaes, etereos,
Teus perfumes é bençãos olorosas...

Inicia-me, pois, em teus misterios!...
E então, coroado de heras, verdes rosas,
Tocarão lyras, frautas e psalterios!

EÇA DE QUEIROZ por ALBERTO D'OLIVEIRA, *edição da* Portugal-Brasil, Limitada — *Lisboa.*

Este livro parece um espelho pela limpidez da sua prosa em que os factos se narram, os objetos se descrevem, as imagens se desenham e os conceitos se propoem sem violencia nem ruido, tão naturalmente como numa arvore os ra-

mos, as folhas, as flores e os frutos se concertam para gloria e adoração da terra creadora.

Alberto d'Oliveira conheceu Eça de Queiroz, praticou-o, admirou-o e mesmo *post funera* lhe mantem a sua devoção literaria. Agora resolveu-se a afirmar externamente o seu culto e como é um escritor que detesta a desordem na vida e o desalinho na frase, o seu *Eça de Queiroz* fala-nos do autor dos *Maias* já despojado da sua parte mais perecivel e transitoria — o quinhão de terrena miseria que a sorte distribue a cada um dos homens.

O ironista suavisa-se e enternece-se, porque Alberto d'Oliveira o viu e conheceu, em horas dc intimidade, propicias ao desabrochar de doces emoções.

Assim Eça de Queiroz recordado, transposto em linguagem de saudade, não corresponde talvez á ideia que dele forma a maioria dos seus leitores, incapazes de apreciar a variedade de aspetos a que se presta o estudo dum grande romancista. Mas nem por isso é menos vivo e eloquente que alguns retratos que dele nos hão feito outros amigos mais *objetivistas*. Alberto d'Oliveira poeta, com a ternura das almas eleição, não podia deixar de exprimir-se no tom mais adequado á sua sensibilidade.

E o seu Eça de Queiroz amaciado, sentido, penetrado de piedade e bondade, perde muito da rigidez fotografica que lhe atribuem certos que o trataram, para adquirir aquelas tintas que o tempo respeita, porque foram feitas com sucos extraídos das flores mais raras dos afetos humanos.

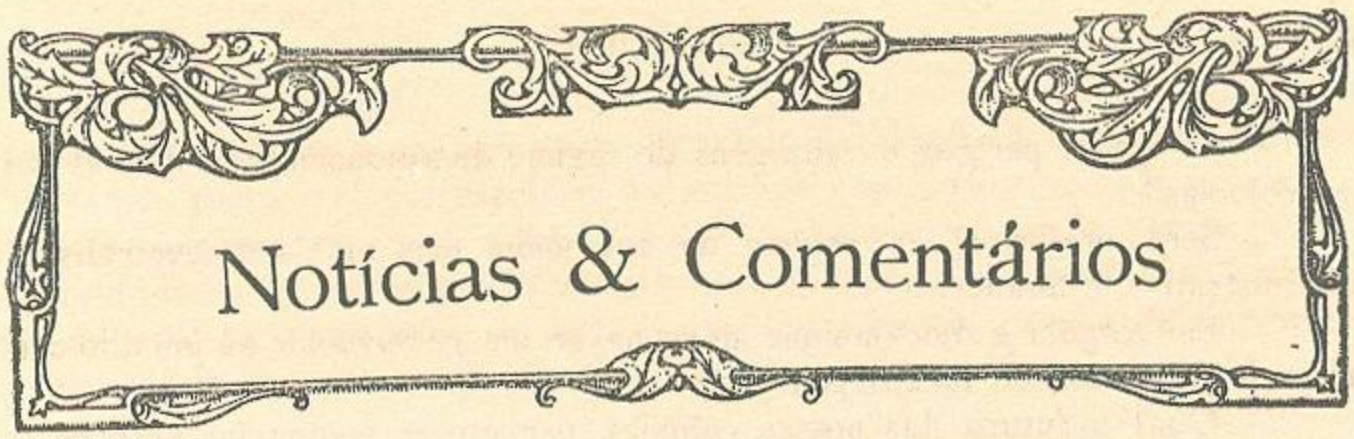
VIDA E SONHO por CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO, *edição da* Livraria Editora—*Rio de Janeiro*

E' um livro de ternura proprio para as confidencias d'um coração que se reparte em adorações. Magalhães de Azeredo tem o culto das coisas eternas e dos sentimentos simples. Comove-se e emociona os outros. Anima-se e entusiasma os tibios. Leia-se este poemeto:

São os seus olhos de um azul profundo
tirante á cor dolente das violetas.
(Não das que um roxo tem claro e jocundo,
mas das que a chuva torna quasi pretas...)

Isto bem mostra que melancolia
e ternura são neles quasi tudo;
mas, se os acende um raio de alegria,
é diamante a fulgir sobre veludo...

E um halo, azul tambem, leve, dormente,
— dom singular! — lhe flue do olhar fadado,
pondo-lhe em torno aos cilios, docemente,
um cantinho de ceo em cada lado...



DR. VERGILIO CORREIA

A *Atlantida* tem o grande prazer de anunciar aos seus leitores que, a partir d'este numero, aceitou o cargo de secretario de redação da revista o nosso querido amigo e ilustre critico d'arte Dr. Vergilio Correia, cujas altas qualidades de organisador a *Terra Portuguesa* brilhantemente revelou. Vergilio Correia é um nobre espirito, culto, sincero, probo — e um grande talento. Certos de que a *Atlantida* lhe deverá serviços inestimaveis — e que só ele lhe pode prestar, congratulamo-nos com os nossos leitôres pela sua amavel acquiesciencia ao nosso pedido de vir trabalhar comnosco pela grande causa latina.

UM JORNAL

INQUERITOS PATRIOTICOS

Transcrevemos no ultimo numero da *Atlantida* a circular que nos fôra enviada, annunciando o apparecimento do novo jornal *A Patria*. Essa circular tinha a rubrica de *Acção Nacional*.

Não queremos deixar de constatar aqui que os dois documentos que, a seguir, archivamos, demonstram bem que *A Patria* vae ser um orgão de acção nacional no mais amplo e nobre sentido. Chamamos para esses documentos a attenção de todos os homens de pensamento qus lêem e trabalham na *Atlantida* para que secundem o admiravel esforço de *A Patria*, tão digno de louvôr.

INQUERITO COLONIAL

No proximo mez de outubro, encetará a sua publicação o grande diario *A Patria* que se está instalando em edificio proprio e com os recursos suficientes, para, desprendendo-se de toda e qualquer ligação partidaria, se dedicar exclusivamente á formação do novo Portugal, em todos os seus aspétos — social, economico, educativo, literario e cientifico. Como o momento é cheio de duvidas e incertezas, impõe-se absolutamente que os competentes levem ao conhecimento do largo publico os seus estudos e reflexões como elementos orientadores para a solução dos nossos velhos problemas. Assim sendo Portugal o mais antigo paiz colonial da Europa, sem que até agora nós tenhamos tirado do nosso imperio ultramarino o partido e o proveito que para bem da civilisação e nosso deviamos ter tirado, recorre *A Patria* a V. Ex.ª, afim de, por escrito ou por entrevista com qualquer dos seus redatores, lhe comunicar o seu judicioso parecer sobre qualquer ou quaesquer dos seguintes quesitos:

— Quaes os perigos e vantagens do regime de autonomia aplicado ás nossas colonias?

— Será preferivel ao regime de autonomia uma ampla descentralisação administrativa e financeira?

— Em Angola e Moçambique, deve haver um governador ou um alto commissario, investido de largos poderes?

— Qual o futuro das nossas colonias, perante as tendencias absorventes dos povos imperialistas ou a politica da organisação da Africa pelos e para os africanos?

— A economia das colonias ha de ser independente ou complementar da da metropole?

— Convem-lhes o regime de livre transito, porta aberta ou protecionista, simples ou mixto?

— Convem estabelecer uma legistação tendente a suscitar a entrada dos indigenas nos quadros de civilisação europeia?

— Serão os indigenas suscetiveis duma cultura europeia, sem sacrificio das suas modalidades raciaes?

— Quaes as melhores condições para converter em colonisação frutuosa as nossas grandes correntes emigratorias para outros rumos?

— Quaes as culturas agricolas que se hão de favorecer para preencher as deficiencias da metropole?

— Quaes os produtos coloniaes que hoje mais ativamente concorrem aos mercados?

— Quaes as obras de fomento mais urgentes, como estradas, portos, irrigação, etc.

— Qual a organisação mais util do credito colonial?

— Convem estabelecer navegação direta com todas as nossas colonias ou simplesmente com as africanas?

— E na hipotese de ser só com estas, as nossas colonias da Asia e Malasia podem ligar-se por carreiras proprias e diretas com Lourenço Marques, onde se fará a baldeação da carga, ida da Metropole?

— Qual a importancia futura da produção cerealifera nas colonias? e a do café? a do cacau? cana sacarina? oleaginosas? do algodão? do arroz?

— Que medidas urge adotar para que o porto de Lisboa seja o verdadeiro entreposto do comercio colonial, já que não possa ser o seu mercado?

— Qual o regime de instrução das colonias?

— Como orientar a formação dos colonos, atendendo aos carateres especificos da região onde queiram fixar-se?

— Que vantagens resultarão de criar, na Metropole e no Extrangeiro, agencias coloniaes subsidiadas pelos governos ultramarinos, mesmo para efeito de fazer a seleção de certos grupos de colonos?

— Será necessario aumentar as missões civilisadoras?

— Qual o valor e significação das missões religiosas?

— Qual o verdadeiro papel das missões laicas?

— Como havemos de proceder para qae as colonias sejam um fator da nossa regeneração nacional?

Certamente muitos outros quesitos se poderiam propor sobre um assunto tão vasto como momentoso, mas o culto espirito de V. Ex.ª suprirá essa lacuna,

respondendo-nos com plena liberdade. Conta *A Patria* com a boa vontade de V. Ex.ª que se dignará corresponder ao seu apelo, podendo desde já considerar-se um dos que, nas suas colunas, encontrarão sempre campo aberto para a defeza de todos os interesses de carater nacional. Como a hora é grave, ninguem deixará de contribuir, na medida das suas forças, para a desanuvear. Por isso *A Patria* confia em V. Ex.ª.

O ENSINO POPULAR EM PORTUGAL

A guerra veio trazer uma gravidade excepecionnl ao problema do ensino popular em todos os paizes do mundo. Em Portugal, onde não tem havido até agora um plano de conjuncto em materia educativa, a solução d'esse problema, de instante que era, tornou-se de urgencia inadiavel. D'ella depende, com efeito, a resurreição economica, moral e intelectual da nação. Sabido que não ha educação sem instrucção, pergunta-se o que ha a fazer do povo ignorante que é, por culpa dos dirigentes e apezar de toda a boa vontade da Republica, o povo português: Temos de crear em cada cidadão, simultaneamente, um forte sentimento de civismo e uma vigorosa consciencia do seu valor, como unidade de trabalho, de acção e de espirito de iniciativa. E só pelo ensino baseado n'uma *orientadora tendencia educativa,* podemos chegar a este resultado. Para aqueles que não queiram compreender a verdade d'esta afirmação, lembramos que ela foi documentada e ilustrada pelos paizes em guerra: — desde a Alemanha, que, apezar da derrota, conservou intacto o seu culto patriotico; desde a França, que viu triunfar, em cada um dos seus soldados, o espirito admiravel das reformas pedagogicas de Ferry; desde a Belgica, em que surgiu, heroicamente, o idealismo altruista que eu sempre notei nos seus educadores; até á propria Italia, que, nos ultimos anos, tão carinhosamente soubera incutir nas creanças das escolas o amor pela gloria do seu paiz. Na Grecia e em Portugal — já se não conseguiu unanimidade e sentimento deante do conflicto, porque nunca se cultivara, com methodo, persistencia e inteligencia, a alma dos educandos, nem se educara o individuo com o intuito de lhe conferir todo o seu valor de rendimento social. Ora é precisamente a obtenção d'esse *valor de rendimento social* que preocupa todos os educadores modernos, sobretudo depois da guerra — visto que, não o possuindo, ninguem pode ser colaborador util do resurgimento nacional que se impõe a todas as nações da Europa, prejudicadas ou desorganisadas ou indisciplinadas pelo tremendo conflicto.

Com tristeza o confessamos: — em Portugal, este ponto de vista parece quasi ignorado. Certos, porem, de que só a sua adopção e a sua *realisação,* tanto quanto possivel imediata, nos poderão salvar da decadencia que espera todos os povos que não teem o culto da Patria, a compreenção dos seus destinos, e o desejo de fornecer a cada cidadão as possibilidades de exercer o seu mister ou a sua função com probidade e consciencia, — «A PATRIA» abre um inquerito entre todas as pessoas e colectividades a quem estes assumptos interessam. E, compreendendo na expressão *ensino popular o ensino infantil, primario superior* e o *ensino profissional primario e medio,* pergunta:

1.º — Quaes devem ser as bases de um bom ensino civico? Como pode o ensino infantil despertar na creança o amor da Patria? Deve o ensino

civico ensinar apenas o culto das tradições mais nobres da raça, ou ser, sobretudo, um estimulante de *futuras ações uteis* á prosperidade e á grandeza da nação?

2.º — Partindo do principio evidente que a saude fisica é condição primordial para o trabalho e para o rendimento social do individuo, como deve ministrar-se a educação fisica

a) nas escolas infantis;
b) nas escolas primarias;
c) nas escolas primarias superiores
d) nas escolas profissionaes?

3.º — Que papel devem desempenhar, não só para o desenvolvimento fisico do alumno, mas ainda para a cultura do sentimento social, as *excursões escolares ao ar livre, as escolas ao ar livre,* e as *colonias de ferias?*

4.º — Devem as escolas primarias ministrar apenas uma instrução geral? Ou ser como que uma *iniciação profissional* do futuro cidadão, iniciação directamente ligada com as condições economicas da região onde as escolas estão instaladas?

5.º — Até que ponto — caso se entenda que essa iniciação profissional é indispensavel — deve ella fazer-se, sendo certo que nunca poderá sobrelevar á cultura indispensavel que o ensino primario tem de fornecer e á educação patriotica que se requer?

6.º — E' V. Ex.ª partidario das Escolas Moveis e das Bibliotecas Ambulantes? Até que ponto umas e outras podem contribuir para a educação civica das futuras gerações? Deve modificar-se a organisação d'umas e d'outras?

7.º — Satisfazem as nossas escolas profissionaes — industriaes e agricolas — á função para que foram creadas? Quaes os seus erros e faltas? E' V. Ex.ª partidario da *escola-oficina, ou da oficina escola?*

8.º — Qual a iniciativa que as Associações Comerciaes, Industriaes ou Agricolas do paiz devem tomar para a melhoria do nosso ensino profissional? Devem ou não devem estas colectividades, cooperar, *mesmo materialmente,* com o Estado n'essa tarefa de reorganisação pedagogica?

9.º — Como deve modificar-se a nossa legislação operaria, no sentido de permitir á creança que trabalha, sem perigo para a sua saude, a preparação geral ou profissional de que carece?

10.º — Em que região ou districto pode a *secção tecnica* das *escolas primarias superiores* substituir a creação d'uma escola propriamente profissional?

11.º — Até que ponto, em qualquer das escolas que mencionámos, deve intervir a Inspeção de Sanidade Escolar de modo a colaborar eficazmente com os professores na obtenção d'um typo de cidadão sadio de corpo e de espirito, e apto, portanto, a ser uma *unidade patriotica* de reconhecido valor?

12.º — Sendo Portugal um paiz de emigração, é ou não é urgente a criação de escolas para emigrantes, ou deverão ser aproveitadas para esse fim certa ou certas secções das Escolas Primarias Superiores?

INQUERITO IMPORTANTE

DO

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

1.º Situação do comércio entre Portugal e..., principalmente no decénio que precedeu a guerra iniciada em 1914;

2.º Causas principaes que entravaram o maior desenvolvimento mercantil entre os dois paises;

3.º Tendências que presentemente dominam sôbre as futuras correntes comerciais nesse país; recursos directos ou indirectos que Portugal poderá práticamente utilizar para a sua expansão economica, tendo especialmente em vista:

a) Matérias primas que poderão ser exportadas dêsse país, para as nossas indústrias;

b) Matérias primas do solo e da indústria de Portugal e colónias que aí possam ter maior ou nova colocação, considerando as similares que outros paises enviem em concorrência comnosco;

c) Produtos semi trabalhados que haja vantagem em importar ou exportar;

d) Produtos fabricados, de usual consumo em Portugal, que as indústrias daí poderão fornecer em condições vantajosas de concorrencia com outros países;

e) Produtos agrícolas portugueses (vinhos, cortiças, frutas, etc.), da indústria das conservas (sardinha, atum, outros peixes, etc.), e outros artigos que possam suportar a concorrência nos mercados;

f) Situação de defesa, aí existente, sob aspecto prático, das marcas de fábrica e de comércio.

4.º Barateamento dos fretes: tarifas combinadas de terra, mar, rios e canais; que utilidade poderão fornecer aos produtos portugueses na situação actual e quais as possíveis combinações a realizar;

5.º Seguros e resseguros, condições gerais e especiaes;

6.º Considerações sobre a possibilidade de navegação directa entre Portugal e êsse país, tendo, como elemento a não perder de vista, a garantia de carga de retôrno;

7.º Agencias marítimas: acção de concorrencia entre si; influência que exercem no comércio das praças dêsse país, especialmente por meio do tráfego local e de trânsito;

8.º Espionagem comercial: como se acha aí organizada;

9.º Centros distribuidores nesse país; sua acção e importância internacional;

10.º Instituições de crédito que aí facilitam o comércio internacional, nacionais e estrangeiras; seu efeito como orientadoras ou propulsoras das correntes comerciais;

11.º Funções que, como activadores do comércio internacional, aí desempenham os caixeiros viajantes; meios de que usam na prática para suplantar os colegas concorrentes (línguas, estudo antecipado dos mercados, etc.); casas

de comissões, seu funcionamento isolado ou em mecanismo combinado com os caixeiros viajantes e mostruários;

12.º Modos gerais de venda e de pagamentos nas praças dêsse país;

13.º Principais nacionalidades das casas de comissões estrangeiras domiciliadas nesse país; sua importância e influência de que gozam; como recrutam o seu pessoal superior e subalterno, entre os indivíduos do país ou entre os da nacionalidade dos patrões;

14.º Publicações de divulgação comercial; quais são as mais usadas aí; seus efeitos práticos de propaganda:

15.º Subtilezas empregadas pelo comércio local para obter reduções nos direitos alfandegários e taxas internas que incidem sôbre as mercadorias;

16.º Efeitos práticos da politica economica, especialmente aduaneira, seguida nesse país, em relação, pelo menos, ao decénio anterior a 1915, e modificações durante o período de guerra, bem como as tendências que actualmente se esboçam para o regime futuro;

17.º Efeitos aí produzidos pela concentração industrial-comercial e de agrupamentos de interêsses sob qualquer denominação, nacionais e estrangeiros, que nesse país exerçam influência nos preços;

18.º Influência que no comércio local exercem as colónias de nacionais em países estrangeiros, já como consumidores simples, já como elementos de penetração industrial ou mercantil;

19.º Função do Estado no comércio nacional, como meio de incitar, directa ou indirectamente, a sua expansão, principalmente nos ramos importador e exportador;

20.º Exposições locais ou feiras de productos a que possam concorrer estrangeiros; sua importância como activadores do comércio externo; despesas que incidem sôbre expositores;

21.º Flutuações no mercado cambial e sua relação com os factos normais da balança económica e de ordem especulativa, principalmente no decénio anterior a 1915; análise da situação durante a guerra e das tendências actuais;

22.º Independência ou dependência económíca dêsse país;

23.º Comércio livre ou sujeito a restrições;

24.º Monopólios existentes nesse país;

25.º Confronto das situações do grande e pequeno comércio dêsse país;

26.º Probidade do comércio local;

27.º Legislação comercial, considerada sob o ponto de vista das garantias que ofereça às transacções; idade para a capacidade mercantil nesse país; condições legais dos contratos feitos pela via telegráfica;

28.º Condições em que as casas comerciais estrangeiras podem aí constituir-se ou estabelecer representação;

29.º Agências marítimas; cláusulas legais para o estabelecimento das respeitantes a companhias estrangeiras; agências de reexpedição;

30.º Tudo o mais que o contacto com a situação local indicar de utilidade para Portugal.

Toda a colaboração da *Atlantida* é solicitada.

Todas as obras literárias devem ser dirigidas á redacção da Revista e não a qualquer dos seus directores ou colaboradores. A *Atlantida* só inserirá notícia ou juízo crítico sôbre as obras de que lhe sejam enviados 2 exemplares.

Na administração da *Atlantida* pagar-se-hão por 50 centavos o n.º 13, e por 40 centavos os n.ºs 1 e 2 da nossa revista.

"ATLANTIDA"

Nota importante

Toda a correspondencia relativa á redação desta revista deve ser dirigida ao

Dr. Vergilio Correia

Secretario de Redação da ATLANTIDA

Conde Barão, 49 — **LISBOA — PORTUGAL**

Toda a correspondencia relativa á administração deste jornal deve ser dirigida ao

Dr. Jorge de Faria

Administrador da ATLANTIDA

Rua Nova do Carmo, 35, 2.

LISBOA — PORTUGAL

Exerce desde o numero d'hoje, as funções de Director Tecnico da **"ATLANTIDA"** o nosso amigo

Pedro Bordalo Pinheiro

um dos fundadores desta revista, e que de novo por ela vae trabalhar com a sua competencia e entusiasmo de sempre.

Toda a correspondencia lhe deve ser dirigida para

Conde Barão, 49 — **LISBOA — PORTUGAL**

"ATLANTIDA"

Toute la correspondance concernant la rédaction d'«Atlantida» doit être

Adressée à

Mr. Vergilio Correia

Sécrétarie de la rédaction d'ATLANTIDA

Conde Barão, 49

LISBONNE—PORTUGAL

Pour l'administration s'adresser à

Mr. Jorge de Faria

Administrateur d'ATLANTIDA

Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

LISBONNE — PORTUGAL

Pour la direction technique s'adresser à

Mr. Pedro Bordalo Pinheiro

Conde Barão, 49

LISBONNE—PORTUGAL

A "ATLANTIDA"

publicará **um numero duplo** em **Novembro** e outro **numero duplo** em **Dezembro,** para regularisar a sua publicação, grandemente atrazada pela ultima greve tipografica.

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

(Antiga casa Fortunato Chamiço Junior, fundada em 1843)

Effectua as seguintes transacções bancarias:

Compra e venda de cambiaes. — Desconto de letras no paiz e no estrangeiro. — Compra e venda de papeis de credito nacionaes e estrangeiros. — Sacam por telegramma ou mediante letra para todos os paizes da Europa e America do Sul e Norte. — Fornecem cartas de credito. — Recebem dinheiro a conta corrente, á ordem e a praso. — Lançamento de emprestimos por conta de sociedades anonymas. — Transações bancarias e commerciaes em participação.

Cofres fortes para aluguel

EXISTENTES NAS CAVES BLINDADAS DO EDIFICIO

RUA AUREA, n.os 69 a 79—LISBOA

(EDIFICIO PROPRIO)

Telephones: Central 533 e 1589—Telegrammas: TOTTAJO

AGENTES

da Companhia de Seguros GARANTIA

DO PORTO

— **TELEPHONES: Central 533 e 1589** —